

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

WILLIAN MANCINI VIEIRA

IMAGO CLAUDII: AS REPRESENTAÇÕES DE SÊNECA, TÁCITO E
SUETÔNIO SOBRE O IMPERADOR CLÁUDIO E SEU PRINCIPADO.

Mariana
2012

WILLIAN MANCINI VIEIRA

IMAGO CLAUDII: AS REPRESENTAÇÕES DE SÊNECA, TÁCITO E
SUETÔNIO SOBRE O IMPERADOR CLÁUDIO E SEU PRINCIPADO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração Poder e Linguagens, linha de pesquisa Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. FÁBIO
FAVERSANI

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2012

V658i **Vieira, Willian Mancini.**

Imago Claudii [manuscrito] : as representações de Sêneca, Tácito e Suetônio sobre o Imperador Cláudio e seu principado / Willian Mancini Vieira - 2012.

174f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Favversani.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Roma - História - Império, 30A.C.-284D.C. - Teses. 2. Tácito, Cornélio - Teses. 3. Cláudio, Imperador de Roma, 10a.C.-54d.C. - Teses. 4. Sêneca, Lucius Annaeus - Teses. 5. Suetônio - Teses. I. Universidade Federal de Ouro


Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br




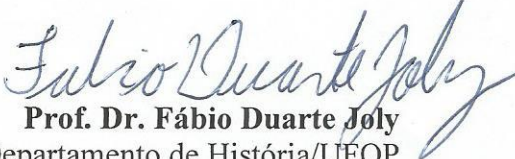
Willian Mancini Vieira

“Imago Claudii: as representações de Sêneca, Tácito e Suetônio sobre o Imperador Cláudio e seu principado”.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.


Prof. Dr. Orientador Fábio Faversoni
Departamento de História/UFOP


Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva
Departamento de História/UFES


Prof. Dr. Fábio Duarte Joly
Departamento de História/UFOP

*Dedico este trabalho à minha mãe Maria Helena
e à minha família pelo apoio incondicional*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto, a qual eu passei estes últimos sete anos, e que me ofereceu toda a estrutura possível para que eu pudesse desenvolver minha pesquisa da melhor maneira. Fazer minha graduação e minha pós-graduação em Mariana foi muito importante e gratificante para mim.

Ao meu orientador, professor-doutor Fábio Faversoni por ter me apoiado tanto na graduação como na pós-graduação. Na falta de minha família ele sempre esteve presente para me incentivar, aconselhar e repreender meus erros, como se também fizesse parte da minha família. Ao LEIR, principalmente aos integrantes do núcleo da UFOP, por compartilharem de seus conhecimentos e cooperarem em muito com minha pesquisa. Agradeço aos professores Dr. Gilvan Ventura da Silva e Dr. Fábio Duarte Joly por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora.

À minha família e amigos de Guaranésia que mesmo eu me mostrando ausente em vários momentos sempre torceram por mim. Agradeço a meus amigos e irmãos da República Cangaço, que sempre estiveram presentes nestes últimos sete anos e que alguma forma contribuíram para minha pesquisa e que eu permanecesse em Mariana por tanto tempo. Agradeço a minha amiga Iara, por sempre estar disposta a verificar meu texto e por me oferecer apoio em vários momentos que precisei. Às minhas amigas Ana Paula e a Polyana por também me oferecerem grande apoio e acreditarem em mim. Aos meus colegas de pós-graduação que me possibilitaram bons debates. E as diversas pessoas que contribuíram para meu crescimento intelectual e espiritual ao longo desses anos.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que me apoiaram e também àqueles que duvidaram de mim, porque estes últimos me deram força para eu acreditar mais em mim e prosseguir batalhando.

Resumo

Mancini, Willian, Vieira. *Imago Claudii: as representações de Sêneca, Tácito e Suetônio sobre o Imperador Cláudio e seu principado.* / Willian Mancini Vieira. – 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

A presente dissertação trata da análise da representação do Imperador Cláudio em três fontes: *Apocolocyntosis* de Sêneca, *Anais* de Tácito, e *A Vida dos Doze Césares* de Suetônio. A representação do Imperador Cláudio, que governou de 41 a 54, nas fontes apresenta um imperador fraco e inapto, manipulado por suas mulheres e libertos. Com o passar do tempo, a historiografia passou a retratar este imperador de forma diferente, valorizando mais suas ações de governo do que sua personalidade ou os problemas na Corte Imperial. Mesmo entre as representações feitas por Sêneca, Tácito e Suetônio existem elementos distintos para compor a representação deste imperador. Este estudo leva a concluir quais os elementos utilizados nas fontes para compor a representação de Cláudio e o porquê de seu uso. Assim, entendendo o processo de montagem da representação de Cláudio podemos conhecer as expectativas que se tinham de um bom imperador e da sociedade romana com um todo.

Palavras-chave: Imperador Cláudio, Sêneca, Tácito, Suetônio, representação, Império Romano.

Abstract

Mancini, Willian, Vieira. *Imago Claudii: as representações de Sêneca, Tácito e Suetônio sobre o Imperador Cláudio e seu principado.* / Willian Mancini Vieira. – 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

This dissertation analyzes the representations of Emperor Claudius by three sources: Seneca's *Apocolocyntosis*, Tacitus' *Annales*, and Suetonius' *Vita Caesarum*. Such representations of Claudius, who ruled from 41 to 54, in general reveal a weak and unqualified emperor, manipulated by women and freedmen. More recently the historiography has changed its view of this emperor by giving more importance to his political decisions than to his personality or events in the imperial Court. Even in the representations of Claudius by Seneca, Tacitus and Suetonius it is possible to discern contrasting elements that compose the image of this emperor. This study seeks to point out these elements and explain their respective reasons by the sources above mentioned. By understanding the process of composition of the representation of Claudius, we can perceive the expectations of the aristocracy in relation to the emperor and to the Roman society as a whole

Keywords: Emperor Claudius, Seneca, Tacitus, Suetonius, representation, Roman Empire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O PODER DO PRINCEPS: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE AS BASES DO PODER DO IMPERADOR EM ROMA	21
1.1 O Poder Imperial em meio à República	23
1.2 O Patronato do <i>Princeps Civilis</i>	27
1.3 Soberania do <i>Princeps</i>	31
1.4 O <i>Princeps</i> e os grupos sociais	35
1.5 O Principado de Cláudio	38
2 SÊNECA E A CRUEL PERSPECTIVA EM <i>APOCOLOCYNTOSIS</i>	49
2.1 Cláudio, Sêneca e a <i>Apocolocyntosis</i>	49
2.2 A perspectiva de Sêneca em <i>Apocolocyntosis</i>	56
2.2.1 Perseguição e assassinato de senadores	57
2.2.2 Ações de Governo	61
2.2.3 A Domus Caesaris	65
2.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio	67
2.3 Conclusão	75
3 TÁCITO E A PERSPECTIVA DA <i>DOMUS CAESARIS</i>	78
3.1 Tácito e o Principado	78
3.2 A perspectiva taciteana do Principado de Cláudio	82
3.2.1 Perseguição e assassinato de senadores	85
3.2.2 Ações de Governo	90
3.2.3 A Domus Caesaris	102
3.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio	108
3.3 Conclusão	111
4 SUETÔNIO E A INAPTIDÃO DE CLÁUDIO PARA O PRINCIPADO	113

4.1 Suetônio e o Principado.....	113
4.2 A perspectiva suetoniana do Principado de Cláudio	114
4.2.1 Perseguição e assassinato de senadores	118
4.2.2 Ações de Governo.....	121
4.2.3 A Domus Caesaris	129
4.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio	137
4.3 Conclusão.....	143
5 CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152
ANEXOS.....	157
ANEXO 1	158
ANEXO 2	159
ANEXO 3	160
ANEXO 4	161
ANEXO 5	162
ANEXO 6	165
ANEXO 7	166
ANEXO 8	167
ANEXO 9	168
ANEXO 10	169
ANEXO 11	170
ANEXO 12	171
ANEXO 13	172
ANEXO 14	173
ANEXO 15	174
ANEXO 16	175

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo nesta dissertação é buscar a compreensão do processo de montagem da representação de Cláudio ao longo dos primeiros anos do Principado, analisando três obras: *Apocolocyntosis* de Sêneca, *Anais* de Tácito e *A Vida dos Dozes Césares* de Suetônio. Buscaremos os elementos utilizados por cada autor, principalmente aqueles de cunho moral, para formular a sua representação de Cláudio, assim como comparar os elementos de cada obra, e analisar quais deles se diferenciam, quais se assemelham, e o porquê disso ocorrer. Também é válido para entender este processo de domínios de representação comparar as representações que as fontes fazem com as que a própria máquina imperial do período claudiano fazia de si mesma. Nosso trabalho desperta interesse pela relevância dos estudos que, desde os anos de 1930 até hoje, indica um crescimento dos trabalhos que abordam o Imperador Cláudio e uma mudança na abordagem sobre a importância e representação deste imperador. Para citar alguns desses estudos temos Momigliano, que escreve nos anos de 1930, Scramuzza¹, nos de 1940, em 1990, Levick e, por último, Osgood em 2010. Esta historiografia contempla abordagens deste imperador tanto no seu aspecto pessoal, apresentando sua personalidade, seu perfil psicológico e a relação com os demais estratos sociais bem como com a *familia Caesaris*; como o seu governo, analisando a relação entre Cláudio e o Senado, as obras realizadas e a administração dos setores-chaves do funcionamento da máquina imperial. Pela amplitude da abordagem, o veredito da historiografia atualmente aponta para um imperador taxado por parte da historiografia como um usurpador inapto, situado em um meio corrupto. Tanto o Senado como a *Domus Caesaris* são descritos com esse perfil de corrupção. Mesmo assim, Cláudio teria realizado um governo ao mesmo tempo antiquado, por voltar com práticas e costumes em desuso ao longo do início do Principado, e empreendedor, por ter realizado uma série de obras públicas e ter renovado o Senado romano com a introdução de provinciais.

Dião Cássio já teria analisado o Principado Claudiano por essa ótica. Em sua obra sobre a História de Roma, esse autor também constrói uma representação de um

¹ Uma das dificuldades do estudo de História Antiga no Brasil é a dificuldade do acesso à bibliografia especializada. A obra de Vincent Scramuzza, *Claudius*, é um exemplo deste fato. Apesar de termos conhecimento de sua existência, através de referência de outras obras, não conseguimos acesso a essa obra, tanto pelo livro como por meio digital.

Cláudio inapto e vicioso, até mesmo pelo tratamento da própria família, mergulhado em um meio corrupto, mas também conta que realizou feitos que mereceram ser destacados como bons. Tácito e Suetônio também constroem uma representação do Imperador Cláudio marcadamente moral. Tácito se centra na perspectiva de que o Imperador e a *Domus Caesaris* são centro de referência moral do Império. O comportamento inadequado deste imperador e dos membros dessa casa, na visão do historiador, gerou uma imagem negativa de Cláudio, como tirano, ora covarde, ora sanguinário. Nota-se ambiguidade na obra de Tácito quando ele mostra por um lado a imagem de um tirano sanguinário e por outro a imagem de um covarde passivo. Suetônio, por sua vez, constrói a representação desse imperador partindo de sua inaptidão física e moral. Ele alega ser injustificável sua ascensão ao posto imperial. No relato suetoniano, o caráter sanguinário de Cláudio é ofuscado pelo destaque dado a sua inaptidão e passividade diante da ação de mulheres e libertos.

Todas essas fontes anteriores têm como referência Sêneca e sua sátira *Apocolocyntosis*. Não que Tácito, Suetônio ou Dio Cássio não tivessem tido acesso a outras fontes, mas é notória a recepção da obra de Sêneca por estes autores e de sua representação de Cláudio séculos depois de ter escrito sua obra. Os elementos presentes na obra, tais como os vícios e o comportamento de Cláudio, certamente formam a base para as representações construídas. Ou seja, existe uma supremacia da obra senequiana diante de outras prováveis fontes usadas por Tácito e Suetônio. Sêneca constrói uma *imago* de Cláudio em que duas características sobressaem às demais: a estupidez, com a qual Cláudio é apresentado no início, e a mais marcante, após a passagem do discurso de Augusto (SEN. *Apocol.* X), a crueldade. Assim a sua passividade, representada pelo servilismo de Cláudio, é notada apenas diluída em poucas passagens na obra de Sêneca. Isso marca a mais profunda diferença entre Sêneca e os demais autores das outras grandes fontes que tratam de Cláudio e seu principado. A passividade de Cláudio em Sêneca é quase inexistente: a intenção do autor é reafirmar a estupidez (que poderia ser associada à passividade) e, com maior ênfase, a crueldade. Messalina ou Agripina, esposas de Cláudio e que estiveram por trás de várias intrigas palacianas, em momento algum são citadas como coautoras dos crimes no Principado de Cláudio, bem como os libertos. A única parte em que é apresentada a culpa dividida entre Cláudio e outras personagens é no momento da sátira em que Cláudio encontra no Tártaro Messalina e Narciso. Ou seja, na perspectiva senequiana Cláudio é o único responsável pelos crimes

cometidos em seu governo. Na contramão das perspectivas das fontes literárias, estátuas, epigrafia e numismática apresentam outra imagem de Cláudio. Logicamente devemos refletir sobre a questão da autoria e do domínio destas diferentes representações. Sendo estas representações em grande número, usando diferentes suportes e regimes de registro, seria impossível compará-las todas no âmbito de uma dissertação de Mestrado. Sendo assim, neste trabalho nos propomos a analisar as fontes antes destacadas: os *Anais*, de Tácito; a *Vida de Cláudio*, de Suetônio, e a *Apocolocyntosis*, de Sêneca.

O uso do termo em latim *imago* é baseado na ideia de representação, imagem mental. Esse termo é também citado em Quintiliano: “*quarum ambitiose a quibusdam numerus augetur, sed maxime necessarias attingam. est igitur unum genus, quo tota rerum imago quodammodo verbis depingitur*” (QUINT. *Inst.* VIII, 3.64, grifo meu) e Tácito: “*an, si ad moenia urbis Germani Gallique duxerint, arma patriae inferetis? horret animus tanti flagitii imagine.*” (TAC. *Hist.* IV, 58, grifo meu).

Para o entendimento desse conceito, aplicamos as teorias apresentadas por Roger Chartier na obra “A História Cultural: entre práticas e representações”. Nesta obra, o autor elucida como o estudo das representações favorece os estudos das Ciências Sociais, e, evidentemente, os estudos da História, a captar as diferentes realidades sociais que norteiam as fontes com as quais trabalhamos. Para Chartier, é essencial que identifiquemos o modo como é construído, pensado, dado a ler os diferentes lugares e momentos dentro da realidade social.

Quando nos voltamos para a vida social, tomamos como objetos as formas e os motivos para a sua representação e procuramos ter como pensamento a análise do trabalho de representação das classificações e das exceções que constituem as configurações sociais e conceituais de um dado espaço e tempo. No entanto, o que Chartier analisa como História Cultural é que devemos refletir sobre o sentido que estas representações tomam:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta

investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.²

Para Chartier, compreendemos melhor uma obra e a intenção do autor quando levamos em consideração o contexto no qual o seu trabalho fora produzido e, por este motivo, devemos ter em mente o processo de civilização. Este possibilita ao historiador seguir do discurso ao fato, indagando a fonte como simples instrumento de mediação e também como testemunho de uma realidade. Mesmo que as representações busquem a universalidade, devemos ter em mente que elas são determinadas predominantemente pelos grupos que as forjam.

Aplicando esses conceitos de Chartier à nossa pesquisa, constatamos que há, tendo como ponto de análise o Principado de Cláudio, uma disputa de interesse ao determinar a representação, a *imago* deste imperador. Ao analisarmos as três fontes, a sátira *Apocolocyntosis* de Sêneca, a história *Anais* de Tácito e a biografia *Vida dos Doze Césares* de Suetônio, percebemos uma gama de elementos utilizados para montar a representação desse imperador que são decididos de forma arbitrária para corresponder a determinado interesse do autor de cada obra. Vários são os motivos que levaram os autores a escolherem os elementos, e, ao buscar a resposta pela sua escolha, elucidamos um pouco da sociedade do autor no dado momento da composição de sua obra. Ainda aqui, há a possibilidade de contrapor a imagem gerada pelos autores com a imagem divulgada pelos meios dominantes do Principado. Através do estudo da numismática, da epigrafia, de fontes textuais, de esculturas, avaliamos também a imagem que o próprio imperador queria passar de si mesmo. E, a partir desse processo, podemos entender o porquê alguns elementos da representação esboçada pela *Domus Caesaris* permaneceram e outros foram deturpados em cada obra.

Outro conceito que norteou esta pesquisa é a dicotomia entre público/privado. Analisamos como base para a definição de público e privado o estudo de Aloys Winterling no quarto capítulo de sua obra *Politics and Society in Imperial Rome*. Neste capítulo o autor esclarece que no Império o problema da distinção entre público e privado torna-se mais marcante. Primeiro, porque o Imperador não se encaixa na

² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

estrutura da república, como um magistrado, não podendo ser deposto e apenas substituído quando morto. A *domus* do *Princeps* se desenvolveu para uma *aula*. E em muitos aspectos era aberta a vários setores da população, adquirindo característica de espaço civil mesmo mantendo fundamentais distinções. O *fiscus*, *patrimonium* e libertos e escravos são elementos aqui que também são importantes a serem observados, pois, apesar de estarem ligados diretamente ao Imperador são de utilidade da sociedade como um todo. O *fiscus* e o *patrimonium*, quando bem administrados, não beneficiavam apenas o imperador e sua família, mas o Império. Já os escravos e libertos, apesar de terem vínculos familiares com os Imperadores, eram incumbidos a postos-chaves na administração imperial e transferidos ao sucessor do trono quando um imperador morria. Também vale aqui ressaltar que a posição de destaque do *Princeps* favorecia que mulheres e outros familiares ao seu redor adquirissem um poder político, apesar de serem barrados - como no caso das mulheres - na arena política. É fácil provar que a diferença entre as antigas e modernas circunstâncias têm sido utilizadas para a terminologia de público e privado. O poder de vida ou morte dos *patres familias* - em contraposição a uma prerrogativa pública ou de autoridade do Estado em julgar as pessoas, as diversas áreas de uma *domus* que se distanciam da privacidade no sentido moderno, ou mesmo os banquetes que no mundo romano podem ser analisados como algo particular - é visto com fins políticos, logo público, nos tempos modernos.

Segundo Winterling a análise das fontes não nos permite com exatidão definir o que é público e o que é privado para os romanos. No entanto, Winterling aponta para a análise do uso semântico de tais termos para assim se definir o que seria essas duas categorias, especialmente sua aplicação sobre a estrutura sociopolítica do Império, legitimando o governo do *Princeps*.

Magistrados 'privados', segredos 'públicos', jogos 'privados' diante do público cívico, a sequência "público - privado - imperial" que simultaneamente mantém e anula os termos opostos: enquanto a continuação da velha dicotomia claramente possui um caráter contrafactual, essa inovação semântica produz paradoxos por ser contemporânea com a antiga terminologia. A expectativa normativa do comportamento do Imperador que vinha de mão em mão com as novas distinções *princeps/privatus* e *princeps/publicus* é igualmente paradoxal. Era esperado que ele se comportasse como um *privatus* ainda que ele fosse fundamentalmente diferente dos outros.³

³ WINTERLING, Alloys. *Politics and Society in Imperial Rome*. Wiley-Blackwell. 1. ed. 2009, p. 73

Outro uso semântico destacado por Winterling e que merece destaque é o que a própria máquina imperial se utilizou para se posicionar dentro da dicotomia de *publicus/privatus*. Segundo o autor, principalmente do período de Nerva a Marco Aurélio, momento em que as instituições do governo imperial já estavam seguramente concretizadas, permitiu-se aos imperadores adaptarem-se a esta crítica “republicana”, excluindo a figura do Imperador do discurso. Ao se excluir o Imperador, gerou-se uma forma ambígua de discurso, um tipo de paradoxo que vinha sendo realizado, e que retia a contrafactualidade em que Imperador e aristocracia já estavam inseridos. Ou seja, este processo significou um possível afastamento da corte dos assuntos restritos unicamente ao Estado romano. A aristocracia aceitou este discurso, que desencadeou o mesmo tempo na perda da função de manter a velha *Res Publica*.

O terceiro uso semântico destacado por Winterling apresenta duas dicotomias *princeps/privatus* e *princeps/publicus*. Através dessas é permitido ao Imperador ser analisado diante dos dois contextos, e não fugindo da situação singular oferecida pelo Principado, em que instituições republicanas existem, mas que se mostram por diversas vezes subordinadas ao poder imperial:

Por este razão, a nova diferenciação semântica contemporânea, respectivamente, *princeps/privatus* *princeps/publicus*, que almejava fazer justiça às mudanças, foi capaz apenas de tomar a forma do paradoxo "público - privado - imperial". Enquanto a velha distinção subordinava o Imperador e sua esfera de ação à diferença em uma maneira contrafactual, e a nova paradoxalmente depositava - de novo contrafactualmente - distinguir a um Imperador público de um Imperador privado.⁴

Desta forma, para nossa pesquisa, a conjuntura *princeps/privatus* visou à análise do Imperador em relação à *aula Caesaris*, e *princeps/publicus* a análise do Imperador em relação às políticas do Estado Romano. Isto permite que possamos ler as fontes de maneira a distinguir o Imperador com relação ao controle exercido sobre a *aula*, o modo como essa era representada através da máquina imperial, e o modo com que seus membros adquiriam influência junto ao Imperador e como a usavam. Do mesmo modo, permite também avaliar as ações dos Imperadores voltadas para o Estado Romano, como exemplo sua relação com o Senado, com as legiões, com os povos limítrofes ao Império Romano e as políticas de construção de obras públicas.

⁴ *Idem*, p. 76.

É essencial esta diferenciação para entendermos melhor a representação de Cláudio, principalmente para a historiografia que tende a demarcar fortemente os assuntos relativos à *domus Caesaris* e a política de Estado empregada por este Imperador.

Buscamos analisar o processo pelo qual as fontes criam a *imago* de Cláudio. Aventamos a hipótese que essa *imago* possui elementos comuns nas três fontes analisadas, mesmo essas sendo de gêneros literários distintos e de épocas distintas. Cremos que a partir da primeira *imago* criada por Sêneca na sátira menipéia *Apocolocyntosis* são gerados certos signos, certas perspectivas, certas expectativas que perduram ao longo do tempo até serem novamente observados na obra *Anais* de Tácito. Esta obra de cunho histórico que aborda tanto os assuntos relativos à política do Império como os assuntos da corte no Principado de Cláudio continua a usar certos signos, certas perspectivas que já se encontravam presentes em Sêneca. O mesmo processo de uso de certos signos e expectativas ocorre com a obra *A Vida dos Doze Césares*, que contém uma biografia de Cláudio.

Outra hipótese com a qual trabalhamos é que grande parte das *imagines* geradas nas três obras são fundamentadas em aspectos morais. Estes aspectos morais são representados tanto por um *mos maiorum* quanto por expectativas tidas como ideais de comportamento dos Imperadores nas dicotomias *Princeps/publicus* e *Princeps/privatus*. A aproximação ou afastamentos dessas duas normativas determinaram o caráter que a *imago* de Cláudio adquiriu em cada obra analisada.

Nossa pesquisa se divide em quatro capítulos. Um de debate historiográfico intitulado “O Poder do *Princeps* - um breve balanço historiográfico sobre as bases do poder do Imperador em Roma”, em que abordaremos as diversas instâncias de sustentação do poder imperial. Faremos uma escolha por quatro perspectivas: a primeira delas analisa que o período imperial é formado por uma diarquia (Imperador e Senado governando o Império cada qual com sua jurisdição, e cada um legitimando a ação do outro), a segunda sobre o poder imperial estaria relacionada ao emprego do patronato imperial, e de como a aplicação deste possibilitou a formação de um partido ou de uma corte que centralizou o poder do Império em uma casa, a *Domus Caesaris*; a terceira

perspectiva se baseia em analisar o Imperador como alguém soberano e o controle do exército e de algumas instâncias judiciárias confeririam ao Imperador poder absoluto sobre os demais súditos, e uma última é dada pela relação entre Imperador e os diversos grupos sociais formadores do Império, tais como a aristocracia senatorial e a plebe, e como o controle destes grupos davam suporte tanto à política imperial como à própria pessoa presente no cargo de *Princeps*.

Também neste capítulo falaremos um pouco sobre o Principado de Cláudio, e sua relação com aos diversos setores da sociedade romana: a tentativa de uma política de harmonia com o Senado, o tradicionalismo e conservadorismo de seu Principado, a centralização política, valorização da disciplina nos exércitos, a política de apoio às províncias, as reformas na composição do Senado. Isto de maneira simplificada, já que retomaremos estes assuntos ao longo dos demais capítulos.

Os demais capítulos trataram da abordagem das fontes. Escolhemos separar cada fonte em um capítulo para aprofundar em suas particularidades. No entanto, sem perder a importante conectividade existente entre elas. O segundo capítulo intitulado “Sêneca e a cruel perspectiva em *Apocolocyntosis*” trata da obra de Sêneca, *Apocolocyntosis*, e a representação de Cláudio que se extrai desta. Falaremos um pouco sobre a vida de Sêneca e o contexto de sua atuação no Império. Também abordaremos sua relação direta com o Imperador Cláudio, tratando seu exílio e seu retorno como tutor de Nero, e por fim a sua obra *Apocolocyntosis*.

Feito isso iremos para a análise da fonte em si. Listarei as passagens que tocam em determinados valores da representação de Cláudio e comentarei os recursos utilizados por Sêneca para criar uma perspectiva negativa de Cláudio. Estes valores, de início, pensamos em separar nas seguintes partes:

- Perseguição e assassinatos de senadores;
- Ações de governo;
- *A Domus Caesaris*;
- Comportamento e postura do Imperador Cláudio.

O terceiro capítulo dedicado à análise da obra de Tácito é intitulado “Tácito e a perspectiva da *Domus Caesaris*”. Neste capítulo abordaremos a obra de Tácito, *Anais*, e a representação que este autor faz do Imperador Cláudio. Falarei um pouco sobre a vida de Tácito, dando enfoque ao período de sua vida em que esteve presente nas esferas de poder durante os principados de Domiciano e Trajano. Analisarei alguns pontos centrais para a composição de sua obra, bem como estes se relacionam com o Principado em si. Por fim, falarei um pouco sobre a obra em análise, os *Anais*, dando enfoque à composição dos livros sobre o Principado de Cláudio.

Feita esta etapa, partirei para a análise da fonte em si. Novamente listarei as passagens que tocam determinados valores atribuídos a Cláudio e que são evidentes em sua representação na obra de Tácito. A divisão destes valores ao longo do capítulo seguirá um modelo semelhante ao do capítulo anterior, ficando divididos nas seguintes partes:

- Perseguição e assassinato de Senadores;
- Ações de governo;
- A *Domus Caesaris*;
- Comportamento de Cláudio.

O quarto capítulo intitulado “Suetônio e a inaptidão de Cláudio ao Principado” aborda a obra de Suetônio, *A Vida dos Doze Césares*, e a representação que este autor faz de Cláudio nesta obra. Falaremos um pouco sobre o autor e como este se insere na estrutura de poder imperial, como por exemplo, quando ocupou o posto de *ab epistulis* durante o Principado de Adriano. Analisaremos também alguns temas centrais na composição das biografias suetonianas, destacando como é estruturada a biografia de Cláudio.

Realizada esta etapa, faremos a análise da obra em si e dos elementos utilizados por Suetônio para a composição de uma representação de Cláudio, tendo como ponto chave a inaptidão deste como característica marcante da biografia. A divisão dos elementos que propõe neste capítulo terá algumas diferenças em relação aos demais:

- A família de Cláudio;
- Falta de um grande *cursus honorum*;
- Ascensão ao Principado de ações de governo;
- Postura e comportamento de Imperador.

Por fim, realizaremos uma conclusão onde buscaremos interligar as ideias presentes nos quatro capítulos anteriores de forma definitiva.

1 O PODER DO PRINCEPS: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE AS BASES DO PODER DO IMPERADOR EM ROMA

Este levantamento historiográfico visa a analisar quais são as principais abordagens no estudo das bases do poder dos Imperadores romanos. Este tema é central aos estudos do Principado romano e tem sido abordado sob as mais diferentes perspectivas, uma vez que envolve os mais diversos campos da experiência social, como, para citar os exemplos mais marcantes, a economia e a religião. Nossa intenção é apontar que para estas diversas perspectivas existem tanto a influência da esfera pública quanto da privada para a manutenção do poder por parte de Imperador. Relações de patronato e servilismo, característicos da esfera privada, sendo praticados pelos grandes senhores da aristocracia e seus libertos e escravos, estão constantemente associadas com atitudes de alcance público tal como o comando das legiões e outras ações a serviço do Império.

Este capítulo surgiu da necessidade de se rever parte do que havíamos proposto no projeto de mestrado, que visava a abordar o conceito de *mos maiorum* nas representações dos Imperadores romanos. Porém, ao longo da pesquisa, alguns questionamentos às proposições iniciais foram se consolidando e isto implicou em um desvio do objetivo central inicial. Questões como: O que é, em um todo, o *mos maiorum*? E, se ele é mutável, como já fora apresentado no projeto de pesquisa, de qual *mos maiorum* trataremos para estudar como o governo de Cláudio foi avaliado? Seria aquele ligado ao tempo da fundação de Roma? Ou seria aquele vinculado ao projeto de restauração de Augusto, que pregou uma revalorização deste conceito e fez uso dele para aumentar seu poder? Ou talvez aquele da época de Cláudio, que, assim como Augusto, almejou que a sociedade se voltasse ao *mos maiorum* como forma de conduta social? Ou ainda aquele da época de Tácito e Suetônio, que tem como referência as virtudes de Trajano como possível definição do *mos maiorum*?

A solução encontrada por nós para assim podermos analisar o julgamento moral dos Imperadores romanos, e em especial Cláudio, tem como base as expectativas que principalmente a aristocracia romana tinha sobre o que um Imperador teria que ser e fazer. Esta informação é possível observar nos documentos, já que as três fontes

utilizadas para nossa pesquisa foram escritas por aristocratas romanos. Sêneca e Tácito eram senadores, enquanto Suetônio era equestre. Todos eles estiveram presentes na corte imperial. De forma mais destacada temos o caso de Suetônio, que foi *ab epistulis* no Principado de Adriano e o de Sêneca, preceptor e um dos principais conselheiros de Nero. Nos escritos destes autores é possível observar que a aristocracia romana tinha uma série de expectativas sobre o que o Imperador deveria fazer para governar e, assim, ser considerado um bom Imperador. Boa parte destas expectativas é comum para as três fontes que analisamos – *Apocolocyntosis*, de Sêneca, *Anais*, de Tácito, e *A Vida dos Doze Césares*, de Suetônio.

Primeiramente optamos, assim, pela discussão de quatro possíveis visões para se entender o poder imperial em Roma. Como uma primeira visão, destacaríamos aquela que analisa que o período imperial é formado por uma diarquia (Imperador e Senado governando o Império, cada qual com sua jurisdição, e cada um legitimando a ação do outro). Esta perspectiva se concentra em uma leitura da sociedade romana por um caráter mais jurídico, mais preso às leis, e que tem como grande nome o historiador alemão Christian Mathias Theodor Mommsen. Outra visão sobre o poder imperial estaria relacionada ao emprego do patronato imperial, e de como a aplicação deste possibilitou a formação de uma corte que centralizou o poder sob o Império em uma casa, a *Domus Caesaris*. Como grande nome dessa perspectiva, temos Andrew Wallace-Hadrill. Uma terceira visão toma o Imperador como um soberano que tem no controle do exército e de algumas instâncias judiciárias as fontes de seu poder absoluto sobre os demais súditos. Como um nome que classificamos seguir esta visão, temos Edward Gibbon. E uma última visão é dada pela relação entre Imperador e os diversos grupos sociais formadores do Império, tais como a aristocracia senatorial e a plebe, e como o controle destes grupos dava suporte tanto à política imperial como à própria pessoa presente no cargo de *Princeps*. Como exemplo, analisamos o estudo sobre a honra de Lendon.

Outra escolha efetivada diz respeito ao recorte temporal. Centramos nossa análise no período que a historiografia chama de “Alto Império”, que se estende do ano 31(ou 27) a.C. até 193 d.C. Esta escolha tem como critérios o fato de as fontes estudadas (Sêneca, Tácito e Suetônio) estarem situadas neste recorte temporal e pelo fato de que no século III a sociedade romana passaria por uma série de mudanças

sociais que alterariam significativamente as formas de poder, em especial em razão da assim chamada “anarquia militar” e a ampla difusão do cristianismo, com sua adoção pelos Imperadores, o que alterou bastante os aspectos simbólicos relativos ao poder.

A apresentação da bibliografia se concentrará na análise de como os historiadores destacam os meios pelos quais os Imperadores romanos do século I e II mantinham seu poder frente à sociedade e por quais vias eram questionados ou mesmo contestados e depostos.

1.1 O Poder Imperial em meio à República

Uma das hipóteses para explicar a manutenção do poder imperial está centrada na ideia de que houve uma preservação das magistraturas republicanas em meio a um sistema imperial. Essas magistraturas republicanas teriam sido a base para a administração imperial nos anos iniciais do Principado. Ou seja, Principado e República seriam sistemas diferentes e até mesmo opostos (conforme o aspecto que se considere), mas que se sobrepuseram constantemente.

Estas declarações, relativas à situação jurídica, também são inequívocas: regime senatorial e o mando do imperador são incompatíveis em termos de direito constitucional ("exclui ... uns aos outros"), eles só coexistem, e a convivência não é uma expressão dentro do sistema jurídico. Isto é descrito como "real" ("praktisch"), um termo (semelhante à encontrada em "factual" e "de fato"), que emprega regularmente Mommsen como antônimo de "legal". Segundo Mommsen, *dyarchia* descreve, portanto, um estado constitucional de coisas em que duas estruturas legalmente incompatíveis de organizações políticas ("instituições") convivem lado a lado.⁵

Nesta perspectiva, o Imperador não possuía amparo legal coerente que legitimasse seu poder por si mesmo. Os imperadores precisavam buscar então no Senado e no povo de Roma a legitimação de seu poder. O Senado e o povo de Roma esperavam que o Imperador, por meio desse poder a ele concedido, zelasse pela ordem e que os eventos das Guerras Civis, que assolaram Roma no fim do século I a.C., e voltaram a perturbar a paz interna nos anos 68-69 d.C. não ocorressem novamente.

⁵ WINTERLING, Aloys. *Politics and Society in Imperial Rome*. London: Wiley-Blackwell, 2009, p. 130.

Nesta perspectiva, quando Augusto restabeleceu a paz interna, ele disse não fundar uma nova forma de governo, mas que estava restituindo os poderes ao Senado e ao povo de Roma⁶.

Mommsen (1875) tem como princípio a ideia de uma diarquia no Império romano. Desde os primórdios da república, as principais magistraturas eram compostas aos pares: dois cônsules, dois pretores (exceção à ditadura, que correspondia a uma situação extraordinária). Assim, mesmo no Principado, o Império mantinha-se em uma diarquia: o Senado com poderes perpétuos e que faziam a transição de poder de Imperador para Imperador, e o Imperador que dava ordem à sociedade como um todo a partir da vitória de Augusto na batalha de Ácio (31 a. C.). Os únicos dispositivos “legais” obtidos por Augusto para formalizar seu poder foram o *imperium proconsulare* e a *tribunicia potestas*. Havia um auxílio mútuo entre Senado e Imperador. Como nos apresenta Winterling, a ideia de diarquia de Mommsen estaria marcada na rotina da atividade pública. A distribuição de responsabilidades entre imperador e senado deixaria claro também certo desequilíbrio entre os dois polos de poder. Para Winterling:

Em relação aos assuntos da administração prática, Mommsen diagnosticou de certo modo uma colaboração de Senado e Principado, em parte um divisão de competências, e de certo modo uma competição entre ambos "nos quais, contudo o poder imperial é absolutamente o mais forte". Mommsen cita em geral, a administração imperial como um exemplo de divisão de competências, divididos em termos de situação entre Senado (províncias senatoriais, Roma e a Itália) e Imperador (administração imperial; por conseguinte as finanças públicas - o Senado era responsável pelo fundo comunal, o *aerarium*, cuja significância, contudo, diminuiu em relação ao novo fundo imperial; e finalmente, a exclusiva responsabilidade do Imperador para os assuntos militares também) ⁷.

Não somente estes afazeres eram divididos, mas também as honrarias amiúde partiam do Senado, assim como frequentemente ocorria com a cunhagem de moedas, por exemplo. Este último dado pode ser constatado através de uma análise das fontes numismáticas. A maioria das moedas cunhadas possui a sigla SC (*ex senatus consultum*)

⁶ In consulatu sexto et septimo, postquam bella civilia exstinxeram, per consensum universorum potitus rerum omnium, rem publicam ex mea potestate in senatus populique Romani arbitrium transtuli. (Em meu sexto e sétimo consulados, depois de extinguir as guerras civis e, por consenso de todos, senhor de tudo, passei a república de meu poder para o arbítrio do Senado e do povo romano) AUG. *RGDA* 34,1. Trad: TREVIZAN, M. A., VASCONCELLOS, P. S., REZENDE, A. M. de.

⁷ WINTERLING, *op. cit.*, p. 131.

⁸, o que significa que apesar das oficinas de cunhagem estarem sob administração imperial, era o Senado que aprovava parte expressiva da emissão monetária.

Já o estudo de Fábio Faversani (2001) constrói a hipótese segundo a qual o Estado se formaria por uma parte institucional e de uma parte orgânica, havendo grupos que teriam seus próprios interesses a buscar através do Estado. Para ele, qualquer forma de governo precisa de meios para legitimá-lo. Neste sentido, o Principado teria sua parte orgânica representada pela centralização política no Imperador e os meios de se beneficiar do Estado e se daria pelo acesso dos membros da sociedade à clientela imperial. Articulada a essa parte orgânica estaria à institucionalização que legitimaria a existência do Principado. O controle do Imperador sobre as demais camadas sociais se desenvolve por meio de ações de cunho "apolítico" (de caráter paternalista-clientelista), mas se utilizando de meios institucionais para tal, oferecendo magistraturas e honrarias que existiam em função da manutenção do caráter institucional do Estado. Analisando a proposição de Sêneca acerca da posição de Nero, afirma que:

O Imperador não faz dos senadores, nem de ninguém, seus amigos. Esse é o pressuposto do "ideal senatorial", não o de Sêneca. O Imperador de Sêneca tem apenas inferiores, exceção feita aos deuses. O Imperador de Sêneca trata aos homens como seus filhos. Ele ensina a Nero que "lhe foi concedido o pátrio poder graças a seu comedimento em consultar os filhos e colocar seus próprios interesses depois dos deles" (III, XII, 2). Afinal, "é fundamentada e estável a grandeza daqueles que todos sabem estar tanto acima quanto a favor deles" (III, I, 3). Assim, se Sêneca tivesse de impor alguma direção a Nero, não seria o "ideal senatorial", mas o "clientelismo de Estado"! Essa forma paternalista de governar guiou não só todo o principado de Nero, como o de muitos Imperadores que o sucederam.⁹

Deste modo, o Imperador se relacionaria com a sociedade romana tanto através de relações pessoais com seus dependentes quanto pela ocupação dos espaços institucionais mais importantes por seus aliados. Seu poder devia sobressair ao dos demais. Para Sêneca, particularmente, fica claro que o imperador deve usar tanto de seu poder pessoal quanto do aparato do Estado para favorecer seus súditos, todos eles considerados seus inferiores. Os súditos, em contrapartida, na perspectiva adotada pelo filósofo, deveriam servir ao propósito do Imperador, como os filhos servem ao pai.

⁸ MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman imperial coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948.

⁹ FAVERSANI, Fábio. *A Sociedade em Sêneca*. (Tese de Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001, p. 141.

Sêneca, por este motivo, criticou Cláudio, que se deixava levar por mulheres e libertos, e não tinha a postura esperada de um Imperador.

O estudo de Diane Favro (1992) mostra que Augusto não pode se desfazer do sistema republicano para implementar o Principado. O *cursus honorum* (carreira das honras) continuou existindo e foi de grande importância para os imperadores preservarem seu poder sobre a aristocracia romana. Os altos cargos da República, que durante o Principado perderam muito de sua efetividade graças à jurisdição imperial, eram usados como moeda de troca pelo apoio à política imperial. Os partidários do Imperador contavam com a indicação do *Princeps* diretamente ou até mesmo indiretamente nas eleições para os cargos. Todo esse poder era afirmado em prol da ordem pública, o que na teoria da autora fez com que Augusto fosse considerado um *Pater Patriae*. O próprio Augusto em suas *Res Gestae* se dizia igual em *potestas* a qualquer um dos romanos que ocupassem magistraturas, mas que ele se distinguiu todos os demais pela sua *auctoritas*¹⁰.

Ao fornecer a todos os grupos um papel na manutenção urbana, Augusto estabilizou uma extensa base de poder. Igualmente importante, ele criou o aspecto de uma bem ordenada sociedade na qual todos tinham um lugar e responsabilidade na grande capital. Ornamentos oficiais visualmente afirmavam o status de cada cargo e permitiu a todas as classes, mesmo libertos, aspecto magistral. Conceitualmente, Augusto pode justificar sua inclusão como *Pater Patriae*. Um bom pai romano conduzia as vidas de seus descendentes e melhorava a *domus* da família.¹¹

Não somente Augusto foi portador desse título, mas nas fontes é possível encontrar momentos em que este título de *Pater Patriae* foi dado a outros imperadores que a seu ver souberam fazer grandes administrações em prol do povo de Roma. Um desses Imperadores teria sido Cláudio que recusara o título em 48, aceitando o título de “Pai do Senado”¹².

¹⁰ Post id tempus auctoritate omnibus praestiti, potestatis autem nihilo amplius habui quam ceteri qui mihi quoque in magistratu collegae fuerunt. (Depois disso, vi-me à frente de todos pela autoridade, mas nenhum poder tive a mais do que meus outros colegas também de cargo) AUG *RGDA.*, 34,3.

¹¹ FAVRO. Diane. “*Pater urbis*”: Augustus as City Father of Rome. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 51, No. 1, 1992, p. 83.

¹² ob ea Vipstanus consul rettulit patrem senatus appellandum esse Claudium: quippe promiscuum patris patriae cognomentum; nova in rem publicam merita non usitatis vocabulis honoranda: sed ipse cohibuit consulem ut nimium adsentantem. (Por tudo isto propôs o cônsul Vipsânio que Cláudio tomasse o título de pai do Senado, porque o nome de pai da Pátria era muito genérico; e os benefícios extraordinários,

1.2 O Patronato do *Princeps Civilis*

Uma das teorias a respeito de como os Imperadores romanos mantiveram seu poder durante o Império aponta para a formação de grandes redes de patronato e, no ápice destas redes, uma corte¹³ imperial (ou uma *Aula Caesaris*¹⁴). A dominação do Estado por parte de Augusto se faz por meio de magistraturas já existentes e controladas pelo Senado, e são nelas e no próprio Senado que seus partidários são colocados para manter o controle do Estado.

Wallace-Hadrill, em *Princeps Civilis* (1982), avalia que o caráter civil do Imperador passa a ser preponderante nas relações sociais em Roma devido à concentração do poder em uma corte. Bons e maus imperadores seriam julgados a partir da manutenção ou restauração de uma ordem social e de suas relações com o Senado. A *civilitas* seria um elemento chave para entender como o Imperador faz uso de seus conhecimentos, vivência e poderes para que isso aconteça. Um bom exemplo desse processo seria o Imperador Cláudio, que é criticado nas fontes por ter se tornado imperador sem ter assumido grandes responsabilidades anteriormente¹⁵ e por ter convivido muito próximo a escravos durante a infância¹⁶, mas que exercitava a

feitos à República, também pediam extraordinárias recompensas: mas o César estranhou ao cônsul esta demasiada adulação) TAC. *Ann.* XI, XXV.

¹³ As alternativas corte e *consilium principis* são mais usadas, tendo sido bastante difundidas e repetidas a partir, principalmente, dos trabalhos de Crook (CROOK, J. *Consilium Principis*. Cambridge: University Press, 1955) e Wallace-Hadrill (The imperial court. In: BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (eds.), *The Cambridge Ancient History*. v. 10: The Augustan Empire, 43 B.C. - A.D. 69. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 283-308).

¹⁴ WINTERLING, Aloys. A court without “state”. The *aula Caesaris*. In: *Politics and society in Imperial Rome*. London: Wiley-Blackwell, 2009. O termo aula Caesaris ainda não encontrou muita difusão na historiografia. Foi proposto por Winterling em livro que tem este título. A obra, escrita em alemão, ainda não foi traduzida. Não sendo versados neste idioma, não pudemos estudá-la.

¹⁵ Pois assim, Tibério Cláudio Nero Germânico, filho de Druso, filho de Lúvia, obteve o poder imperial sem ter sido previamente testado em qualquer posição de autoridade, salvo apenas ter sido cônsul. DioCass. LX, 2.

¹⁶ Estas enfermidades, contudo, não foram a causa de tantos problemas para ele como foram os libertos e as mulheres a quem ele se associou. Isto era por demais evidente que qualquer um de seus colegas: ele era governado por escravos e mulheres. Desde criança, ele tinha sido criado por pajens e no meio do terror. Tinha, por essa razão, fingido simplicidade a uma maior extensão do que era realmente verdade, como ele próprio admitiu no Senado. DioCass.. LX, 2.

eloquência¹⁷. A teoria que Wallace-Hadrill propõe para compreender a natureza do poder imperial é análise da Corte Imperial como centro de poder. Após o processo de guerras civis e o povo estando pacificado, a disputa pelo poder estaria centrada na corte onde o Imperador concentraria todas as honrarias importantes. Logo, para se ter acesso a estas, era preciso estar próximo ao imperador. Ou seja, o poder do Imperador seria conferido pela extensão que sua corte alcançaria.

Relações sociais encontraram concreta expressão em Roma na permuta de *officia*, a etiqueta de 'serviços' de uma natureza puramente cerimonial correspondido de inferior para superior (*cliens* para *patronus*, *amicus* para *amicus*) em mudança para mais benefícios materiais. O Imperador era o maior patrono de todos, e não devia nada a qualquer cidadão. Havia numerosas ocasiões, por causa da *salutio* da manhã era formada uma progressiva recepção, quando aos seus *amicii* era permitido apresentar cumprimentos (um privilégio). Mas, isso era normal. A Mais dramática evidência de sua superioridade era a atenção que ele poderia gerar ao ser visto ao prestar respeito a seus inferiores sociais.¹⁸

No entanto, essa hipótese de Wallace-Hadrill não considera o fato do poder ser conferido ao Imperador por uma instância coexistente a ele: o Senado. Outro ponto que a ideia de Wallace-Harill não contempla é justamente o que acontece em 69, quando os candidatos imperiais são feitos longe de Roma, com peso decisivo das legiões nas rápidas sucessões testemunhadas após o suicídio de Nero. Ou seja, nesse momento a *civilitas* de Roma deixa de ser central em contraposição à força dos exércitos. Como disse Tácito, foi revelado o segredo do Império ("*arcanum Imperii*")¹⁹: o imperador poderia ser feito longe da corte, por um elemento militar.

Richard Saller, em sua obra *Personal patronage in early empire* (1982), indica no patronato, enfatizando a *Aula Caesaris*, o maior sustentáculo do poder imperial. Para ele, o Imperador asseguraria seu poder indicando as pessoas mais leais para assumirem cargos chaves do Estado romano (tanto de cunho senatorial quanto equestre). Isto é

¹⁷ *Disciplinis tamen liberalibus ab aetate prima non mediocrem operam dedit ac saepe experimenta cuiusque etiam publicavit.* (Aplicou-se, desde a juventude, às disciplinas liberais com um zelo fora do comum e, repetidas vezes, deu ao público amostras do seu saber, em cada gênero) SUE. *Cl*, 3.

¹⁸ WALLACE-HADRILL, Andrew. *Civilis Princeps: between citizen and king.* *Journal of Roman Studies*, 1982, p. 40.

¹⁹ *finis Neronis ut laetus primo gaudentium impetu fuerat, ita varios motus animorum non modo in urbe apud patres aut populum aut urbanum militem, sed omnes legiones duces que conciverat, evulgato imperii arcano, posse principem alibi quam Romae fieri.* TAC. *Hist.* I,4. (O fim de Nero, após as primeiras efusões de alegria, causou reações diversas não só aos senadores de Roma, ao povo e à Guarda Pretoriana, mas em todas as legiões e seus generais, uma vez que o segredo do Império havia sido revelado porque podia se fazer um príncipe fora de Roma).

possível de se observar nos episódios dos julgamentos no período de Cláudio, como, por exemplo, no episódio da denúncia a Valério Asiático²⁰. Essa proposta é semelhante à de Syme. Percebe-se que há uma série de expectativas em torno das ações do imperador, expectativas quanto a certo comportamento moral e à conformação de uma aristocracia a seu redor. Mais uma vez a proximidade do imperador é o objetivo para a aquisição de um maior poder ao mesmo tempo em que, ao oferecer certas casas com tais *beneficia* e *honores*, o Imperador busca a coesão para a continuidade e estabilidade do exercício do seu poder. A oposição a este partiria da camada não favorecida por este *beneficium*, ou daqueles que não aceitavam ser subalternos a setores vistos como mais baixos pela elite dos homens livres na sociedade para alcançar estes *beneficia* (especialmente mulheres e libertos). Uma das pessoas que criticaram amplamente esta política - mas que foi beneficiado por ela - foi Sêneca, notadamente durante o Principado de Cláudio e mais especialmente sob Nero. Em sua obra *Apocolocyntosis*, Sêneca, que critica Cláudio por seus libertos (assim como suas esposas) possuírem grandes poderes dentro da *Aula Caesaris*²¹, teve seu regresso do exílio pelas graças de Agripina, segunda esposa do Imperador e mãe de Nero, que lhe passou a tarefa de ser preceptor de seu filho²².

Amicitia Caesaris era assumida pelos contemporâneos por transmitir com isto *honores et auctoritas* - uma apropriação a qual numerosos exemplos ao longo do Principado confirmam. Na visão de Tácito, era

²⁰ sestertium quindecies et insignia praeturae Crispino decreta. adiecit Vitellius sestertium decies Sosibio, quod Britannicum praeceptis, Claudium consiliis iuaret. rogatus sententiam et Scipio, 'cum idem' inquit 'de admissis Poppaeae sentiam quod omnes, putate me idem dicere quod omnes,' eleganti temperamento inter coniugalem amorem et senatoriam necessitatem. (O senado decretou um milhão e meio de sestércios a Crispino, e as insígnias de pretor; Vitélio acrescentou que se desse mais um milhão a Sosíbio, por ser o mestre de Britânico, e o conselheiro de Cláudio. Sendo rogado Cipião para dar seu parecer, respondeu: "Pois que eu concordo convosco nos crimes de Popeia, também agora deveis crer que em tudo o mais serei da vossa opinião". Prudência esta admirável, com que nem faltou ao amor conjugal, nem à obrigação de votar como senador) TAC. *Ann*, XI, 4.

²¹ Excandescit hoc loco Claudius et quanto potest murmure irascitur. Quid diceret, nemo intellegebat, ille autem Febrim duci iubebat, illo gestu solutae manus et ad hoc unum satis firmae, quo decollare homines solebat, iusserat illi collum praecidi. Putares omnes illius esse libertos: adeo illum nemo curabat. (Neste momento, Cláudio pega fogo e dasabafa com um barulho danado. Ninguém compreendia nada: certamente, mandava que a Febre fosse presa; e mandava com aquele seu gesto da mão trêmula, todavia firme só para enviar a gente ao cadafalso. Ele tinha dado a ordem de cortar-lhe a cabeça; mas ali todos pareciam ser libertos, pois ninguém lhe dava ouvido.) SEN. *Apoc.*, VI, 2.

²² at Agrippina ne malis tantum facinoribus notesceret veniam exilii pro Annaeo Seneca, simul praeturae impetrat, laetum in publicum rata ob claritudinem studiorum eius, utque Domitii pueritia tali magistro adolesceret et consiliis eiusdem ad spem dominationis uterentur, quia Seneca fidus in Agrippinam memoria beneficii et infensus Claudio dolore iniuriae credebatur. (Porém Agripina, para não se dar somente a conhecer por ações de iniquidade, alcançou para Aneu Sêneca o perdão do seu desterro, e dignidade de pretor, tendo para consigo, que executava uma coisa muito do agrado do público pela fama eminente de seus talentos e letras; que nele teria bom mestre para a educação de Domício, e que os seus conselhos valeriam muito para realizar suas esperanças futuras. E havia para isto todo o fundamento, porque Sêneca, tendo sido desterrado por Cláudio, naturalmente lhe conservava sempre rancor pela lembrança da injúria, e era ao mesmo tempo agradecido à mão benfeitora de Agripina) TAC. *Ann*, XII, 8.

pela *amicitia principum* que Popeo Sabino (cos. 9 d.C.) mudou por através de todas as magistraturas senatoriais e teve o governo de grandes províncias.²³

Winterling (2009), tentando recuperar uma tradição Mommseniana, reflete que não há aparatos legais que confirmam poder ao Imperador. O que existe durante o Principado são duas estruturas antagônicas de poder que se sobrepõe e se infiltram uma na outra. Príncipe e Senado coexistiram cada qual com sua jurisdição, e uma legitimando a existência da outra. O Senado conferia o poder ao Princeps, além de conceder formalmente certas honras a ele, a seus familiares, e a outros aristocratas, além de ser responsável por certas ações administrativas, como a permissão para cunhagem de moedas, ou decidir sobre a declaração de guerra. Já o Imperador indica diretamente ou indiretamente aqueles que vão ocupar as magistraturas senatoriais e todas as demais, sempre que queira (o que, a meu ver, é um limite para a hipótese de uma diarquia).

Enquanto a corte imperial tinha assumido muitas das funções política das velhas instituições republicanas, estas ainda conservaram seus papéis determinando o ranquiamento social - o qual elas tinham sempre feito. O Imperador podia, naturalmente, decidir sobre os membros do Senado, influenciar a ordem no interior do Senado através do *adlectio*, tornar seus favoritos aristocratas em côsules, e premiar com a *ornamenta pretoriana* a seus libertos: isto significa, também, que decide sobre quem poderia ocupar as posições no ranquiamento social. Ainda que ele estivesse impossibilitado de influenciar de fato que os velhos cargos fornecessem ao detentor de status social, que era, a hierarquia como tal. Isso não nega que precisamente por causa da imensa significância do favor imperial e por causa da oportunidade de ganhar poder e riqueza resultante da proximidade ao Imperador, importantes impropriedades de status existissem no meio das tradicionais *ordines* desde o Imperador - de oportunidade - precisamente não premiasse seus favoritos a posições de honra dentro da hierarquia aristocrática.²⁴

A análise de Winterling, calcando-se nos aspectos práticos e concretos da atividade política, permite-nos pensar que o Imperador, através de um controle direto ou indireto sobre a eleição dos magistrados, assim como pelo controle das legiões (ainda que a maioria dos primeiros imperadores nunca estivesse à frente de exércitos), tinha condição para regulamentar as disputas políticas de tal modo que os eventos das guerras

²³ SALLER, Richard. *Personal Patronage under the Early Empire*. London: Cambridge University Press, 2002. P.43

²⁴ WINTERLING, Alloys. *Politics and Society in Imperial Rome*. Wiley-Blackwell. 1. ed. 2009, p.P.100

civis anteriores a Augusto não mais ocorressem. Assim sendo, o Imperador teria a missão de pacificar e proteger do povo de Roma, e especialmente o Senado²⁵.

1.3 Soberania do *Princeps*

Outra alternativa para explicar o exercício do poder imperial advém do controle que o Imperador tinha sobre questões militares e civis. O Imperador possuía o *imperium proconsulare* e a *tribunicia potesta*, o que lhe permitia o controle dos exércitos, em todas as instâncias, e poderes judiciários, agindo sempre como uma instância superior na justiça romana.

Juntamente com o controle sobre a máquina militar e sobre as mais importantes decisões a serem tomadas pelo Estado, havia ainda a concentração de honras e o monopólio do triunfo. Isto impediu que as disputas republicanas continuassem com o mesmo vigor que tinham no Principado. O medo da conquista de uma visibilidade maior que a do Imperador (que poderia levar o indivíduo à morte) e as limitações impostas pelo plano imperial, alteram o caráter da disputa por poder em Roma. No Principado para se ter poder era necessário estar próximo ao imperador, e em diversos momentos se manter em uma posição discreta (ao invés de se projetar), já que as honras e reconhecimento deviam estar sempre direcionados ao *Princeps*.

O estudo de Gibbon caracteriza bem isso. Em sua obra *Declínio e Queda do Império Romano* (1788) o historiador comenta sobre como a decadência da sociedade romana se relaciona com a centralização do poder nas mãos do Imperador, e como a máquina militar garantia esse controle. A análise de Gibbon se concentra no período que se estende do século II em diante, mas muitos conceitos utilizados por ele podem ser aplicados ao século I. O monopólio do triunfo militar e a garantia do *imperium* ao *Princeps* limitavam a ação dos generais. Gibbon aponta que a decadência da sociedade teria se iniciado já no século II. Uma série de fatos que refletem no poder do Imperador seriam os indicadores de mudanças que levariam o poder imperial ao colapso. Um

²⁵ Importante lembrar que *Senatus Populusque Romanus* (Senado e povo de Roma) era a sigla inscrita nos estandartes carregados pelas legiões de Roma.

primeiro seria a política instaurada por Augusto de manutenção das fronteiras do Império de Roma. Esta política foi instaurada por Augusto, pois este imperador estimava que a máquina administrativa do Império fosse insuficiente para administrar os territórios dominados, resultantes de expansão durante a República. As últimas grandes conquistas foram estabelecidas pelos generais republicanos e por Augusto logo no início do Principado. A partir deste, os Imperadores somente mantiveram as fronteiras já estabelecidas, mantendo-as conforme os “limites naturais” (os desertos da África e Arábia ao sul, Tigres e Eufrates a leste, Reno e Danúbio ao norte e o Atlântico a oeste). Apesar das raras exceções, como Cláudio²⁶, as fronteiras continuaram estagnadas até o reinado de Trajano no século II.

Felizmente, para descanso da humanidade, o sistema comedido recomendado pela sabedoria de Augusto foi adotado pelos temores e vícios de seus sucessores imediatos. Empenhados na busca do prazer ou no exercício da tirania, os primeiros Césares raramente se mostravam às tropas ou às províncias; tampouco estavam dispostos a permitir que os triunfos negligenciados por *sua* indolência fossem usurpados pelo comando e bravura de seus lugares-tenentes. O renome militar de um súdito era considerado insolente usurpação da prerrogativa imperial, pelo que se tornava dever, tanto quanto interesse, todo general romano guardar as fronteiras confiadas a sua vigilância sem aspirar a conquistas que se poderiam demonstrar não menos fatais a ele próprio que aos bárbaros vencidos.²⁷

Por esta passagem de Gibbon vemos que o controle do Imperador sobre as tropas, assegurado pelo *imperium proconsulare*, é um elemento forte para se verificar a

²⁶ O Imperador Cláudio conquistou a Bretanha, que havia sido atacada por Júlio César. Expeditionem unam omnino suscepit eamque modicam. Cum decretis sibi a senatu ornamentis triumphalibus levioem maiestati principali titulum arbitraretur velletque iusti triumphii decus, unde adquireret Britanniam potissimum elegit, neque temptatam ulli post Diuum Iulium et tunc tumultuantem ob non redditos transfugas. [...]Ad cuius spectaculum commeari in urbem non solum praesidibus provinciarum permisit, verum etiam exulibus quibusdam; atque inter hostilia spolia naualem coronam fastigio Palatinae domus iuxta civicam fixit, traiecit et quasi domiti Oceani insigne. Currum eius Messalina uxor carpento secuta est; secuti et triumphalia ornamenta eodem bello adepti, sed ceteri pedibus et in praetexta, M. Crassus Frugi equo phalerato et in veste palmata, quod eum honorem iteraverat. (Não realizou senão uma única campanha e assim mesmo modesta. Foi quando o Senado lhe conferiu os ornamentos triunfais. Como se achasse esta distinção inferior à majestade do *Princeps* e desejasse uma honra de um triunfo real, escolheu de preferência, para o adquirir, a Bretanha, em que ninguém ainda pusera o pé, desde o Divino Júlio César, e que se sublevara [...]Permitiu a vinda à Cidade, para esse espetáculo, não somente dos governadores das províncias, mas ainda de alguns exilados. Entre os despojos inimigos, colocou, à frente de seu palácio, um coroa naval ao lado de uma coroa cívica, para assinalar que ele atravessara e por assim dizer, domara o oceano. Sua mulher Messalina acompanhava-o de carro. Atrás dele marchavam os que haviam merecido os ornamentos triunfais, todos a pé e em toga praetexta, salvo Crasso Frugi, que montava a cavalo, ornado de faleras, e vestia um manto ornado de palmas, porque era a segunda vez que obtinha tal honorificência). SUE Cl. , XVII.

²⁷ GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*. Trad. João Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 34.

fonte do poder imperial e as contradições que decorreriam daí. Com base na questão do monopólio do triunfo e das honras, outros autores desenvolveram suas teses partindo das hipóteses de Gibbon.

Syme, em *The Roman revolution* (1939), trabalha com a ideia de que Augusto formou um novo sistema político, o Principado, em meio à desordem causada pelas Guerras Civis. Com esse grande poder pessoal, assegurou o controle de diversas magistraturas, criando uma dinastia e fixando um partido em setores chave do Império; o que lhe permitiu dar continuidade a sua política. Isso só foi possível porque Augusto em momento algum visou desmontar o sistema republicano. Ao contrário, manteve-o e lhe deu certa estabilidade - que havia perdido ao longo dos anos finais da República. Augusto pregou uma reformulação moral e política da sociedade, "criando" um novo *mos maiorum*, substituindo a velha aristocracia por novas famílias, em evidência no contexto das Guerras Civis e do início do governo de Otaviano. Assim, tornou o governo mais autocrático do que nunca através da conformação de uma nova aristocracia, que exerceria de fato o poder, independentemente de qual fosse a ordem institucional.

O *Princeps* e seus amigos controlavam os acessos a todas as posições de honra e proveito na carreira senatorial, distribuindo a seus partidários magistraturas, sacerdócios e comandos provinciais. A questura admitida a um homem para a mais alta ordem integrar e na sociedade, o consulado trouxe nobilidade e um lugar na frente dos ranques da oligarquia.²⁸

Fergus Millar, assim como Wallace-Hadrill, destaca, em sua obra *The emperor in the Roman world* (1977) a importância das ações concretas dos imperadores para compreender quais suas bases de sustentação. Para Millar, o Imperador Romano era uma mistura de senador republicano e de rei helenístico (*basileus*). Nesta perspectiva, o privado e o público se entrelaçariam constantemente, sendo explicitado isso nos *consilia amicorum* do Imperador. Logicamente, fazer parte deste *consilium* acarretava em ganho de poder dentro da sociedade. Mas a ênfase de Millar será dada a outro aspecto do exercício do poder pelo imperador. Este se relaciona como os demais setores da sociedade romana fazendo uso da escrita para o cumprimento de muitas de suas atividades. É por esta via que a jurisdição imperial realmente se mostra e por muitas

²⁸ SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford University Press, 2002, p. 369.

vezes é por ela que se dá o acesso aos benefícios imperiais. É uma via de mão dupla, do imperador para seus súditos e dos súditos para o imperador. O estudo de Fergus Millar é o que mais claramente centra a análise da manifestação do poder imperial na sua própria prática. Afirma que o poder do Imperador se manifesta pela sua própria *práxis*, misturando assuntos de domínio público e privado constantemente. A jurisdição imperial era muito abrangente segundo o autor: poderia atuar dentro da cidade de Roma, nas províncias e até mesmo fora dos domínios imperiais, devido a sua relação com alguns reinos clientes. Por ser tão extensa, em muitos momentos, esta jurisdição causou uma série de ressentimentos por parte da elite senatorial devido à interferência de membros da *familia* imperial em assuntos administrativos do Império. Outro ponto conflituoso na relação Imperadores e Senado era a atuação jurídica de alguns desses Césares. Os Imperadores tinham poder de agir como segunda instância em assuntos relacionados às *domus*, sendo a primeira instância reservada aos *patres*, quando do ponto de vista estritamente institucional o Senado era a mais elevada esfera de justiça. Essa intromissão do Imperador muitas vezes gerava rancor nos senhores, principalmente devido à atuação de mulheres e libertos sobre o veredicto dos Imperadores. E qual a maneira utilizada para agir em contrapartida ao rancor desta elite? A solução seguida pelos Imperadores se apoiava no patronato. Assim utilizando-se da oferta de honrarias, como governos provinciais, o apoio a eleições consulares, dentre outras, os Imperadores acabavam conseguindo obter em alguns casos a tolerância e o apoio de suas ações.

O exercício do patronato tinha desde o início sido um essencial elemento em função do Imperador. Toda lenta expansão na escala de postos mantidos pelos *equites* eram preenchidos pelo direto apontamento do Imperador, como eram todos os postos imperiais nas províncias imperiais, e muitos outros apontamentos fora do *cursum* central das magistraturas em Roma. A entrada no Senado para aqueles que não tinham ascendência senatorial era seu presente, e assim era a extensão da sua *commendatio* para alguns candidatos para cada uma das magistraturas apropriadas.²⁹

É através dessas "correspondências" que o poder do imperador era levado a todas as partes do Império. A eloquência era um fator que permitia ao Imperador executar tarefas como controle das províncias, julgamentos e recebimento de embaixadas, *senatus consulta*, e demais trâmites, buscando ser persuasivo quanto à propriedade e pertinência de suas decisões. Através dessa mesma via, os que desejavam

²⁹ MILLAR, Fergus. *The Emperor in the Roman World*. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd, 2001, p. 275.

algo do poder central moldavam petições aos imperadores e enviavam embaixadas para conseguir os favores imperiais.

1.4 O *Princeps* e os grupos sociais

Como última de nossas tipologias para organizar os estudos no que se refere a quais fatores seriam decisivos para a consolidação do poder imperial, podemos apontar a interação com os diversos grupos sociais que formam todo do Império Romano. Temos sempre que ter em mente que as fontes não trazem uma forte oposição ao regime imperial, mas sim à pessoa que ocupa a posição de imperador.

Um bom estudo que possuímos sobre este controle de grupos sociais para a manutenção de poder está na obra de Ana Teresa Marques Gonçalves. Através da temática da oposição a Imperadores, a autora nos mostra como a ação dos diversos grupos sociais pode desestabilizar a política imperial. Para Gonçalves, em sua dissertação de mestrado *A Oposição aos Imperadores durante o Período do Severos: uma análise da obra de Herodiano* (2001), o principal foco de oposição aos imperadores no primeiro século do Principado estava na aristocracia de Roma e da Itália. Considerando a aristocracia como senadores formando um grupo verificamos que estes possuíam meio de mobilizar as massas, criar opiniões, pois estavam envolvidos por um meio intelectual capaz de cooptar tanto iguais como outros grupos de mais baixo estatuto social como a plebe e o campesinato provincial. Como modo de combater esta oposição era comum os Imperadores implantarem seus partidários dentro das principais casas do Império. Logicamente, isso não acabava com a oposição, mas controlava grande parte das manifestações.

Não há no mundo antigo fato moral separado do fato político no que concerne à condução dos desígnios imperiais. A ética era a única esfera de comportamento possível capaz de limitar o poder do soberano; poder este muito mal limitado, como o próprio Boissier afirma. Em muitos momentos conceitos morais defendidos pelos formadores da opinião pública romana, ou seja, a aristocracia, que tem acesso aos meios de comunicação e de produção de ideias da época, são usados para justificar para o real descontentamento político, econômico e social dos opositores. Suas censuras feriam não apenas o homem, mas também o soberano, pois ao se tornar imperador esses

dois papéis se fundiam num só. O homem que detém o poder é inseparável do cargo que lhe dá esse poder.³⁰

O que analisamos é que o grupo formado pela aristocracia é um importante opositor ao Imperador, e que os meios que dispunham podiam mobilizar os demais grupos, podiam desestabilizar a política assim como a pessoa do Imperador. Essa mobilização é possível graças a uma justificativa atrelada a um poder simbólico, um poder moralizante, pertencente à elite intelectual da sociedade romana. Manter a maior parte desse grupo favorável ao Imperador era essencial para a consolidação do poder do *Princeps*.

Outro estudo que merece ser destacado como explicação para a concentração de poder dentro da sociedade romana é o de J. E. Lendon, *Empire of Honour: The art of Government* (1997). Neste trabalho, o autor abordou a honra como indicação de poder de um indivíduo na sociedade romana. No seu entendimento, a honra era uma qualidade pessoal e sua influência se estendia tanto para seu corpo social (este indivíduo quando servia às causas do Estado) como para seu corpo familiar (aqueles com o qual o indivíduo possuía vínculos sanguíneos ou de casamento). A honra possui três características: a honra é fonte de valor que pode levar o indivíduo à honra ou à desonra. A honra, neste sentido, fica investida como fonte de legítima autoridade social, pois é algo criado para ser obedecido, para ser seguido e respeitado. A honra é, ainda, fonte de sanção social negativa, pois a perda de sua honra causava grande comoção, levando indivíduos a perderem status social e clientela. Na sociedade imperial, o *Princeps* não era apenas visto como o ponto mais alto do governo e comandante militar supremo, mas também como ponto mais alto de um grupo social definido pela honra. Suas virtudes poderiam estar além daquela que se imaginava possível para um indivíduo normal. Mas tanto os súditos poderiam ver o Imperador como este super-humano, indicado pelos deuses para governar, um líder carismático, o militar excelente; como também poderiam vê-lo como um aristocrata que junto aos demais competia pelas honras aristocráticas. O prêmio dessa competição era o Império. A manutenção de sua honra estava ligada à execução de ações que os outros esperavam.

A vulnerabilidade da honra do Imperador, e seu desejo de ampliá-lo, permitiu grandes concentrações de prestígio - principalmente nas

³⁰ GONÇALVES, A. T. M. . Conflito e Oposição no Alto Império Romano: Breve Balanço Historiográfico. *Boletim do Cpa*, Campinas, v. 6, n. 11, 2001, p. 45-64.

grandes cidades do Império, especialmente Roma - influenciá-la. Na verdade, o tratamento do Imperador a plebe urbana da cidade de Roma era talvez a mais marcante manifestação de sua preocupação com sua honra: sua doação e comparecimento aos jogos; suas provisões de milhares de gladiadores para estes jogos e um conjunto de animais mais exóticos do mundo e bestas selvagens; sua ruinosa distribuição de comida e dinheiro; e seu entusiasmo em assegurar o abastecimento de grãos para a cidade às custas de um vasto trabalho. A decisão de Constantino em recrutar para sua nova capital Constantinopla uma nova multidão, sobre a qual era dissipada o mesmo cuidado sobre a multidão romana (sem despojar a cidade eterna), indica que a plebe urbana não era apenas uma besta a ser aplacada, mas, uma importante suporte ao governo imperial. Isso era um consenso para avaliá-lo, ao longo do exército e da aristocracia, como um componente imperial essencial.³¹

O que podemos concluir é que, para Lendon, a honra é uma significação de poder, apesar de ser uma coisa abstrata. Aqueles Imperadores que não realizavam um bom uso de sua honra ou prestígio, visando ao bem estar de todos, foram fortemente criticados pelos historiadores da época. Na República, a luta pelas honras era aberta e todos os aristocratas participavam dela. Já no Principado a luta pelas honras era controlada pelo Imperador. Lutar pelas honras nesse período podia destacar o indivíduo a ponto de torná-lo um concorrente do *Princeps* e a partir disto só havia dois passos possíveis: tomar o posto de Imperador ou correr o risco de ser executado.

Luciane Munhoz Omena, em sua tese *Pequenos poderes na Roma Imperial: o povo miúdo sobre a óptica de Sêneca* (2007) caracteriza haver um pacto entre o *Princeps* e as massas. No entanto, esse pacto não seria amparado por uma legislação, como também opinam outros autores, como já vimos, estando a estabilidade do poder à mercê de constantemente o Imperador conseguir persuadir a *plebs*. O *Princeps* é "possuidor" da *Patria Potestas* e, a partir disso, espera-se que ele proteja o povo de Roma. A autora se baseia nas fontes senequianas para avançar a hipótese de que a manutenção do poder pelo Imperador se dava através de relações de caráter "paternalista" com a *plebs*, e, quando esse perdia o favor da plebe, automaticamente via seu poder ruir. Essa massa é desprovida de conceitos morais que possam ser associados ao *mos maiorum*, diversamente do que ocorreria com o Senado, e um abalo no bem comum ou mesmo rumores poderiam gerar esse desgaste entre Imperador e plebe.

³¹ LENDON, J. E.. *Empire of Honour*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 120.

O *imperator*, nesse sentido, deve prestar contas à plebe, sendo moderador e benfeitor, assim estabelecerá uma relação centrada na admiração e receberá em troca, a aprovação de suas ordens. Evitará por consequência, como as rixas, presentes segundo Sêneca, nestes homens hierarquicamente inferiores (De Clementia. III, V e 4). De acordo com o pensamento senequiano, mesmo os homens humildes, a quem tudo falta, devem ser agraciados com o nome de homens (De Clementia. Pr. I,3).³²

Percebemos, assim, pela importância que Sêneca dá ao trato entre Imperador e plebe, que este grupo social era, sim, um grande sustentáculo para o poder imperial. Isto justificaria as políticas ligadas a toda uma esfera de atuação que depois seria alcunhada de política de *Panis et circenses*, dedicada ao perfeito abastecimento de trigo e vinho, e à oferta de grandes jogos nos Circos, Teatros e Anfiteatros. Ter-se-ia uma relação recíproca, o Imperador zela pela *plebs*, e esta não se opunha à política imperial.

O que podemos concluir é que o poder imperial gira em torno de esferas públicas e privadas, constantemente confundidas entre si. Através Dos estudos que apresentamos até aqui, percebemos, por exemplo, que a esfera pública é simbolizada através da relação entre Imperador e Senado, pelo controle dos exércitos, pelo administração da justiça, dentre outras, que são partes essenciais do poder imperial. Vemos estas funções concretas ganharem destaque especialmente nos estudos de Mommsen, Gibbon e Millar. Já a esfera privada pode ser expressa na formação de uma corte, no patronato imperial, na característica paternalista do trato do Imperador com o povo de Roma, e o servilismo que passou a demarcar as relações entre Imperadores e súditos. Vemos isso principalmente nos estudos de Wallace-Hadrill e Syme.

1.5 O Principado de Cláudio

Nossa contribuição visa a estudar determinadas fontes, aprofundando a análise nas representações que elas trazem sobre os imperadores, em especial sobre o Imperador Cláudio (41 d.C. – 54 d.C.). Através do estudo das três fontes citadas no início deste estudo (Sêneca, Tácito e Suetônio), percebemos que elas nos trazem informações a respeito do controle exercido por Cláudio sobre seus súditos através dos

³² OMENA, Luciane Munhoz. *Pequenos poderes na Roma Imperial: o povo miúdo sob a óptica de Sêneca*. (Tese de Doutorado.) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. p. 115-116.

mesmos aparatos públicos e privados relacionados neste capítulo. Nesta parte do capítulo, apresentaremos o que a historiografia expressa sobre o Principado de Cláudio. Alguns fatos deste principado são amplamente debatidos pela historiografia, como a ascensão de Cláudio, o controle exercido por mulheres e libertos e a concessão de cidadania romana a estrangeiros.

Cláudio ascendeu ao trono imperial após o assassinato de Caio Calígula de forma conturbada. Calígula não havia nomeado um sucessor ao trono imperial e, após a conspiração que levou a sua morte, a posição imperial ficou vaga. A primeira ideia foi a de restaurarem a República. Mommsen também confirma a tese de que os senadores e seus aliados tiveram como primeira ideia a restauração da República. Mommsen ainda cita os nomes de Cássio Chérea e Cornélio Sabino que não possuíam status de senador, mas repassaram seus sentimentos republicanos aos cônsules em exercício Cneo Sentio Saturnino e Pompônio Segundo. Mommsen também credita a ação da Guarda Pretoriana ao medo de que, sem um Imperador, ela fosse abolida pelo Senado. Quando pretorianos encontraram Cláudio no palácio e perceberam que este poderia ser feito imperador por possuir vínculos familiares com os imperadores, trataram de levá-lo ao Campo Pretoriano. Mommsen ainda cita:

Na cidade mesma a oposição, o Senado, estava no controle. A esposa e a filha do Imperador foram assassinadas por Cássio Chérea que naquela mesma noite de 24 de janeiro de 41, significadamente com o consentimento do Senado. Algumas outras tropas da cidade, provavelmente quatro, concordaram com o Senado. Seguindo o modelo da queda de Sejano, o plano era jogar a Guarda Pretoriana contra a corte urbana sobre diligência do prefeito urbano, os *vigiles*, os marinheiros e gladiadores imperiais. Dentro de poucas horas a República seria restaurada. O Senado aconselhou Cláudio a se juntar a eles; ele respondeu que estava sendo forçado a negar. A reviravolta ocorreu prontamente. Não é possível dizer ligado a quem. Josefo declara que foi o príncipe judeu Agripa que persuadiu Cláudio a aceitar a oferta de governar. Isto estava claro em todos eventos que Cláudio foi escolhido para governar, em vez de escolher governar.³³

Após o aceite de Cláudio, as demais forças - *vigiles*, marinheiros e as cortes urbanas - se uniram à Guarda Pretoriana. Mommsen também aponta para a preferência da plebe se movimentou pela manutenção do Império como regime de poder, já que

³³ MOMMSEN, T. *A History of Rome under Emperors*. London: Routledge, 1999, p. 138.

essa era beneficiada pela política imperial de pão e circo. Wiedemann também cita um elemento jurídico para embasar a posse de Cláudio como sucessor na *Domus Caesaris*:

Na lei estrita, que pode não ter sido tão, mas a lei romana também reconheceu o princípio de *possessio*. O Édito do Pretor protegia o direito da pessoa que estava no controle atual de uma propriedade, até que como a adequada corte (em caso de herança, a corte centunviral) tinha aplicado julgamento sobre a questão da propriedade de acordo com a estrita *ius Quiritium*: se (*possessio*) existia ou não era considerado com uma questão de fato, mas se ela existia, era conferido direitos a quem a possuísse (*possessio*). Era certamente um fato que Cláudio, agora, tinha *possessio*.³⁴

Wiedemann cita que outros membros da família imperial e que teriam gerado uma discórdia menor dentro do Senado, mas não estavam presentes na cidade de Roma, e demoraram muito para receberem o comunicado dos acontecimentos em Roma em janeiro de 41. Além disso, alguns candidatos estavam na capital, mas não se dispuseram fortemente a assumir o trono imperial, Charlesworth cita Sulpício Galba, Aulo Plautio, Camilo Escriboniano, Ápio Júnio Silano como possíveis candidatos ao trono imperial. Os primeiros atos do governo de Cláudio foram os de perseguição aos assassinos de Calígula, e buscar ganhar popularidade com o povo desfazendo diversos atos de seu antecessor, tais como: devolução de confiscos.³⁵

Além disso, a administração e a situação financeiras herdadas de Calígula inspiravam graves preocupações., Ainda mais, as relações da casa imperial com o Senado e com o exército estavam totalmente abaladas. Neste contexto, Cláudio se viu obrigado a afirmar claramente que refundaria o Império com base nos preceitos de Augusto. Segundo estudo de Momigliano³⁶, Cláudio buscou realizar em seu principado uma refundação do Principado baseado na preservação e reestruturação das instituições romanas, costumes e memórias presentes nas épocas iniciais da República, à imagem e semelhança do que, em sua concepção, havia realizado Augusto no início do novo regime.

³⁴ WIEDEMANN, T. E. J. *Tiberius to Nero*. In: BOWMAN, A., CHAMPLIN, E., LINTOTT, A. (org). Cambridge Ancient History. Vol.X: The Augustan Empire. London: Cambridge University Press, 2008. p. 231

³⁵ SCARRE, C. *Chronicle of the Roman Emperors*. New York: Thames & Hudson, 2001, p. 43.

³⁶ MOMIGLIANO, A. *Claudius: The Emperor and his Achievement*. Trans: W. D. Hogarth. Cambridge: W. Heffer & Sons, LTD., 1961.

Cláudio não assumiu medidas drásticas para competir com seu estado de deveres. O caminho no qual o absolutismo de Caio Calígula tinha sido levado a um fim era o suficiente para confirmar sua crença que deveria ser retomado o ideal Augustano de Principado e que sua tarefa devia ser lenta, mas estabelecer uma consolidação. Augusto foi seu modelo: nas palavras de Suetônio 'ele tomou o nome de Augusto como sua mais usual e mais sagrada forma de juramento'. Como Augusto, ele estava convencido da necessidade de preservar a tradicional instituição da grandeza romana, e desta forma mantendo e revivendo tudo que era mais expressivo que a tradição, a prática religiosa e as instituições políticas da mesma maneira, mas, de novo como Augusto, e para uma maior intensidade que Augusto, ele também sentiu a necessidade de concentrar o governo real do Estado nas mãos do Imperador, e fundamentar que o governo sobre o exército (que é dizer, principalmente sobre a baixa classe média italiana e os proletariados), no qual se tornou um instrumento da disputa partidária seria transformada dentro certamente da manutenção do equilíbrio em todo o Império. A velha *pietas* romana, a velha instituição devia ser certamente preservada, mas a fim que suas forças pudessem sustentar um Estado cosmopolita.³⁷

Mesmo tentando ganhar o favor popular, Cláudio não esteve a salvo de oposição. Logo no início do seu governo, um dos candidatos ao trono imperial, Camilo Escriboniano, fez um levante na Dalmácia. Mommsen menciona que assim como a conspiração que assassinou Calígula, a rebelião realizada por Camilo Escriboniano também tinha como palavra de ordem a restauração da República e de sua *libertas*. Esta teria sido também a prova de que o Exército (as Legiões) também estariam apoiando o regime imperial, pois 5 dias depois os legionários abandonaram a rebelião e prometeram lealdade à Cláudio. Escriboniano foi levado a cometer o suicídio ou seria assassinado. Apesar de Suetônio ter chamado o episódio de guerra civil, não foi uma questão para tanto alarde. Os outros envolvidos se suicidaram. Outras revoltas aconteceram em 43, 46 e 47, mas Cláudio sempre teve respaldo dos soldados. As legiões envolvidas nesse episódio do principado claudiano (revolta da Dalmácia) passaram a serem chamadas por *Claudiae piae fideles*.

Este foi o primeiro caso de tropas estacionadas fora de Roma inquietaram eles mesmos com a eleição de um Imperador, o qual faz o episódio digno de nota. Monarquia prevaleceu sobre oligarquia. Isso deve ser admitido para o Imperador que a catástrofe teve poucas vítimas. Chérea e Sabino foram, claro, condenados à morte. Isto foi inevitável. Cláudio não foi mais além. Se ele quisesse seguir os procedimentos legais, ele poderia muito bem ter feito isso.³⁸

³⁷ MOMIGLIANO, *op. cit.*, p. 24-25.

³⁸ MOMMSEN, T. *A History of Rome under Emperors*. London: Routledge, 1999. p.138

O Principado de Cláudio continua com seus atos de afirmação marcados por uma ambiguidade: não podia aceitar os atos de seu predecessor, porém não podia repudiá-los por completo, pois Cláudio fez uso do parentesco com a família de Augusto como instrumento de afirmação no posto imperial Cláudio. E Calígula era seu familiar e de Augusto. Não poderia, portanto, ser atacado por qualquer razão ou pessoa.

O autor destaca que Cláudio se afastou do título de Imperator, porém se chamava de *Caesar*. Assim, o que Cláudio pretendia era uma aproximação com a família dos Júlios, já que seu ramo era dos Cláudios. Após isso, outros passaram a seguir seu exemplo, e o título de *Caesar* assim como o de Augustus passou a se incorporar mais e mais à titulatura imperial.

Grande parte da oposição da aristocracia romana a Cláudio se deu por motivo desta centralização política que buscou ampliar as bases de seu poder. Este processo se deu por duas vias. A primeira foi a valorização dos provinciais, ampliando a cidadania romana a províncias como a Gália Comata e estabelecendo várias colônias do Império. Deste modo, houve um deslocamento de parcela do poder do império de Roma e da Itália para as demais províncias. A segunda via se deu pelo posicionamento de libertos da *Domus Caesaris* em setores vitais da administração imperial. Com isto, senadores e equestres perderam boa parte de seu poder, além de estarem subordinados a um grupo de status social inferior ao deles para terem acesso direto ou indireto ao Imperador.

Apesar da intenção de Cláudio de promover uma boa política de associação com o Senado, o que se observa ao longo de seu Principado é uma contradição gerada pela vontade do Imperador de realizar uma valorização das antigas tradições e aqueles que ocupavam as cadeiras do Senado naquele momento. A esperança de Cláudio em realizar uma política semelhante à de Augusto era destacada a todo instante, mas talvez ele não tenha ponderado sobre as diferenças entre as situações de cada momento. Augusto tinha saído de uma guerra civil como vencedor e como pacificador do Império. Cláudio tornara-se Imperador em meio a uma crise em que alguns autores como Suetônio e Dio Cássio acreditavam que o Senado já possuía estabilidade suficiente para abolir o regime de principado, e só não teria feito isto porque os senadores naquele momento não teriam chegado a um consenso e também porque não possuíam o apoio

dos exércitos. Quando se tornou Imperador, ele visava salvar o Senado da desarmonia que existia nesta instituição.

Cláudio pode ter mesmo acreditado em estar defendendo o Senado como uma instituição pelo ataque individual a senadores, mas na realidade ele procurou o auxílio de senadores contra o Senado. A tentativa de usar a influência moral contra o corpo político para o qual isso emanava formulava uma opinião errônea e possuía um limite para falhar: o espírito republicano não poderia ser usado como arma para destruição do sistema republicano.³⁹

Em vários atos do governo de Cláudio é possível perceber esta política de um governo conjunto com o Senado. No que tange à política provincial, Cláudio realizou uma distribuição de poderes e administração nas províncias devolvendo à administração do Senado o controle das províncias da Macedônia e da Acaia⁴⁰, que Tibério havia repassado para a administração imperial. Observamos também que grande parte das moedas cunhadas durante o Principado teve aprovação direta do Senado, pois encontramos grafadas nelas a sigla SC (*ex senatus consultum*) simbolizando a aprovação da instituição⁴¹. Outro ponto que merece ser ressaltado, mesmo que possamos pensar que se tratasse apenas de um caso de adulação da parte do Senado, é que Cláudio ganhara deste conselho o título de “Pai do Senado” e recusara o título de *Pater Patriae*⁴². Após sua morte, foi divinizado assim como já havia sido declarado Augusto. Em muito, isso se deve à postura de Cláudio ao assumir a censura de incluir novos membros no Senado e afastar outros que na visão do Imperador não tinham uma conduta adequada para ocupar o posto de uma instituição de tamanho prestígio.

No entanto, a sua política de centralização acabou causando a discórdia dentro do governo, pois Cláudio interferiu não somente no Senado por essas duas vias descritas anteriormente, mas sua reforma buscou também alterar prerrogativas que o Senado possuía sobre as legiões. O Imperador também buscou promover uma revalorização dos exércitos após o Principado de Caio Calígula. Para isto, além de reformas quanto à composição das legiões, também foi exigida uma disciplina militar, a exemplo daquela que os romanos teriam tido nos primórdios da República. Buscou realizar duas

³⁹ MOMIGLIANO, *op. cit.*, p. 40.

⁴⁰ SUE. *Cl*, XXXV.

⁴¹ MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 115.

⁴² TAC *Ann.* XI, XXV.

intervenções militares para alavancar a moral das tropas: na Mauritânia e na Bretanha. Na primeira campanha, apesar de não ser dada tanta importância à questão, o Imperador decidiu-se a colocar as tropas em marcha, pois a região passava por instabilidades e ameaçava ser prejudicial à província da África Romana naquele momento de início de Principado.

Os reis numídas da linhagem Masinissa tinham se apresentado incapazes de organizar seus reinos e tinham sido forçados a rogar por diversas vezes pela ajuda romana para subordinar as turbulentas tribos nativas, de tal modo que os romanos não tinham apenas que protegê-los mesmo contra aos incursos dos mouros através da África Romana, mas também manter a guarda sobre eles na Mauritânia, sem ser capaz de colocar um fim permanentemente na turbulência deles, uma vez que a única maneira de fazê-lo era estabelecer um governo direto. Esta foi a solução firmemente adotada por Cláudio depois do atentado a Caio Calígula, o qual aparentemente levou ao afloramento da guerra da África.⁴³

Esta intervenção ocorreu logo no início do Principado de Cláudio, e foi alcançar uma resolução favorável no ano de 44.

Já a segunda campanha de Cláudio teve início em 43. A Bretanha nunca tinha chamado a atenção de Roma devido tanto à falta de ameaças que ela poderia representar para o Império, como por estar isolado do restante da área continental. Por fim, as expectativas de se estabelecer colônias neste território eram baixa. Assim, não surpreende que, retirando uma incursão realizada por César, a postura dos imperadores que se seguiram foi de desinteresse por esta região. No entanto, Cláudio visava o prestígio para si e para os exércitos e a Bretanha apresentava como grande destaque o fato que desde Júlio César ninguém havia realizado uma incursão incisiva sobre a ilha. A Bretanha tinha como grandes atrativos econômicos a riqueza em metais, madeira e gado, pelos quais os Romanos pagavam com produtos manufaturados. Mesmo sabendo que as expectativas de ganhos não superariam os gastos que a invasão geraria, Cláudio prosseguiu com seu desejo, pois o que lhe motivara era a honra e a recuperação do prestígio dos exércitos. Sobre a campanha da Bretanha, Hurley disserta sobre a importância do momento político em que ela é realizada.

⁴³ MOMIGLIANO, *op. cit.*, p. 54.

O momento dedicado ao ataque foi quando passou a haver um conflito local, e Cláudio se aproveitou da estrutura deixada pelo seu antecessor que havia treinado 2 legiões para intervir na região. Para a incursão foi nomeado Aulo Pláucio, pela sua lealdade nos eventos do ano anterior (a conspiração). As tropas não se mostraram a princípio com vontade, já que aquele era o limite do que era considerado pelos romanos como mundo civilizado. Mas, Narciso agindo como representante de Cláudio estimulou as legiões, dizendo que elas deveriam honrar Cláudio. Hurley aponta para o fato de Cláudio não estar presente na campanha da Bretanha. Segundo a autora, Cláudio não poderia se ausentar de Roma por um tempo indeterminado, sendo que um ano antes teria enfrentado uma conspiração. Quando a campanha já estava quase terminada foi ao encontro das tropas, deixando em Roma seu companheiro de consulado e fiel aliado Lucio Vitélio. O séquito que acompanhou Cláudio fora montado com cuidado: faziam parte seu genro Pompeu Magno e seu futuro genro Lucio Junio Silano, e deixando para trás, porém temeroso - outros de grande importância como Marco Vicinius, Valério Asiático, e Cneo Sencio Saturnino, que estaria envolvido nos acontecimento de 41 que levaram à morte de Calígula. Em 44, Cláudio retornou a Roma para celebrar o triunfo, preparando também uma extravagante encenação do assalto à Camulodunum. Ergueu em arco do trinfo onde embarcou da Gália para a Bretanha, e concedeu vestes triunfais a todos os seus acompanhantes de status senatorial. Em 47, Pláucio foi ovacionado. Tirou dessa conquista todo proveito que pode para construir sua reputação, a ponto de estender o Pomerium em 50⁴⁴.

Mesmo nessas atitudes Cláudio buscou uma semelhança com Augusto. Não houve grandes ampliações do território sob controle direto romano por força da guerra. Apenas as duas regiões citadas anteriormente, ambas de importância estratégica e econômica relativamente reduzida. A política de manter as fronteiras já conquistadas tendo como referência os “limites naturais” – como atestou E. Gibbon – foi seguida por Cláudio nas outras regiões fronteiriças. Para Gibbon, os limites naturais estabilizaram as conquistas romanas. Na fronteira Reno-danubiana poucas incursões de manutenção e restituição da estabilidade eventualmente ameaçada foram realizadas, tendo como grande feito a recuperação da última águia perdida por Varo em Teutoburgo em 9 d.C., e uma campanha de D. Corbulão que chegou a cruzar o Reno e marchou por vários

⁴⁴ HURLEY, Donna W. *Claudius*. In: BARRET, A. (org). *Vidas de los Césares*. Barcelona: Crítica, 2009, p. 155-156.

quilômetros em território germano. Corbulão, contudo, recebeu ordens de Cláudio para que recuasse e encerrou a campanha. Já na fronteira oriental, durante o Principado Claudiano, buscou-se manter a política de protetorado com a Armênia, conservando seu status nominal de reino autônomo, ficando este obrigado a ajudar na contenção das eventuais incursões partas nesse território sempre que necessário. Perto da morte do Imperador, a região voltou a ter grande instabilidade com a ascensão ao trono parta de um novo soberano que almejava conquistar o território armênio. Ao falar de uma comparação com as atitudes tomadas por Cláudio e seu sucessor, Nero, Momigliano afirmou não haver grandes diferenças entre ambas posturas. As outras anexações territoriais feitas no período de Cláudio foram de territórios que na época de Calígula era protetorados e que na época de Cláudio ou passavam por algum distúrbio ou deixaram de ter sucessores ao trono desses reinos. Mas cabe dizer que estes territórios já possuíam oficiais romanos e também presença de forças militares que facilitaram a assimilação.

A centralização executada por Cláudio, como já foi dito anteriormente, baseou-se na valorização dos provinciais a par da elite aristocrática presente em Roma e na Itália. Este centro de poder consolidado desde a época de Augusto foi relativamente desvalorizado no Principado Claudiano. Este problema político mais geral, na visão de Momigliano, levou Cláudio a ser atacado tanto em razão de sua falta de firmeza e clareza na implantação destas mudanças quanto pelas acusações que recebeu pelas interferências negativas da vida doméstica na política do Estado.

A reforma de Cláudio poderia ter tido seu valor em um momento em que a sociedade romana não teria como retomar à política de Augusto. Isto seria um excesso de conservadorismo e tradicionalismo, absolutamente inócuo, como talvez tenha sido parte do que ocorreu sob o brevíssimo principado de Galba. A visão de governo e justiça de Cláudio lembrava em muito aqueles presentes nas instituições familiares. Em certos aspectos, esta “moralização” e a revalorização de um tradicionalismo inspirados em autores como Tito Lívio e no período de Augusto esbarrou numa suposta “modernidade” pela qual o Império já passava naquele instante, com a pressão pela incorporação crescente das elites provinciais e uma fraquíssima adesão da elite mais tradicional romana àqueles valores que teriam sido defendidos por Augusto. Além disso, Cláudio fortaleceu seus próprios magistrados oferecendo aos seus procuradores

províncias poderes a níveis consulares quando estivessem em exercício nas províncias. Também colocou seus libertos preferidos no comando de postos chave da administração imperial.

Para sintetizarmos, as críticas feitas ao Imperador em sua grande maioria estão relacionadas a esta questão dos valores, da moral e do tradicionalismo, em especial com relação à esfera privada – com a ação de mulheres e libertos tendo uma interferência vista como negativa e, especialmente, sem qualquer controle na política imperial. Isto nos leva a pensar que com a instauração do Principado a fusão da esfera pública e da privada foi realmente aprofundada no que tange à sustentação do poder imperial e das demais casas aristocráticas. Isto mudou todas as formas de relações institucionais e pessoais sob o Império, o mesmo se dando no caso particular do Principado Claudiano, que fez um uso talvez desmedido deste comportamento patriarcal. Os Imperadores passaram a ser julgados pelas ações internas à *Domus Caesaris*. Eram representados como maus pais em razão de seus vícios e fraquezas. Estes desvios atribuídos à conduta privada comprometia totalmente a atuação pública do sobreano. Havia uma série de expectativas da sociedade quanto à atuação do Imperador. Uma delas seria o seguimento de um *mos maiorum* difundido por Augusto no início do Principado, que servia como parâmetro de avaliação dos Imperadores. Outro exemplo de expectativa com relação ao governante se refere à adesão daquilo que a historiografia chama de um ideal senatorial de condução dos negócios do Estado pelo imperador. Cabia a cada Imperador ser um erudito, ser um líder por natureza, possuir carisma dentro da aristocracia e junto à plebe, administrar a justiça de forma justa, conduzir os exércitos. Ou seja, cumpria ao imperador se apresentar à altura tanto das atividades mais concretas, práticas que lhes eram atribuídas quanto da parte abstrata que compunha suas obrigações, a começar por ser um bom pai de família, valorizar e conceder as honras dentre seus súditos de forma justa, valorizar as tradições de forma harmoniosa. O que se observa é que cada Imperador tenta refundar o Principado. A escolha dos aparatos para assegurar o seu poder e como fazer uso deste teria sido o fator preponderante para a representação do *Princeps* em questão.

A cada ascensão de um novo Imperador há a geração de uma nova série de expectativas quanto à conduta ideal para o governante. Cada momento determina o tom e a intensidade com que estas expectativas são expressas pelos diferentes grupos, nos

diversos espaços de sociabilidade. Esta seria uma provável causa de um fenômeno comum na análise das fontes, quando um mesmo assunto é tratado de maneira tão diferente em uma ou em outra. Por exemplo, na obra *De Clementia*⁴⁵ Sêneca elogia a decisão de Augusto de ouvir e seguir o conselho da esposa Lívia sobre o caso de um usurpador. Porém, o mesmo Cláudio é acusado de mau imperador em *Apocolocyntosis* por seguir o conselho de mulheres e libertos. Essa diferença na avaliação de um e de outro Imperador no que concerne a se aconselharem com indivíduos presentes na *Aula Caesaris*, mas que não possuíam qualquer poder político de *iure* e, portanto, não deviam participar em tomadas de decisão tão importantes quanto estas, mostra um exemplo desse fenômeno.

Essas expectativas são frequentes ao longo de todo o Império. Essas expectativas são uma representação de uma época específica, porém são frequentes durante o Império como um todo. Por mais que Wallace-Hadrill afirme que o caráter do Imperador tenha mudado do militar para o civil, as fontes continuam a insistir na expectativa de um Imperador que comande as legiões no campo de batalha. Continuam a insistir nessa aproximação do Imperador a um *pater familias* quanto à tomada de decisões de forma justa e moralmente correta. Que tenha o poder da eloquência e que siga os princípios do *mos maiorum*. Que seja justo na distribuição das honras e que zele pelo povo. Isso permite entender como Tácito e Suetônio tendem a ter as mesmas expectativas e as mesmas críticas que Sêneca

Apresentado este quadro geral, passemos à interpretação das visões expressas por cada fonte. Há uma continuidade dos valores de algumas dessas expectativas dentro da sociedade romana ao longo do século I e II d.C., quando foram escritas as obras de Sêneca, e de Tácito e Suetônio respectivamente. Entretanto, não podemos esquecer que cada obra possui sua singularidade, adotando, por exemplo, gêneros literários diferentes para sua composição. Mas, através dessa análise, pretendemos mostrar que as expectativas sobre o que deveriam ser e como os Imperadores agiram é um elemento permanente nas sociedades romanas do século I e II.

⁴⁵ SEN. *Cl* I, 9, 6-7.

2 SÊNECA E A CRUEL PERSPECTIVA EM *APOCOLOCYNTOSIS*

2.1 Cláudio, Sêneca e a *Apocolocyntosis*.

Primeiramente acrescentarei um pouco mais sobre a personagem central dessa pesquisa: Cláudio, quarto imperador de Roma, advindo da dinastia dos Júlio-Cláudios. Nascido em Lião (Lyon), Tibério Cláudio Druso logo criança foi atacado por diversas moléstias de tal modo que chegaram a considerá-lo como inapto para os assuntos públicos. Logo nos primeiros anos de sua infância, perdeu o pai e, por isto, esteve em alguns momentos sob a tutela da mãe e, em outros, sob a de sua avó. Sobre esse assunto, Dião Cássio, historiador do século III, discursou de tal forma:

[...]ele tinha vivido por um longo tempo com sua avó Lívia e por outro longo período com sua mãe Antônia e seus libertos, e além disso ele tinha tido muitas aventuras amorosas com mulheres. Como consequência ele tinha adquirido nenhuma das qualidades própria de um homem livre, mas, não obstante governasse todos os romanos e seus súditos, tinha se tornado um escravo. Eles tiravam vantagem dele, principalmente quando ele estava inclinado a beber ou a relações sexuais, um vez que ele se entregou a ambos destes vícios avidamente e quando assim utilizado era extremamente fácil de dominar. Além do mais, ele era atingido pela covardia, que muitas vezes o dominou de tal forma que se ele não conseguia raciocinar nada como devia. Eles aproveitaram sobre estas falhas dele, também, para efetuar muitos de seus propósitos; amedrontando-o eles podiam usá-lo plenamente para seus próprios fins, e podiam aos mesmo tempo excitar o resto com grande terror.⁴⁶

Apesar desse grande contato com libertos e escravos, aplicou-se desde muito cedo às disciplinas liberais, tais como a eloquência, de forma que sempre soube demonstrar ao público todo o seu saber. Por vezes, surpreendeu seu tio-avô Augusto, primeiro imperador de Roma, no uso das palavras, o que pode ser notado nos episódios descritos por Suetônio, autor do século II, quando esse mesmo Augusto trocava correspondências com Lívia⁴⁷. Já da parte do seu tio Tibério, segundo imperador de Roma, não ganhou nenhum incentivo para a vida pública, o que levou Cláudio a um afastamento, fazendo-o cair num “ócio inveterado e o hábito infame da embriaguez e do

⁴⁶ DioCas LX, II

⁴⁷ Segunda esposa de Otávio Augusto, primeiro imperador de Roma (31 a.C. – 14 d.C.).

jogo”, como diz Suetônio em *As Vidas dos Doze Césares* (SUE. Cl. V). Já no Principado de Caio Calígula, seu sobrinho e terceiro imperador de Roma, alcançou o consulado durante dois meses, mas não teve muita sorte: foi afastado devido à sua negligência na colocação e ereção de estátuas de Nero e Druso, irmãos de Calígula. Posteriormente, ao fazer parte da delegação de felicitação ao imperador pela descoberta da conjuração de Lépido e de Getúlio, foi alvo da fúria e indignação de Calígula, porque esse interpretou que lhe enviaram o tio para lhe tutelar. A partir desse evento, Cláudio voltou a cair no esquecimento.

Com o assassinato de Calígula em 41 d.C., Cláudio, aos cinquenta anos de idade, se tornou o quarto imperador romano. A cena de como Cláudio foi descoberto pelos pretorianos mostra o caráter covarde de Cláudio:

Pouco depois, tomado pelo pavor com a notícia do assassinio, entremeteu-se até uma galeria solar vizinha e se ocultou ali, enrolando-se nas cortinas que cobriam a porta. Assim escondido, um simples soldado, que corria dum lado para o outro, percebeu-lhe os pés, quis saber quem era e o arrancou do esconderijo. Como Cláudio assustadíssimo se lhe rojasse aos pés, o soldado o saudou, dando-lhe o título de imperador. Sem perda de tempo, conduziu-o para junto doutros soldados seus companheiros, vacilantes e sem conhecer outra coisa senão o furor. Colocaram-no numa liteira e como seus escravos tivessem fugido, todos, foi conduzido, ora sobre os ombros duns, ora dos de outros, até o acampamento triste e nervoso, em meio a demonstrações de respeito da multidão, crente de que o estavam ameaçando com o suplício, injustamente. Recebido no interior das trincheiras, passou toda a noite entre sentinelas, com muito menos esperança do que segurança.⁴⁸

Sua aparência física, nas palavras de Sêneca na obra *Apocolocyntosis*, era grotesca. Tinha o corpo delgado e não era magro, cabelos brancos e pescoço grosso. Andava mancando, provavelmente por possuir joelhos fracos e por sequelas de uma paralisia infantil. Sêneca o descreve da seguinte forma ao falecido Cláudio, apresentando-se diante do Senado divino:

⁴⁸ SUE Cl – X -Ineque multo post rumore caedis exterritus prorepsit ad solarium proximum interque praetenta foribus uela se abdidit. Latentem discurrens forte gregarius miles, animadversis pedibus, studio sciscitandi quisnam esset, adgnovit extractumque et prae metu ad genua sibi accidit imperatorem salutavit. Hinc ad alios commilitones fluctuantis nec quicquam adhuc quam frementis perduxit. Ab his lecticae impositus et, quia sui diffugerant vicissim succollantibus in castra delatus est tristis ac trepidus, miserante obvia turba quasi ad poenam raperetur insons. Receptus intra uallum inter excubias militum pernoctavit, aliquanto minore spe quam fiducia.

Anunciam a Júpiter a chegada de um fulano, estatura normal, cabelos quase brancos: “Não deve ter boas intenções, pois abana continuamente a cabeça; e coxeia do pé direito. Perguntei-lhe de onde vinha: respondeu não sei, com sons indistintos e voz confusa”.⁴⁹

Cláudio se casou quatro vezes, e, dentro do seu Principado, as esposas que ganharam destaque foram Messalina, sua terceira mulher, filha do seu tio Barbato Messala, e Agripina, filha do seu irmão Germânico. Na época, esse tipo de casamento era considerado incestuoso, mas, por meio de acordos, o Senado promulgou uma lei permitindo esse tipo de união. Sobre esse fato, Tácito escreve da seguinte forma:

Houve senadores que saíram correndo da sala, protestavam com grande intimativa, que forçariam o César a fazer este casamento se ele repugnasse. Juntou-se a estes uma multidão imensa e confusa, a qual gritava: ‘que o povo romano queria e desejava isto mesmo’. Cláudio, sem esperar mais ainda, dirigiu-se então para o Fórum a fim de se encontrar com este tumultuoso e festivo ajuntamento; e entrando no senado pediu um decreto que também sancionasse para o futuro o matrimônio dos tios com as sobrinhas. Não se achou contudo senão um que quisesse provar desta nova espécie de união conjugal; e este foi T. Aléidio Severo, cavaleiro romano, que muitos diziam que só fizera isto por insinuações de Agripina.⁵⁰

Foi por causa dessa mesma Agripina que Sêneca, o autor que analisamos neste momento, foi introduzido no meio da corte palaciana. Lúcio Aneu Sêneca, natural de Córdoba, teria nascido por volta do ano 4 a.C. Logo cedo, foi estudar em Roma com o retor e filósofo Papírio Fabiano, o estóico Átalo, o cínico Demétrio e o neopitagórico Sócion. Anos mais tarde, seguiu para o Egito, onde o prefeito era marido de uma tia materna, e o motivo dessa viagem provavelmente tinha sido sua fraca saúde.

Alguns anos depois, regressou com sua tia para Roma e, por intermédio dela, conseguiu a questura. Em meio a esse âmbito político, em 39 d.C., quando estava no auge da sua carreira até então, atraiu a ira do imperador Calígula, por pronunciar um discurso que expressava o ideal de principado escrupuloso das liberdades públicas, agradando ou não a classe senatorial e principalmente o imperador. Mesmo não

⁴⁹ SEN. *Apocol* – V,2 nuntiatur Iovi venisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim caput movere; pedem dextrum trahere. quaesisse se cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et voce confusa. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁵⁰ TAC. *Ann.* XII, 7 -nec Claudius ultra expectato obvius apud forum praebet se gratantibus, senatumque ingressus decretum postulat quo iustae inter patruos fratrumque filias nuptiae etiam in posterum statuerentur. nec tamen repertus est nisi unus talis matrimonii cupitor, Alledius Severus eques Romanus, quem plerique Agrippinae gratia impulsus ferebant.

agradando o imperador, Sêneca não sofreu punições, no entanto, no Principado de Cláudio, foi envolvido em uma conspiração:

Mas o raio desviado em 39, rebentou, embora menos terrível, dois anos mais tarde, na subida de Cláudio ao trono. O orador, ainda jovem, era das personagens mais brilhantes de Roma imperial: a sua ruína nasceu duma questão de mulheres. Em 41, a imperatriz Messalina, ciumenta de Júlia Livila, irmã do falecido Calígula e rival de sua beleza, quis perdê-la com uma acusação de adultério. Sêneca foi envolvido no processo e foi exilado para a Córsega, onde permaneceu oito anos.⁵¹

Durante esses oito anos de exílio, em uma ocasião, enviou uma *consolatio* para Políbios, liberto de Cláudio, devido à morte de seu irmão, contendo adulações a Cláudio, o mesmo imperador que havia lhe enviado para o exílio, portanto. Tais adulações, que soavam muito falsamente, não serviram aos propósitos de Sêneca. Nessa consolação, Sêneca faz vários elogios a Cláudio, que seriam totalmente desmentidos na sua sátira *menipeia*.

Deixa que ele cure o gênero humano já há muito tempo doente e enfraquecido, deixa que ele reintegre e reponha em seu lugar o que quer que a fúria do príncipe anterior tenha abalado! Aquele astro que brilhou, precipitado o mundo nas profundezas e mergulhado nas trevas, brilhe para sempre! Que ele pacifique a Germânia, franqueie a Bretanha e conduza os triunfos do pai e os novos! A clemência, que alcança o primeiro lugar entre suas qualidades, promete que eu também serei observador deles. Na verdade, não me derrubou com intentos de nunca reerguer, ou melhor, sequer me derrubou, mas segurou-me impelido pela sorte e a cair, e, indo abaixo, suavemente pousou-me com brandura usando as mãos divinas: implorou ao Senado por mim e não só me entregou a vida, como ainda a pediu.⁵²

O retorno de Sêneca a Roma se deu por intermédio de Agripina, que o havia conhecido antes dele ser exilado por Calígula. Em 49 d.C., Agripina intercedeu junto a Cláudio para que trouxesse Sêneca do exílio a fim de torná-lo tutor de Nero, que acabara de ser adotado por Cláudio, e era o mais próximo na sucessão ao trono. Assim, Agripina visava atingir três objetivos: conquistar para o seu filho o favor popular,

⁵¹ PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. LOSA, Manuel. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 581.

⁵² SÊN. *AdPol*, XII Sidus hoc, quod praecipitato in profundum et demerso in tenebras orbi refulsit, semper luceat! Hic Germaniam pacet, Britanniam aperiat, et patrios triumphos ducat et novos: quorum me quoque spectatorem futurum, quae ex virtutibus eius primum optinet locum, promittit clementia. Nec enim sic me deiecit, ut nollet erigere, immo ne deiecit quidem, sed impulsus a Fortuna et cadentem sustinuit, et in praeceps euntem leniter divinae manus usus moderatione deposuit: deprecatus est pro me senatum et vitam mihi non tantum dedit, sed etiam petit.

mostrando que realmente estava sendo instruído por um dos grandes sábios da época, transformar o filho, educando-o da melhor maneira possível, e conquistar a gratidão de Sêneca, facilitando, assim, o controle dela sobre o filho por meio do tutor.

No entanto, Sêneca não seguiu essa última linha dos objetivos de Agripina e tentou, em Nero, criar um príncipe perfeito, um sábio que, por sua capacidade, reinaria em harmonia com as virtudes necessárias. Grande parte dessa disciplina aplicada por Sêneca a Nero se encontra no *De clementia*, tratado político em que Sêneca mostrava a Nero a importância e o uso correto da clemência, seguindo o modelo de Augusto.

Após a morte de Cláudio, provavelmente por uma ação de Agripina em 54 d.C., Sêneca compôs uma sátira-menipeia a fim de atacar Cláudio, o César que o havia exilado. O resumo dessa sátira, conhecida hoje como *Apocolocyntosis*, se define por:

[...] libelo difamatório da memória de Cláudio, o *Ludus de morte Claudii*, em que, fazendo uma crítica impiedosa da apoteose do imperador falecido, imagina que o concílio dos deuses, por proposta do divo Augusto, a quem repugnavam os métodos despóticos de Cláudio, rejeita o novo nume do seu seio, e o condena ao Tártaro, onde Minos, não sabendo que pena encontrar adequada para ele, o entrega, como escravo chanceler para os processos infernais, precisamente a Menandro, que fora liberto de Cláudio; esta última pincelada constitui uma acre paródia do interesse maníaco pelos processos, manifestados por Cláudio em vida.⁵³

Junto a esse ataque à figura de Cláudio, há também na obra uma propaganda do novo imperador. Contrastando com a figura de Cláudio, o qual Sêneca busca difamar por meio de uma série de símbolos, surge uma imagem de Nero comparado a Apolo, o deus sol, assim demonstrando que se deixavam as trevas e que, a partir daquele momento, começava a era das luzes.

Anos mais tarde, depois da morte de Afrânio Burro, seu aliado contra as ambições de Agripina, e em razão do progressivo desgaste de sua relação com Nero, Sêneca acabou se afastando da casa imperial. Mais tarde, em 62 d.C., o nome de Sêneca foi citado numa conspiração contra Nero, e, a pedido do imperador, Sêneca foi obrigado a se suicidar.

⁵³ PARATORE, *op. cit.*, p. 587.

Sobre a obra em si, *Apocolocyntosis* é uma sátira menipéica que narra em um cenário imaginário os acontecimentos após a morte de Cláudio. A história começa, portanto, com a morte de Cláudio, que, no plano divino, se apresenta aos deuses. No Senado Celeste, lugar onde se reuniam todos os deuses, Cláudio, com a ajuda de Hércules, deus ao qual sempre prestara honras segundo a história, tenta ser divinizado também. Em meio a toda essa situação, Sêneca mostra diversas características da política romana, destacando a corrupção e o servilismo da sociedade romana, simbolizada pela ação persuasiva de Hércules para com os outros membros do Senado. Após muita discussão entre os membros do Senado sobre a divinização ou sua recusa, Cláudio e Hércules pareciam estar alcançando seu objetivo quando Augusto se manifesta contra a divinização. Augusto começa seu discurso apontando que de nada valeria o seu trabalho se Cláudio fosse divinizado, tendo em vista as atrocidades cometidas no Principado de seu sobrinho-neto. Para ressaltá-las, Augusto diz dar foco somente aos crimes dentro da própria família e passa a elencar os diversos assassinios dentro da *Familia Caesaris*. Depois, Augusto apela para o orgulho dos deuses, indagando-lhes se alguém os levaria a sério se tornassem Cláudio semelhante a eles. Após o discurso de Augusto, o Senado vota contra a divinização de Cláudio e decreta o seu imediato envio para o Tártaro.

Durante a descida do plano divino para o mundo dos mortos, Cláudio e Mercúrio, deus encarregado de conduzir Cláudio entre os dois planos, se deparam com os festins do funeral de Cláudio, que, segundo Suetônio, teve todas as pompas imperiais⁵⁴. Nessa ocasião, eles viam as pessoas enaltecendo o novo imperador, comemorando que a era das trevas havia terminado e que o tempo das luzes se iniciara com o Principado de Nero. Nesse momento, Sêneca faz uma aproximação entre Nero e Apolo, como contraste à figura grotesca de Cláudio⁵⁵. Ao chegar ao Tártaro, Cláudio é recebido por uma multidão de pessoas vítimas de suas ordens ou de seus libertos, entre essas, Messalina e Narciso. Em ambos os casos, a narração de Sêneca sugere que as ordens teriam partido diretamente de Cláudio. Segundo Tácito, entretanto, a primeira teria sido morta por ordem direta de Narciso, e o segundo, por ordens de Agripina, a fim de eliminar os apoiadores de Cláudio. Essa multidão leva Cláudio a julgamento diante de Éaco, um dos três juízes do Mundo dos Mortos, para ser condenado pelos assassinios

⁵⁴ *funeratusque est sollemni principum pompa et in numerum deorum relatus* (SUETÔNIO. *Cláudio*. XLV, 1)

⁵⁵ GRIFFIN, M. *Seneca. A philosopher in politics*. London: Oxford University Press, 2003, p. 132.

segundo a Lei Cornélia. Nessa passagem, Sêneca destaca um dos maiores pontos de sua crítica para com o Principado de Cláudio, que seria a forma como o imperador conduzia a justiça. Cláudio é julgado no Tártaro de forma injusta e sem a possibilidade de se defender, assim como era acusado de praticar com outras pessoas. No tribunal, acusadores e Éaco discutem sobre as prováveis penas a serem aplicadas sobre Cláudio; buscam algo que dure pela eternidade, sugerindo que lhe dessem dados e um copo sem fundo, aludindo tanto ao seu vício em jogos como sua estupidez. Por fim, aparece Caio Calígula que o pede como seu escravo, porque assim agira em vida, e presenteia Menandro, que transforma Cláudio em um escravo encarregado de assuntos jurídicos.

O estilo de *Apocolocyntosis* é classificado como sátira menipeia, e fora destacado por Varrão no século I a.C.. Esse teria tido influência do filósofo Menipo de Gadara. Esse estilo misturava constantemente prosa e verso em sua escrita.

Outra provável influência de Sêneca ao definir o estilo de *Apocolocyntosis* pode ter sido Lucílio, satirista do século II a.C.. Esse escritor romano advinha de uma família de *status* senatorial, porém permaneceu como um equestre. Ele era considerado pelos romanos um bufão, mas hoje é reconhecido como o criador da sátira romana e acredita-se que teria tido como influência dois outros autores gregos: Arquiloco (que, provavelmente, escreveu no século VI a.C.) e Hipônax (também do século VI a.C.), ambos os escritores de versos iâmbicos. Um dos traços que diferencia o estilo romano do grego é a tendência que os autores de Roma tinham de utilizar a ironia – por vezes feroz e cáustica –, os elementos autobiográficos – quando decorrem de sentimentos ou experiências –, o realismo – pouco dado à fantasia – e o gosto pela heterodoxia literária.

Também tem precedentes gregos: a imitação burlesca de outros gêneros, a paródia, que Lucílio pratica, sobretudo com a épica, assim quando descreve a assembleia que celebravam os deuses, regida pelo protocolo do Senado Romano, para debater que deviam fazer com Lentulo Lupo, o rival de Lucílio que acabava de morrer, um indesejado que havia, contudo chegou a censor, e com Roma, que tal coisa havia permitido: para castigar a cidade decidem enviar uma tempestade sobre ela; o provável castigo de Lupo não foi mantido⁵⁶.

Provavelmente, o estilo de Sêneca em *Apocolocyntosis* seja uma mescla de ambos os estilos: o de Varrão e o de Lucílio.

⁵⁶ ISIDRO, Juan Mariné In: SÊNECA, Apocolocintosis. Madrid: Editora Gredos, 1996, p. 2.

A *Apocolocyntosis* é inegavelmente uma sátira menipeia tanto na forma como no conteúdo. Há na obra de Sêneca passagens em que se utiliza às vezes linguagem vulgar, outras vezes linguagem erudita. Ainda se fazem presentes citações gregas, e os gêneros sérios, como a epopeia, a tragédia, a história e a retórica clássica, são parodiados⁵⁷.

Apesar de também ser reconhecida pelo título de *Diui Claudii apotheosis per saturam*⁵⁸, a obra tem como título mais conhecido *Apocolocyntosis*, como referencia ao termo grego *apothéōsis* (transformação em deus). A partir desse termo, retira-se a partícula *théo* (deus) e a troca pela partícula *kolokýntē* (abóbora). Em momento nenhum no texto é citado o fruto, o que gerou entre vários estudiosos diversas discussões sobre o porquê desse título. A hipótese mais aceita pelos que debateram esse tema é que a abóbora é um fruto tipicamente comum, que não possui nada de especial, assim aproximando a “abóbora” do “bobo”⁵⁹.

2.2 A perspectiva de Sêneca em *Apocolocyntosis*

A partir desse ponto, partiremos para a análise da fonte em si e a perspectiva de Sêneca sobre como era Cláudio e seu governo. Apesar de todas as características da linguagem utilizada em *Apocolocyntosis* é possível observar nesta obra uma complexa construção de uma *imago*⁶⁰ da personagem Cláudio e do todo que a envolve: demais magistrados e pessoas da *Domus Caesaris*. Nesta parte retomaremos algumas ideias discutidas anteriormente como, por exemplo, aparatos de sustentação do poder do Imperador em Roma.

⁵⁷ SILVA, Frederico de Sousa. *Apocolocintose do Divino Cláudio* (trad.). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 11.

⁵⁸ ISIDRO, *op. cit.*, p. 4.

⁵⁹ *Idem*, p. 5.

⁶⁰ Uso do termo em latim *imago* é baseado na ideia de representação, imagem mental. Este termo é também citado em Quintiliano: “quarum ambitiose a quibusdam numerus augetur, sed maxime necessarias attingam. est igitur unum genus, quo tota rerum imago quodammodo verbis depingitur” (For oratory fails of its full effect, and does not assert itself as it should, if its appeal is merely to the hearing, and if the judge merely feels that the facts on which he has to give his decision are being narrated to him, and not displayed in their living truth to the eyes of the mind)(QUINT. *Inst.* VIII, 3.64) e Tácito: “an, si ad moenia urbis Germani Gallique duxerint, arma patriae inferetis? horret animus tanti flagitii imagine.” (Should the Germans and the Gauls lead you to the walls of the capital, will you lift up arms against your Country? My soul shudders at the imagination of so horrible a crime.) (TAC. *Hist.* IV, 58).

2.2.1 Perseguição e assassinato de senadores

Um elemento característico de crítica na construção da *imago* de Cláudio em *Apocolocyntosis* são as execuções de senadores opositores ao Imperador. Como já foi dito no capítulo anterior, Cláudio realizara no seu governo a tentativa de uma centralização política desvalorizando alguns poderes senatoriais e também realizando uma mudança no corpo da instituição. Assim como foi discutido pelo estudo de Winterling⁶¹ e anteriormente de Mommsen, o Estado Romano funcionava com base em uma diarquia. De um lado o Imperador que possuía o *imperium* permitindo-lhe o comandar as tropas, a gestão do *aerarium* militar (*sanctius*), e uma série de honras que lhe permitiam estender seu controle por diversas ramificações do Estado. De outro lado estava o Senado romano, que era uma instituição tipicamente legitimava as ações e o poder de particulares. Quando os Imperadores eram aclamados por tropas, como o caso de Cláudio, ou eram considerados herdeiros tinham que ter seu poder legitimado pelo Senado para se proclamarem como defensores do povo romano. E mesmo suas ações políticas buscavam essa legitimação institucional através dos *senatus consulta* – até mesmo coisas simples como cunhagens de algumas moedas vinham por vezes acompanhadas da sigla SC.

Para realizar este processo de centralização política, Cláudio agiu por duas vias: a renovação dos membros do Senado, afastando antigos membros da instituição com a desculpa de uma reforma moral, e perseguição e execução de outros membros que poderiam vir a oferecer resistência à nova política. É isto que afirma Momigliano, que acreditava que Cláudio queria o apoio da instituição, mas que precisava eliminar alguns membros presentes nesta instituição⁶².

Em *Apocolocyntosis* é possível observar estes dois processos na construção da *imago* de Cláudio. A parte que mais marca isso na construção de uma imagem cruel de Cláudio é o discurso de Augusto contra a divinização de seu sobrinho neto. Logo no início de seu discurso ele apresenta o quão cruel fora em seu Principado:

⁶¹ WINTERLING, Aloys. *Politics and society in Imperial Rome*. London: Wiley-Blackwell, 2009.

⁶² MOMIGLIANO, *op. cit.*, p. 41.

Este sujeito, ó senadores, que vos parece incapaz de maltratar um mosquito, matara os homens com a mesma facilidade com a qual um cão levanta a pata. Mas para que lembrar-me-ei tantas e tão ilustres vítimas? Não tem tempo para chorar as desventuras da pátria quem olha para os lutos domésticos. Por isso, deixarei de lado as desventuras da pátria e falarei só dos lutos domésticos, pois, se também minha irmã não sabe o grego, eu conheço-o: é mais próximo o joelho do que a canela da perna.⁶³

Sêneca critica as diversas perseguições aos magistrados, mas se concentra somente nos lutos domésticos à família imperial (de Augusto e igualmente de Cláudio). A partir deste ponto, ele passa a elencar os diversos crimes cometidos contra seus familiares. No discurso de Augusto, há acusação de Cláudio se apoiar no nome de Augusto para se mostrar importante, mas que na opinião de Otávio o que ele teria feito era desonrar seu nome ao atacar diretamente sua família. Isto mostra uma falta de zelo com a família, assim como uma falta de responsabilidade característica de um *pater familias*.

Este sujeito, então, depois de ter ficado por tantos anos à sombra do meu nome, agradeceu-me desta maneira: mandando matar duas Júlias, minhas sobrinhas, uma por ferro, outra por fome; e depois um sobrinho, Lúcio Silano. Júpiter veja se Silano não estava do lado da razão: pelo menos, conforme a justiça estava do teu lado. Dize-me, ó divino Cláudio, por que todos os que mandaste matar, os condenaste sem processo nem defesa? Onde existe este costume? Aqui, no céu, não.⁶⁴

Prosseguindo o discurso de Augusto, há a acusação da perseguição a magistrados que poderiam vir a ocupar o cargo de Imperador, assim como a de seu predecessor Calígula, que havia lhe tratado muito mal durante seu principado. Nesta passagem também há uma crítica à estupidez de Cláudio ao dizer que Crasso era tão bobo que podia governar, Sêneca diz que se Cláudio é um bobo e se ele se tornou imperador qualquer um pode.

⁶³SEN. – *Apocol.* X, 3 - Hic, p.c., qui vobis non posse videtur muscam excitare, tam facile homines occidebat, quam canis excidit. Sed quid ego de tot ac talibus viris dicam? Non vacat deflere publicas clades intuenti domestica mala. Itaque illa omittam, haec referam; nam etiam si soror mea Graece nescit, ego scio: engion gonu knêmês. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁶⁴SEN X,4 - Iste quem videtis, per tot annos sub meo nomine latens, hanc mihi gratiam rettulit, ut duas Iulias proneptes meas occideret, alteram ferro, alteram fame; unum abnepotem L. Silanum, videris, Iuppiter, an in causa mala, certe in tua, si aequus futurus es. Dic mihi, dive Claudii, quare quemquam ex his, quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit. Trad: LEONI, Giulio Davide

E sempre perseguiste o teu predecessor Caio César (Calígula), também depois de morto. Caio matou o sogro; Cláudio também o genro. Caio não quis que o filho de Crasso fosse chamado Magno; Cláudio lhe devolveu o nome, mas lhe tirou a vida. Nesta família, matou Crasso, Magno e Escribônia, os Tristões e Assariões: três patetas, mas nobres; e Crasso era tão bobo que até podia governar.⁶⁵

Ao comparar Cláudio a Calígula, Sêneca construiu um argumento que significava a todos que tudo aquilo a qual o Imperador havia condenado de seu predecessor o fazia pior. Cláudio que ao chegar ao poder condenara todas as ações de Caio Calígula as repetira para eliminar os possíveis candidatos a Imperador. Dentre os magistrados, listados Sêneca aponta para o genro de Cláudio por parte de Otávia (filha de Messalina), Júnio Silano, condenado por incesto com Júnio Calvina em 49. Este logo jovem obtivera em 48 a *ornamenta triumphalia*, mas foi envolvido em acusações falsas e cometeu suicídio em 49⁶⁶. Já Magno teria sido casado sua filha de Antônia (do casamento de Cláudio com Élia Petina) e envolvido em uma conspiração e condenado à morte em 47⁶⁷. O Crasso da passagem era o pai de Magno e também fora morto na mesma conspiração juntamente com sua esposa Escribônia.

Por fim, Augusto fecha seu argumento elencando todos os crimes e repudiando o pedido de divinização de Cláudio. Terminado a passagem do discurso de Augusto, é proferida uma sentença condenando Cláudio ao desterro para o Inferno, acusado dos seus diversos homicídios. Não lhe é dado direito de se defender assim como era comum nos julgamentos de Cláudio. Sêneca, ao dar a Cláudio a sentença do desterro, faz um desabafo, porque foi julgado e condenado desta mesma forma por crime de adultério.

Considerando que o divo Cláudio matou o sogro Ápio Silano, dois genros — Magno Pompeu e Lúcio Silano; o sogro da filha — Crasso Frugi, com quem se parecia como se parecem dois ovos; Escribônia, sogra de sua filha; a própria mulher, Messalina; e todos os outros que não foi possível contar; “proponho sejam tomadas severas providências contra este sujeito, não lhe seja concedida a faculdade de

⁶⁵ *Idem*. XI,2 - C. Caesarem non desiit mortuum persequi. Occiderat ille socerum: hic et generum. Gaius Crassi filium vetuit Magnum vocari: hic nomen illi reddidit, caput tulit. Occidit in una domo Crassum, Magnum, Scriboniam, +Tristionias, Assarionem,+ nobiles tamen, Crassum vero tam fatuum, ut etiam regnare posset. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁶⁶ SCULLARD, Howard Haynes; LEVICK, B. *Iunia Calvina*. In: HORNBLLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (Ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3ed. Dicionário. Oxford University Press, 1996, p. 787.

⁶⁷ DioCas. - LX, 5 e 30.

ser julgado, aliás, seja levado daqui quanto mais cedo: saia dos céus no máximo dentro de um mês; para deixar o Olimpo: três dias”.⁶⁸

Nesta passagem Sêneca ainda destaca a figura de Ápio Silano. Este que teve grande carreira política durante o Principado de Tibério alcançando o consulado em 28 fora morto em 42 por ser acusado de planejar a morte de Cláudio⁶⁹. Já no Tártaro, enquanto está sendo julgado por Éaco, Sêneca apresenta o número de vítimas no Principado de Cláudio:

Então, leva-o ao tribunal de Éaco, que instruía processos conforme a lei Cornélia acerca do homicídio. Pédon pede seja inscrita a causa contra Cláudio e apresenta o ato de acusação: "Mortos trinta e cinco senadores, duzentos e vinte e um cavaleiros romanos; e depois todos os outros... quantos são os grãosinhos de pó e areia”.⁷⁰

Ao Sêneca citar a lei Cornélia (que condenava tanto aqueles que ministrassem como aqueles que aplicassem sentenças injustas) ele condena o modo como Cláudio exercia a justiça, e ao citar um elevado número de vítimas ele salienta essa ação de Cláudio.

A sátira de Sêneca é um brilhante (e impiedoso) ataque ao Imperador Cláudio depois de sua morte em 54 d.C., e pela mesma razão um celebração da restauração da ordem romana, da *libertas* em particular, a qual Nero sucessor de Cláudio afirmou estar garantindo. A maioria das ações de *Apocolocyntosis* (o nome é uma paródia da apoteose que Cláudio tinha recebido logo depois que ele morreu) ocorre em um conselho dos deuses rigorosamente inspirado na reunião similar do primeiro livro de Lucílio. Especialmente, o conselho divino de Sêneca segue Lucílio tomando a forma de um encontro de romanos, o indescritivelmente medonho é levado a outro nível⁷¹.

Ou seja, com a morte de Cláudio e a condenação divina, Sêneca representou este momento como aquele em que novamente a *libertas* pode voltar a ser exercida

⁶⁸ SEN. *Apocol XI,5* Ego pro sententia mea hoc censeo: "atque ita ex tabella recitavit:" quandoquidem divus Claudius occidit socerum suum Appium Silanum, generos duos Magnum Pompeium et L. Silanum, socerum filiae suae Crassum Frugi, hominem tam similem sibi quam ovo ovum, Scriboniam socrum filiae suae, uxorem suam Messalinam et ceteros quorum numerus iniri non potuit, placet mihi in eum severe animadverti, nec illi rerum iudicandarum vacationem dari, eumque quam primum exportari, et caelo intra triginta dies excedere, Olympo intra diem tertium Trad: LEONI, Giulio Davide

⁶⁹ SCULLARD, *op. cit.*, p. 789.

⁷⁰ SEN. *Apocol XIV*, 1Ducit illum ad tribunal Aeaci: is lege Cornelia quae de sicariis lata est, quaerebat. Postulat, nomen eius recipiat; edit subscriptionem: occisos senatores XXXV, equites R. CCXXI, ceteros *osa psamathos te konis te*. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁷¹ MORGAN. L. *Satire*. In: HARRISON, S. (ed). *A Companion to Latin Literature*. Blackwell Publisher, 1998, p. 182-183.

entre a aristocracia, não temendo mais as perseguições e as intrigas da corte de Cláudio. Este foi o principal objetivo de *Apocolocyntosis*: ser mais que uma simples sátira, ser um manifesto, quase uma *damnatio memoriae* de Cláudio. Em meio a todas essas acusações observa-se que muitas delas Sêneca relacionou-as diretamente a Cláudio, mesmo que a ordem nunca tivesse partido de Cláudio. Tal como é possível de ser ver nos casos de Messalina e Narciso, em que a primeira foi morta por ordem do liberto Narciso, e este foi morto por ordens de outro liberto, Palas, e de Agripina. Mas o que importou para Sêneca foi concentrar na *imago* de Cláudio todos estes crimes contra a aristocracia romana.

Se Sêneca escreveu o *Ludus*, sua seleção de casos é inapta. Vítimas de Messalina, a própria Messalina com Sílio e conspiradores associados, as notáveis vítimas de Agripina, todos estes são usados indiscriminadamente para apontar a crueldade de Cláudio. Todavia, se o escárnio de Cláudio foi seu único objetivo, o *Ludus* não foi tão bem sucedido. Como uma arma política, a única inclinação que impõe é um esconder das execuções de Messalina e a condenação de Narciso como o mais abominável servo. Continha nenhum óbvio apoio a Agripina; as referências a L. Silano envergonharia grandemente a ela. Se Sêneca escreveu a zombaria, ele perdeu quase todas as oportunidades de ter uma vingança sobre Suílio e seus inimigos, e se a zombaria se tornou pública, pelo menos entre 54 e 58, isso não teria despertado a afeição de Nero por ela (zombaria). E se a zombaria tinha aparecido entre o suicídio de Narciso e o assassinado de Britânico, e o brando tratamento de Messalina tinha sido designado amparar favor para Britânico, Nero teria ficado obviamente furioso.⁷²

2.2.2 Ações de Governo

Como já dissemos anteriormente, Cláudio no início de seu Principado buscou realizar uma centralização política em Roma. Além da perseguição a magistrados, principalmente de origem senatorial, houve também outras ações que enfraqueceram o poder do Senado em contrapartida ao poder do Imperador e da *Domus Caesaris*. Um elemento marcante no Principado de Cláudio foi a concessão de cidadania a provinciais, dando-lhes oportunidade de ingressarem no corpo do Senado. Assim, Cláudio criara um

⁷² BALDWIN, B. *Executions under Claudius: Seneca's "Ludus de Morte Claudii"*. Phoenix, Vol. 18, No. 1, (Spring, 1964), p. 48.

braço de apoio dentro do Senado, pois estes novos integrantes seriam leais, o que veio a facilitar suas ações políticas.

Em *Apocolocyntosis*, Sêneca também adiciona essa ação na montagem da *imago* de Cláudio. Isto porque, segundo ele, estas concessões foram feitas de forma corrupta e indiscriminada.

Mas Cloto retrucou: — Eu tinha pensado, por Hércules, em deixar-lhe alguns dias, somente para poder conceder a cidadania aos poucos que ainda não a possuem: ele decidira ver todos com a toga, Gregos, Gauleses, Hispanos, Britanos. Mas, se acharem melhor deixar alguns estrangeiros, e tu queres isto, então seja assim⁷³.

Sêneca fala que a concessão da cidadania a estrangeiros, na verdade, era uma ação de sua mulher Messalina e dos libertos de sua corte, que faziam dessa concessão de cidadania um mercado de favores. A ação desses elementos sobre a política do principado é um dos grandes males da gestão de Cláudio, para Sêneca. Em outra passagem, quando apresenta a personagem Diéspiter, o autor o apresenta como “Modesto cambista, vivia de outra profissão: vendia cidadanias ao varejo” (SEN. *Apocol IX*, 4)⁷⁴. No entanto, o autor não cita que isto tenha partido de Messalina e dos libertos. O que acarreta uma carga negativa maior sobre o governo de Cláudio. Porém, a reforma de Cláudio não parou somente neste aspecto. Outras ações foram executadas, porém não citadas por Sêneca de forma direta. Um recurso que o autor utilizou para indicar a política de valorização dos provinciais foi o de apresentar a origem de Cláudio. Ele que tinha cidadania romana, nascera nos acampamentos das legiões na Gália. Tendo isto em mente, Sêneca aponta para esta origem “gaulesa” do Imperador. Isto se dá nas passagens em que Hércules e Cláudio mostram sua erudição um ao outro com versos homéricos (SEN. *Apocol V*,4). Sêneca primeiramente ao apontar para a origem de Cláudio, que nascera em Lugnudum (Lyon), faz a aproximação deste aos gauleses, e que por coincidência agira como os que pilharam em 390 a.C. Assim Cláudio como gaulês que era não pode negar a sua natureza e agiu da mesma forma quando governou Roma, segundo Sêneca. Outra passagem seria quando o próprio Hércules o apresenta

⁷³ SEN. *Apocol. III,3* - sed Clotho 'ego mehercules' inquit 'pusillum temporis adicere illi volebam, dum hos pauculos qui supersunt civitate donaret - constituerat enim omnes Graecos, Gallos, Hispanos, Britannos togatos videre -, sed quoniam placet aliquos peregrinos in semen relinqui et tu ita iubes fieri, fiat' Trad: LEONI, G. D.

⁷⁴ Proximus interrogatur sententiam Diespiter Vicae Potae filius, et ipse designatus consul, nummulariolus: hoc quaestu se sustinebat, vendere civitatulas solebat.

como “um autêntico gaulês” (SEN. *Apocol* VI, 1). Momigliano destaca essa valorização dos provinciais como perene na fronteira entre governantes e governados⁷⁵. O próprio Sêneca, se acompanharmos essa linha de raciocínio, é um provincial tendo como origem a província da Hispânia.

Outro ponto do governo de Cláudio que lhe acrescenta uma carga negativa na montagem da sua *imago* por Sêneca é a forma como Cláudio ministrava a justiça. Pela frequência com que ocorrem as menções a este aspecto, é a característica que mais pesa contra Cláudio na montagem de sua imagem em *Apocolocyntosis*. Ao longo de toda sátira menipéia inúmeras críticas à forma da administração da justiça adotada pelo Imperador são apresentadas e reforçadas. Longo no início da passagem em que Cláudio chega ao Senado Celeste e se apresenta a Hércules há uma menção de que o Imperador administrava a justiça sem cessar no templo dedicado a esta divindade (SEN. *Apocol* VII, 4).

Mas não é tanto pela época em que exercia, mas o modo como o fazia que era alvo de críticas por Sêneca. Augusto, como citamos anteriormente, faz a seguinte pergunta a Cláudio “Dize-me, ó divo Cláudio, por que todos os que mandaste matar, os condenaste sem processo nem defesa? Onde existe este costume? Aqui, no céu, não” (SEN. *Apocol* X, 4)⁷⁶. Já na passagem que Mercúrio e Cláudio vêm os festejos da morte do Imperador, Sêneca apresenta como os acusadores se entristecem com a morte de Cláudio, pois estes eram os maiores favorecidos com a política jurídica deste imperador, já que os acusadores sempre eram recompensados. Já os juízes, que tinham seu trabalho suprimido, saíam de lugares ermos onde teriam sido ocultados.

o povo romano passeava, sentindo-se livre. Agatão e alguns rábulas se queixavam de todo o coração. E os juízes, pelo contrário, deixavam os seus abrigos, pálidos, emagrecidos, quase que no momento de entregar os pontos: gente que recomeçava naquele instante a viver.⁷⁷

Ainda nos festejos de morte no hino ao louvor do Imperador há novamente menção ao fato de Cláudio apenas ouvir uma das partes nos processos (SEN. *Apocol*

⁷⁵ MOMIGLIANO, *op. cit.*, p. 63.

⁷⁶ Dic mihi, dive Claudi, quare quemquam ex his, quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit

⁷⁷ SEN. *Apocol* XII,2 - populus Romanus ambulabat tanquam liber, Agatho et pauci causidici plorabant, sed plane ex animo. Iurisconsulti e tenebris procedebant, pallidi, graciles, vix animam habentes, tanquam qui tum maxime reviviscerent. Trad: LEONI, Giulio Davide

XII, 3) e também ao fato de ministrar a justiça em todos os dias, inclusive nos dias dedicados às divindades.

Já no Tártaro, diante do tribunal de Éaco novamente aparece a crítica à forma como Cláudio conduzia os julgamentos. “O patrono começa a querer responder. Mas Éaco, homem justo, pronuncia o veto e condena o réu, depois de ter ouvido somente a acusação, declarando: Se sofres tuas próprias ações, far-se-á uma reta justiça”.⁷⁸

Sêneca continua criticando o modo como Cláudio havia exercido a justiça durante seu consulado. Éaco faz a crítica pela frase em grego “Se sofres tuas próprias ações, far-se-á uma reta justiça”, enfatizada pelo fato de Cláudio ser acusado com base na lei Cornélia (SEN. *Apocol* XIV, 1) que condenava tanto aqueles que ministrassem como aqueles que aplicassem sentenças injustas. Por fim, Sêneca faz um reforço retórico apresentando que aquilo para Cláudio era mais uma injustiça que uma novidade (SEN. *Apocol* XIV, 3). Como última marca negativa na construção da imagem de Cláudio, na condenação Sêneca, ele é transformado em um escravo encarregado dos assuntos de justiça.

Assim, pode-se perceber que o rancor de Sêneca aflorou totalmente quanto a essa temática. Ele que fora alvo de tais injustiças no Principado de Cláudio, teve a oportunidade após a morte do Imperador de fazer seu desabafo. Assim confirmando o quão vazios foram os elogios presentes na carta consolatória a Polúbio:

A clemência, que alcança o primeiro lugar entre suas qualidades, promete que eu também serei observador deles. Na verdade, não me derrubou com intentos de nunca reerguer, ou melhor, sequer me derrubou, mas segurou-me impelido pela sorte e a cair, e, indo abaixo, suavemente pousou-me com brandura usando as mãos divinas: implorou ao Senado por mim e não só me entregou a vida, como ainda a pediu. Estará sob seu arbítrio: pondere-o de que tipo quererá que seja minha causa; ou sua justiça note que é lícita ou a clemência a faça lícita. Um e outro benefício seu será o mesmo para mim, quer entenda que sou inocente, quer o deseje.⁷⁹

⁷⁸SEN. *Apocol* XIV,2 - Incipit patronus velle respondere. Aecus, homo iustissimus, vetat, et illum altera tantum parte audita condemnat et ait: *aikē παθοῖς τὰ ἔρεζας δίκη εὐθεῖα γένοιτο*. Trad: LEONI, Giulio Davide.

⁷⁹SEN. *AdPol*, XIII - eius primum optinet locum, promittit clementia. Nec enim sic me deiecit, ut nollet erigere, immo ne deiecit quidem, sed impulsus a Fortuna et cadentem sustinuit, et in praeceps euntem leniter divinae manus usus moderatione deposuit: deprecatus est pro me senatum et vitam mihi non tantum dedit, sed etiam petit. Viderit: qualem volet esse, existimet causam meam; vel iustitia eius bonam perspiciat, vel clementia faciat bonam: utrumque in aequo mihi eius beneficium erit, sive innocentem me scierit esse, sive voluerit. Trad: LEONI, Giulio Davide

2.2.3 A *Domus Caesaris*

Quanto à questão da *Domus Caesaris*, Sêneca buscou em *Apocolocyntosis* montar uma imagem servil de Cláudio. Alguém que não possuía uma postura de *pater familias* e que por isto gerava a desarmonia na sua casa, tendo como base o princípio de que um romano deve, antes de ser um bom governante, ser um bom pai de família. Para criar essa imagem negativa, Sêneca aponta para os mandos e desmandos das mulheres e libertos, e para os assassinios dentro da *Domus Caesaris*.

A primeira passagem em que Cláudio apresenta este caráter servil de Cláudio como característica componente da *imago* de Cláudio é quando este já está diante do Senado Celeste e as divindades começam a discutir como o falecido Imperador era esquisito e monstruoso.

Neste momento, Cláudio pega fogo e desabafa com um barulho danado. Ninguém compreendia nada: certamente, mandava que a Febre fosse presa; e mandava com aquele seu gesto da mão trêmula, todavia firme só para enviar a gente ao cadafalso. Ele tinha dado a ordem de cortar-lhe a cabeça; mas ali todos pareciam ser libertos, pois ninguém lhe dava ouvido.⁸⁰

Sêneca aponta a facilidade com que Cláudio mudava de humor (também relatado por Suetônio) e como ali, em meio ao Senado celeste os membros agiam conforme os libertos claudianos não obedecendo ao que o César ordenava. Esta crítica mostra como Cláudio era inconstante no trato com as pessoas e também como seus libertos, que pela ordem natural deveriam ser leais ao seu senhor, não davam ouvidos ao que era ordenado por Cláudio em contrapartida a seus interesses próprios.

Em outra passagem Sêneca faz menção à questão do incesto. Este tema era sensível no principado de Cláudio uma vez que ele casou com sua própria sobrinha, Agripina. Contudo, não se poderia esperar uma crítica de Sêneca a isto, uma vez que,

⁸⁰ SEN. *Apocol* VI,2 - excandescit hoc loco Claudius et quanto potest murmure irascitur. quid diceret nemo intellegebat. ille autem Febrim duci iubebat illo gestu solutae manus, et ad hoc unum satis firmæ, quo decollare homines solebat. iusserat illi collum praecidi: putares omnes illius esse libertos, adeo illum nemo curabat. Trad: LEONI, Giulio Davide

antes de tudo, Agripina era sua protetora e foi graças a ela que Sêneca deixou o exílio que tanto o perturbou. Além disto, a união teve apoio do Senado, sendo que alguns senadores se envolveram bastante ativamente na construção desta autorização extraordinária. Aqui, então, podemos notar que as críticas de Sêneca não se voltam a um governo idealizado e perfeito, mas são bem contextualizadas, atacando vícios específicos e dados. O incesto, neste caso, não era problema de modo algum. A condenação de um caso pelo imperador, deste modo, também serve para acusá-lo de perseguir imerecidamente as pessoas.

[...] ainda menos poderia obtê-lo de Júpiter, que ele — quando lhe foi possível — condenou como incestuoso. De fato, condenou à morte seu genro Silano: e, pergunto eu, por quê? Porque, tendo uma irmã, a mais linda moça do mundo, que todos chamavam Vênus, ele preferiu chamá-la Juno!⁸¹

Durante a passagem do discurso de Augusto contra a divinização de Cláudio, Sêneca concentrou seu relato apenas nos lutos dentro da *familia Caesaris*. Esta era mais uma razão para condenação de Cláudio, produzida por Sêneca, se dar pelo discurso de Augusto. As famílias são as mesmas. Ao destruir o sangue de Augusto, Cláudio teria desonrado o seu nome. Sêneca após ter aludido aos julgamentos errôneos do falecido Imperador, acusa-o da morte da esposa, Messalina.

Vê, por exemplo, Júpiter, que reina há tantos séculos: somente a Vulcano quebrou uma perna quando o pegou pelo pé, jogando-o dos reinos celestes. "Brigou com a mulher e a levantou no ar; mas, porventura, a matou? Pelo contrário, tu mataste Messalina: dela, eu era o tio dos pais; e tu mesmo o eras. 'Não sei nada de nada', gritas. Raio que te parta! É ainda pior essa tua inconsciência do que tê-la matado."⁸²

Nesta passagem Sêneca faz, através do discurso de Augusto, uma comparação entre Cláudio e Júpiter, deus supremo. Pela fala, chega-se à conclusão de que um verdadeiro deus pondera sua força, e não simplesmente mata seus inimigos, muito menos seus familiares. O que se observa é que Sêneca reforçou a ideia de que a morte

⁸¹ SEN. *Apocol.* VIII, 2 - nedum ab Iove, quem quantum quidem in illo fuit, damnavit incesti. Silanum enim generum suum occidit propterea quod sororem suam, festivissimam omnium puellarum, quam omnes Venerem vocarent, maluit Iunonem vocare. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁸² SEN. *Apoc.* XI, 1 Ecce Iuppiter, qui tot annos regnat, uni Volcano crus fregit, quem *riipse podos tetagôn apo bêlou thespesioio* et iratus fuit uxori et suspendit illam: numquid occidit? Tu Messalinam, cuius aequae avunculus maior eram quam tuus, occidisti. 'Nescio' inquis. Di tibi male faciant: adeo istuc turpius est, quod nescisti, quam quod occidisti. Trad: LEONI, Giulio Davide

de Messalina parte de Cláudio, como Dião Cássio afirma também em sua obra (DioCass. LXI 4).

O que podemos concluir é que Sêneca agregou a característica de mau pai de família à *imago* de Cláudio. Assim Sêneca nos deixa mais um testemunho de que um Imperador era avaliado a partir de sua relação com sua família. Até por isso, podemos inferir que Sêneca coloque toda culpa dos acontecimentos do Império sobre os ombros de Cláudio. Afinal, o *pater familias* devia ser a cabeça pensante de sua casa. A mulher, libertos e escravos eram apenas instrumentos que serviam a sua vontade. Isso ficaria mais evidente quando Sêneca enfatiza que os crimes de Cláudio são tantos, mas que os senadores do Céu deveriam refletir sobre os crimes cometidos por ele dentro da própria casa. Sêneca tratou Messalina não como culpada nos crimes, mas como vítima do próprio Cláudio, transformando-a em apenas um instrumento no Principado claudiano. Por que não a associou às execuções, como se pergunta Baldwin:

Uma sugestão comum é que isto é planejado para insinuar-se o autor com Agripina. Mas, neste caso por que Messalina é tratado de maneira tão branda? Ela é mencionada três vezes, sempre como uma das vítimas de Cláudio, e nenhum ataque é feito para associar ela com suas próprias execuções. Sua famosa vítima, Valério Asiático, é omitida para a lista completamente, e isso é claramente intencional. É muito difícil acreditar que Sêneca, se ele escreveu o *Ludus*, teria algum desejo de salvar a reputação de Messalina; depois de tudo, ele tinha sido uma de suas vítimas, se culpado ou inocente no adultério com Júlia.⁸³

Sobre este fato muitos afirmam que ao poupar Messalina de críticas diretas, Sêneca na verdade visou proteger o nome de Agripina. Esta tinha ações semelhantes às de sua antecessora, porém Sêneca foi lhe grato pelo regresso do exílio, e assim não podia gerar nenhuma ligação entre as duas. Assim coube o recurso ao autor de apontar quase na totalidade todas as execuções como uma falha de Cláudio, que como mau pai de família não conseguiu evitar tais crimes.

2.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio

⁸³ BALDWIN, *op. cit.*, pp. 43-44.

O comportamento de Cláudio e sua postura são elementos altamente enfatizados em *Apocolocyntosis*. A principal característica que Sêneca destacou em Cláudio é a sua estupidez, seu caráter débil para toda e qualquer situação. Logo na abertura da sátira Sêneca, destaca essa estupidez dizendo que Cláudio provara ser verdadeiro o provérbio: “*aut regem aut fatuum nasci oportere*”⁸⁴ (SEN. *Apocol.* I, 1), e também que com a morte dele ele estaria livre para dizer as verdades dos acontecimentos. Assim ele também se posiciona como vítima de um Principado que reprime a autonomia dos autores para escreverem a verdade, principalmente sobre os imperadores.

A aparência monstruosa e a estupidez de Cláudio são as críticas recorrentes ao longo de toda sátira, até a passagem em que enfim Hércules começa a defender a causa de Cláudio ser divinizado. De maneira direta ou mesmo indireta, como no caso de dizer que vira Cláudio subir aos céus com passos desiguais⁸⁵ (SEN. *Apocol.* I, 2) as características monstruosas de Cláudio e seu comportamento instável são apresentados.

Essas críticas são mais pontuais, pois não são tão debatidas pelo menos no início da sátira. Elas ficam mais evidentes quando Cláudio já se encontra diante do Senado Celeste. Até este momento os defeitos físicos de Cláudio só foram manifestados na alusão ao seu caminhar coxo. O que parece é que para ter uma imagem de respeito à perfeição não se mostra somente através de caráter mais também na postura física apresentada para a sociedade.

Passado a primeiro capítulo da sátira, observa-se que Sêneca voltara a falar sobre o caráter débil de Cláudio novamente no capítulo 3: “Cláudio dispôs a sua alma para a partida; mas não encontrava a saída” (SEN. *Apocol.* III, 1). Após isso Sêneca questiona sobre o fato das pessoas não chegarem a um consenso sobre a morte de Cláudio:

Todavia, não é esquisito que eles não se orientem e que ninguém conheça a hora da morte dele: de fato, ninguém nunca pensou que ele

⁸⁴ Ser conveniente nascer ou rei ou tolo.

⁸⁵ "non passibus aequis".

tivesse nascido. Cumpre o teu dever: "Mata-o; e no trono lhe suceda outro mais digno".⁸⁶

O fato de Sêneca mostrar a ideia de que muitos não saberiam se Cláudio havia nascido, mostra algo de degradante em Cláudio, como se tivesse sido malnascido e daí sua crueldade, ou que provavelmente esteja remetendo ao fato de que nascera enfermo e que pelas sequelas que o atingira tenha se tornado fisicamente o monstro que aparentava. A ideia de deformação física parece servir ao propósito de moldar uma deformação acima de tudo moral de Cláudio.

Sêneca ridiculariza Cláudio, apelando para seus péssimos modos. Dizendo que este costumava constantemente soltar flatos, e que no momento de sua morte teria sujado suas vestes, e que Cláudio era mais eloquente desta forma do que falando. Lembrando que em meio aos sofrimentos do envenenamento do imperador, os médicos fizeram um clister em Cláudio, e que o mesmo imperador tinha aprovado um decreto permitindo que as pessoas soltassem flatos à mesa.

As últimas palavras que ele pronunciou entre os homens (depois de ter soltado um som, mais alto do que de costume, pela parte do corpo com que se exprimia mais eloquentemente) foi esta: "Ai de mim, acho, talvez, que me sujei". Se era verdade, não sei: o que é certo é que ele sempre sujou em qualquer lugar.⁸⁷

Este parece ser mais um recurso de Sêneca para degradar a figura de Cláudio. Em outras fontes observamos que Cláudio possuía grande eloquência apesar dos problemas de gagueira que possuía. Cláudio se gabava de sua eloquência, e isso também foi ridicularizado por Sêneca na passagem em que Cláudio está dialogando com Hércules.

“Alegra-se Cláudio: lá também há filólogos; e já tem a esperança de poder colocar as suas ‘Histórias’”. Então, responde com outro verso de Homero, para indicar as suas qualidades de César: — De Ílio os ventos levaram-me à terra onde os Ciconos moram. Na verdade, o

⁸⁶ SEN. *Apocol.* III,2 - et tamen non est mirum si errant et horam eius nemo novit: nemo enim umquam illum natum putavit. fac quod faciendum est: *dede neci, melior vacua sine regnet in aula.* Trad: LEONI, Giulio Davide

⁸⁷ SEN. *Apocol.* IV,3 - ultima vox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte qua facilius loquebatur; 'vae me, puto, concacavi me'. quod an fecerit, nescio: omnia certe concacavit. Trad: LEONI, Giulio Davide

verso seguinte teria sido mais exato e igualmente homérico: "Onde toda a cidade saqueei, destruindo os seus homens".⁸⁸

Até mesmo as qualidades de Cláudio são ridicularizadas. Essa degradação do retrato de Cláudio remete àquela ideia de Wallace-Hadrill em *Princeps Ciuilis* sobre a necessidade dos Imperadores que sucederam Augusto possuírem uma eloquência magnífica em lugar de possuírem qualidades militares, já que o âmbito das disputas pelo poder fazia parte, naquele momento, do ambiente da corte.

Mas, o foco de Sêneca na degradação do retrato de Cláudio é o físico do falecido Imperador. Em uma sociedade onde a imagem era objeto de propaganda, onde os imperadores eram divulgados por suas estátuas, seus bustos e pelas moedas, de modo a serem exibidos como exemplos.

Na padronizada linguagem visual da arte da Roma Imperial, o Imperador e o Estado estavam no centro. Como nós temos visto, esta era a verdade a todo respeito, não apenas àquelas áreas direcionadas preocupadas com a celebração do governante e seu culto. Desde a sólida, estrutura piramidal da sociedade romana era inteiramente orientada em direção a seu ápice, a imagem do Imperador facilmente tornou-se o modelo para todos os indivíduos. Isto não é aplicado simplesmente a um imediato impacto sobre a moda de roupas e cabelos, ou para a assimilação de um retrato burguês para a fisionomia do Imperador reinante. Em outro nível, o imaginário da mitologia imperial poderia, através da adaptação simbólica, ser aplicado para transmitir um alcance dos valores cívicos e valores.⁸⁹

Sêneca, degradando a imagem de Cláudio, estaria degradando também tudo aquilo que Cláudio representava. O autor de *Apocolocyntosis* fez questão de esmiuçar todos os defeitos físicos do falecido imperador, revelando aquilo que era maquiado pelas belas estátuas de propaganda do imperador, como é possível observar nesta estátua de Cláudio como Júpiter *Optimus Maximus* (ANEXO 1). Peter Stewart, em um estudo sobre as estátuas romanas, disserta justamente sobre a imagem passada pela estátua contrapondo-a a imagem passada em *Apocolocyntosis*. Stewart aponta para o estudo de Ramage e Ramage em que estes estudiosos supõem que o artista da escultura

⁸⁸ SEN. *Apocol.* V,4 - Claudius gaudet esse illic philologos homines: sperat futurum aliquem Historiis suis locum. itaque et ipse Homericus versu Caesarem se esse significans ait: τίς πῶθεν εἰς ἀνδρῶν, ποίη πόλις ἠδέ τοκῆς; . - erat autem sequens versus verior, aequè Homericus: Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλασσαν

⁸⁹ ZANKER, Paul. *The power of images in the Age of Augustus*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988, pp. 335-336.

estaria fazendo uma piada com o público ao associar a face de Cláudio a um corpo de proporções divinas. O autor aponta também para o estudo de Brilliant em que a estátua passava ao público romano a imagem de um Cláudio com características divinas, e ao associá-lo a Júpiter *Optimus Maximus* a estátua remetia ao poder que o Imperador concentrara em sua pessoa.

Para Brilliant, “a transfiguração do manco, e de meia idade Cláudio em Júpiter pode apenas ser visto como uma elaborada colocação, legitimada pelo fato que ele era imperador e logo como Júpiter *Optimus Maximus*. Apenas porque sua posição e o imaginário desenvolvido para a função concordam, foi possível criar desta maneira um retrato e moldar o velho Cláudio nele, sabendo que os mecanismos para a aprovação pública existissem, e Cláudio-Júpiter não pareceria imprópria”.⁹⁰

Por fim, Stewart remete novamente à estátua em si dizendo que os dois argumentos quanto à imagem não estariam errados, mas que suas visões representavam um potencial anacronismo.

... e ainda que nós admitamos a possibilidade que os contemporâneos tivessem rido das imagens divinas de Cláudio, nós também precisamos admitir que elas pudessem não ter sido propriamente ridículas nos termos romanos, especialmente dado a popularidade deste tipo de representação mixada dos tempos da República em diante: em outras palavras nós temos que entender como cada aparentemente estátuas impróprias podiam ser consideradas aceitável. Claramente isto é impossível se a estátua inteira é concebida como usando o mesmo modo de representação - se isto é uma interpretação naturalística única da pessoa toda. Essa é uma abordagem que nos leva a ver Cláudio-Júpiter como uma imprópria composição; se nós afirmamos isso nós temos que aceitar que a estátua sempre necessariamente como dissimulação aos olhos do espectador romano.⁹¹

O retrato que Sêneca compusera é totalmente diferente daquele ostentado pelas estátuas e moedas.

Não deve ter boas intenções, pois abana continuamente a cabeça; e coxeia do pé direito. Perguntei-lhe de onde vinha: respondeu não sei que, com sons indistintos e voz confusa. Não compreendo a sua

⁹⁰ STEWART, Peter. *Statues in Roman Society: Representation and Response*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 49.

⁹¹ *Idem*, pp. 50-51.

língua: não é nem grego nem latino, nem de qualquer outro povo conhecido.⁹²

Mais uma vez Sêneca apela para os defeitos físicos de Cláudio, que ao olhar dos deuses, se apresenta como uma criatura irreconhecível. Neste momento é inserida na sátira a figura de Hércules o que compara Cláudio a uma criatura marinha. Vendo aquele ser monstruoso a sua frente, Hércules indaga os demais deuses, questionando se seus trabalhos já não haviam findado. Assim, faz alusão aos trabalhos designados a Euristeu, que em sua maioria era o de executar criaturas mágicas, porém monstruosas.

De fato, logo que viu aquele focinho nunca visto, aquele modo de andar tão esquisito, e ouviu aquela voz rouca e inarticulada, que não era de animal terrestre, mas parecia-se com a dos monstros marinhos, pensou: "Não acabei: eis meu décimo terceiro trabalho!".⁹³

A sátira tem seu desenrolar com apontamentos alternando entre a origem de Cláudio – em que Sêneca lhe atribui sempre como gaulesa, qualificando-a como negativa (SEN. *Apocol.* VI, 1) – e aparência monstruosa que Cláudio tem diante dos deuses ali presentes (SEN. *Apocol.* VII, 2) e seu comportamento inadequado. Após Hércules assumir a defesa de Cláudio para o ingresso no Senado Celeste, começa um debate entre as divindades para saber qual seriam as características de um deus como Cláudio. Ao se debater qual atribuição de deus Cláudio teria, Sêneca aponta os diversos aspectos em torno dos quais giram sua crítica à figura do falecido Imperador. Ao dizer que não era redondo aponta para uma deformidade de Cláudio em contraposição ao círculo, uma forma sem cantos e nem lados. Depois ao relacioná-lo com a forma epicuréia, aponta para o fato de Cláudio incomodar os diversos súditos com perseguições, e ser alvo das vontades de sua esposa e libertos. Posteriormente ao aproximar Cláudio da figura do deus estoico lembra-se do caráter frio e da falta de inteligência de Cláudio, ao dizer que, assim como um deus estoico, Cláudio não possuía nem cabeça e nem coração. Por último, aponta para o caráter submisso de Cláudio ao tratar da predileção de Cláudio pelas Saturnais, festa em que os escravos eram tratados

⁹² SEN. *Apoc.* V,2 - nuntiatur Iovi venisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim caput movere; pedem dextrum trahere. quaesisse se cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et voce confusa; non intellegere se linguam eius: nec Graecum esse nec Romanum nec ullius gentis notae. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁹³ SEN. *Apocol.* V,3 - tum Hercules primo aspectu sane perturbatus est, ut qui etiam non omnia monstra timuerit. ut vidit novi generis faciem, insolitum incessum, vocem nullius terrestri animalis sed qualis esse marinis beluis solet, raucam et implicatam, putavit sibi tertium decimum laborem venisse. Trad: LEONI, Giulio Davide

como senhores. Esta festa que nos tempos de Augusto teria sido diminuída para três dias, foi nos tempos de Calígula e Cláudio teria aumentado para cinco dias. Nesta festa, as pessoas deixavam de seguir uma conduta normal: os escravos vestiam toga, e passavam os dias comendo, bebendo e jogando⁹⁴. Por isso, a aproximação entre Cláudio e a festa.

Todavia, seria bom sabermos qual deus queres que seja este sujeito. Um "deus à maneira epicureia" não é possível: seria um deus que "não se incomoda por nada e não incomoda ninguém". Um deus estoico? Mas como poderia ser "redondo" — conforme as palavras de Varrão — "sem cabeça nem prepúcio". Nele há alguma coisa do Deus estoico, pois não tem coração nem cabeça. 2. Vamos! Se ele tivesse pedido o favor da apoteose a Saturno — ele que, verdadeiro príncipe das Saturnais festejava durante o ano todo o mês deste deus.⁹⁵

Durante o discurso de Augusto, também Sêneca ataca o físico de Cláudio. Ao se pronunciar contra a divinização de Cláudio, Augusto o desafia a pronunciar de forma concisa três palavras que ele próprio se tornaria escravo de Cláudio (SEN. *Apocol.* XI 3). Desta forma, Sêneca atacou tanto a fala desarticulada de Cláudio como também seu caráter submisso.

Para finalizar esta categoria de elementos que compõe a *imago* claudiana, Sêneca volta a dissertar sobre os péssimos costumes de Cláudio. Na passagem em que Cláudio é condenado por Éaco no Tártaro, o mesmo pensa nas punições aplicáveis a Cláudio. Uma dessas aludindo às condenações eternas sofridas por outras personagens mitológicas como Sísifo, Tântalo e Ixion⁹⁶: “Eis: Éaco condena-o a brincar com os dados, mas usando um copo sem fundo. E Cláudio começa, imediatamente: corre atrás dos seus dados que sempre lhe fogem; e não pode concluir nada” (SEN. *Apocol.* XIV

⁹⁴ SCHEID, John. *SATURNUS, SATURNALIA*. In: HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (Ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 1360.

⁹⁵ SEN. *Apoc.* VIII, 1-2 - modo dic nobis qualem deum istum fieri velis. g-Epikoureios g-theos non potest esse: g-oute g-autos g-pragma g-echei g-oute g-allois g-parechei. Stoicus? quomodo potest "rotundus" esse, ut ait Varro, "sine capite, sine praeputio"? est aliquid in illo Stoici dei, iam video: nec cor nec caput habet. 2 si mehercules a Saturno petisset hoc beneficium, cuius mensem toto anno celebravit Saturnalicus princeps, non tulisset. Trad: LEONI, Giulio Davide

⁹⁶ Sísifo foi o fundador de Corinto. Em Odisséia, Sísifo denunciara Zeus pelo rapto da filha de Asopo e o deus, irritado, envia Tânato (a Morte) ao encalço de Sísifo. Este, de surpresa, acorrenta a morte, Zeus teve que intervir para que a morte voltasse a desempenhar sua missão. Sísifo é morto e convence Hades a deixá-lo retornar. Quando morreu de vez na velhice, foi condenado pelos deuses a rolar eternamente um enorme rochedo até o alto de uma montanha, caindo a pedra novamente das costas dele e recomeçando o trabalho eternamente. Tântalo foi castigado por seu orgulho, porque ao ser convidado a ceiar com os deuses teria revelado segredos divinos aos homens. Entre as lendas, dizia-se que seu suplício eram a fome e a sede eterna. Ixíon atreveu-se a namorar Hera e como castigo Zeus o amarrou a uma roda em chamas que girava sem parar.

4). Sêneca, ao criar uma sentença a Cláudio de que ele teria que jogar dados em um copo sem fundo por toda eternidade, aponta para este vício deste imperador. O jogo de dados é associado tanto a luxúria como também ao ganho fácil de dinheiro através das apostas, além de ser ilegal então.

Preocupações morais com luxúria eram em parte dizia a respeito ao status e à mobilidade social. Alea tinha particularmente uma significativa contribuição para fabricar este modo de pensar: dinheiro era o mais importante subjacente de status, e o jogo era sobre dinheiro, e o objetivo de jogar era o lucro, *lucrum*. Era uma característica central do Alea que o dinheiro era apostado nele. Na sociedade romana apostas eram promovidas por outras atividades também, o mais notável o resultado das corridas no circo (na qual as partes, como nós devemos ver, em um social contexto com os *Aleae*); mas o dado e o tabuleiro eram o local de jogos de azar *par excellence*. A possibilidade de ganhar grandes somas de dinheiro causavam *avaritas*.⁹⁷

Para finalizar a sátira, Sêneca exalta o caráter servil de Cláudio. Nesta passagem, Calígula, sobrinho do falecido imperador e seu predecessor no trono imperial, reclama a posse de Cláudio como seu escravo. Como justificativa, Calígula argumenta que ali presente estava pessoa que podiam confirmar que o viram chicotear e dar bofetadas em Cláudio. Joly ao analisar as fontes referentes ao trato da escravidão no Principado de Nero aponta como a escravidão podia ser citada como uma metáfora tanto para o âmbito político como para o âmbito moral da aristocracia romana.

Em suma, os paralelos entre *domus* e a *res publica* indicam que o estoicismo de Sêneca não visa apenas propor uma alternativa de controle para ganhar a aquiescência dos escravos, mas também é um instrumento para postular à aristocracia imperial o que ele entendia como as alternativas mais vantajosas na relação com imperador em Roma. Paralelos estes que são formulados tendo em vista uma determinada percepção da escravidão doméstica urbana, cujas tensões moldam consequentemente o emprego da metáfora da escravidão nos domínios da política e da moral.⁹⁸

No contexto da sátira há a menção da escravidão, do servilismo político quando se analisa a passagem em que Hércules comprava votos para a divinização junto ao Senado celeste (SEN. *Apocol.* IX 6) em que é utilizada a famosa frase *manus manum*

⁹⁷ PURCELL, N. Literate Games: Roman Urban Society and the Game of Alea. *Past and Present*, No. 147, 1995, p. 12.

⁹⁸ JOLY, Fábio Duarte. *Libertate opus est: Escravidão, Manumissão e Cidadania à época de Nero (54 – 68d.C.)*. 1. ed. Curitiba: Editora Progressiva, 2010. pp. 132-133.

lauat (uma mão lava a outra). Na alegoria do Senado celeste podemos perceber, sob esta óptica do servilismo, uma crítica aos aristocratas senatoriais pela submissão ao Imperador. Porém, no caso deles, a escravidão se aplica ao âmbito moral. O que Sêneca ataca na passagem em que Calígula se intitula senhor de Cláudio, e o dá de presente a Menandro (SEN. *Apocol.* XV 2) era a postura servil do falecido imperador, escravo de prazeres carnis, e que abriu mão de sua *auctoritas* pessoal para escravos e esposas.

2.3 Conclusão

Conclui-se que a *imago* criada por Sêneca em *Apocolocytosis* visou criar uma *damnatio memoriae*⁹⁹ de Cláudio. Percebe-se que dentro dos elementos que o autor da sátira utilizou para criar uma imagem negativa de Cláudio temos uma mescla de fatores de âmbito público e outros de âmbito privado, sendo difícil estabelecer um limite entre ambos. No âmbito público podemos citar a concessão de cidadania romana a provinciais que, na concepção do autor, fora concedida de forma indiscriminada, a forma como ministrava a justiça não seguindo as leis como estavam estabelecidas e exercendo julgamentos de forma arbitrária, o modo como conduziu a política militar romana, realizando uma invasão à Bretanha e intervindo na Mauritânia, e sendo conservador e até mesmo desastroso quanto à política das fronteiras Reno-danubianas e do Leste e, por fim, produzindo a morte de senadores, cavaleiros e outros tantos. No âmbito privado, podemos citar a livre ação de mulheres e libertos na política da *Res Publica*, a execução de familiares e o servilismo de Cláudio para com suas esposas e libertos. Ainda podemos perceber elementos que são pessoais a Cláudio, como seus defeitos físicos, seu vício em jogos, sua imbecilidade, e seu jeito bufão.

⁹⁹ *Damnatio memoriae* significa "danação da memória", no sentido de *remover da lembrança*. Uma *damnatio memoriae* verdadeiramente efetiva não seria notada por historiadores mais recentes, visto por definição qualquer menção da pessoa seria apagada do registro histórico. Contudo, visto que todas as figuras políticas tinham aliados além de inimigos, era difícil implementar a prática completamente. Por exemplo, o Senado queria condenar a memória de Calígula, mas Cláudio impediu isto. Nero foi declarado um inimigo do estado pelo Senado, mas depois teve um funeral enorme para honrá-lo depois da sua morte, organizado por Vitélio. Enquanto estátuas de alguns Imperadores foram destruídas ou reutilizadas depois da morte deles, outras foram erigidas. Historiadores às vezes usam a frase *de facto damnatio memoriae* quando a condenação não é oficial. Estudos como os de E. R. Varner (*Mutilation and Transformation. Damnatio Memoriae and Roman Imperial Portraiture*. Leiden: Brill, 2004)) trabalham com a ideia de *damnatio memoriae*, como uma destruição póstuma da memória da vítima desta prática..

Em todos eles podemos perceber que o julgamento de Sêneca se baseia em um ponto vista moral. Cláudio se torna um *exemplum* do antimoral na perspectiva senequiana. Isso é possível de notar por dois aspectos desenvolvidos ao longo da sátira. O primeiro: que todas as péssimas ações ocorridas no Principado de Cláudio são atribuídas a ele. Diferente do que podemos perceber nas demais obras (Suetônio, Tácito e Dião Cássio), em *Apocolocyntosis* não há menção às intrigas de elementos próximos a Cláudio, como os libertos e as esposas. Sobre as esposas, Messalina é apresentada como vítima tanto na passagem do discurso de Augusto como na omissão de seus adultérios e conspirações. O único liberto citado na sátira é Narciso, mas também a ele não é atribuída nenhuma grande culpa nos acontecimentos. Talvez a única sensação de culpa que se pode estabelecer a estas personagens é que ambas esperavam por Cláudio no Tártaro, e não em um plano divino. Este processo também era consequência da continuidade de diversos elementos cortesãos do Principado de Cláudio no governo de Nero. Os motivos pelos quais Sêneca optou por tal abordagem foi visando estabelecer uma propaganda positiva de Nero – na obra ele foi comparado a Apolo¹⁰⁰ ao subir ao poder – de quem ele era tutor, o respeito à Agripina – ela que também arquitetou várias intrigas na corte claudiana – a quem Sêneca devia ser seu retorno do exílio e acima de tudo criar a péssima imagem de Cláudio.

O outro elemento com o qual podemos associar esta noção de julgamento moral de Cláudio e de seu principado é que principalmente diante do Senado Celeste foram apresentadas aleatoriamente figuras que são apresentadas segundo suas características morais. Hércules é apresentado como débil (SEN. *Apocol.* V,1 e VII,3) e corruptor (SEN. *Apocol.* IX, 4 e IX,6). Jano, deus protetor dos romanos, é qualificado como um homem sagaz (SEN. *Apocol.* IX,2). Diéspiter é qualificado como sendo corrupto (SEN. *Apocol.* IX,4). E principalmente Augusto, que em *Apocolocyntosis* é configurado como voz de autoridade¹⁰¹. Em seu discurso contra a divinização de Cláudio, palavras como *pudor* (vergonha) e *gratia* (graça) são associadas a condenações às ações de Cláudio em que ele é julgado moralmente pelas suas ações. Ou seja, todo o âmbito da alegoria do Senado Celeste passa por uma representação da perspectiva moral

¹⁰⁰ GRIFFIN, M. *op. cit.*, p. 132.

¹⁰¹ Esta perspectiva é apresentado por KER, James. *Outside and Inside: Senecan Strategies. In: DOMINIK, W. J., GARTHWAITE, J., ROCHE, P. A. (ed.). Writing Politics in Imperial Rome.* Leiden/Boston: Brill, 2009. Segundo o autor Sêneca utiliza-se desse recurso para dar seu parecer sobre as relações da *Domus Caesaris*. Assim era permitido a ele manter um certo *locus* de autoridade, ou certo distanciamento.

que se tinha em Roma, tanto pela corrupção de um *mos maiorum* identificada na figura de Cláudio, como pela preservação dos costumes e da moral, representada por Augusto e aqueles que condenam as ações de Cláudio.

3 TÁCITO E A PERSPECTIVA DA *DOMUS CAESARIS*

3.1 Tácito e o Principado

Públio(?) Cornélio Tácito, nascido em 56, provavelmente era natural da Gália Narbonense ou da Gália Cisalpina. Por ter sua origem não totalmente confirmada é difícil dizer sobre a sua formação erudita, ao contrário de Sêneca. Através de suas obras podemos entender a relação deste com o Principado. Nelas, o autor fala aqui e ali sobre suas experiências em cargos exercidos ao longo do governo dos Flávios, apesar de ter exercido alguns cargos também no Principado de Trajano.

Por meio delas, podemos ver que Tácito estava estabelecido em Roma desde o ano 75, onde exerceu interruptamente cargos no governo de Vespasiano, de Tito e de Domiciano. Em 88, teria ascendido ao posto de pretor e também ingressado em um importante colégio de sacerdotes, o colégio *quindecimviri sacri faciundis*. Entre os anos 89 e 93 provavelmente esteve longe de Roma, administrando cargos nas províncias ou acompanhando seu sogro, o general Cneo Júlio Agrícola. Esta estadia longe de Roma proporcionou a Tácito a oportunidade de angariar material para a escrita de duas de suas obras: *Germania* e *Agrícola*. Em 97, Tácito foi cônsul *suffectus* e, provavelmente, tenha sido o procônsul na Ásia entre os anos 112 e 113. Também é possível ter o conhecimento que Tácito trocava cartas com dois outros autores deste mesmo período. Pelas *Epistolas* de Plínio, o Jovem, vemos que Plínio, Tácito e Suetônio trocavam cartas e tinham conhecimento da obra de cada um¹⁰². Estima-se que Tácito morreu em 118.

A primeira obra escrita por Tácito teria sido *Agrícola* (*De vita Iulii Agricolae*) composta em 98. Trata-se de uma biografia de seu sogro Cneo Júlio Agrícola, governador da Bretanha por sete anos, desde 77 (ou 78). O tema central da biografia taciteana sobre Agrícola é a campanha vitoriosa em monte Grapius. Essa obra de Tácito é mais do que uma simples biografia: é um manifesto contra a opressão dos méritos e da virtude no Principado. O autor comenta sobre o monopólio, por parte da casa imperial, de reconhecer os triunfos militares e como era perigoso se destacar mais que o

¹⁰² SYME, Ronald. *Tacitus*. Vol.1. Oxford: Oxford University Press, 1958, p. 112.

Imperador. A crise das representações, resultante do confronto entre a verdade dos fatos e a representação que a *Domus Caesaris* fazia dos fatos a partir de sua ótica, gera dois processos: o de exageração das vitórias e mesmo a fabricação destas. Para Sailor¹⁰³, Tácito, em *Agrícola*, teria achado uma alternativa para este fator do monopólio conciliando realidade e representação. Em certa medida, essa obra de Tácito se preocupa com a representação e, consideravelmente, com a verdade, ligada à negação do triunfo ao *Agrícola*. Deste ponto, surgem duas questões: Se são negadas à elite e à não elite as honras pelo triunfo, o que as diferenciam? Se não existe mais o mérito pela honra, o que poderia motivar os membros da sociedade romana a se esforçarem pelo Império? Um dos pontos tocados pelo autor é a questão da virtude. Nesse momento do Império, o caminho para os homens ilustres mostrarem suas virtudes se mostra perigoso. Se mostrar mais virtuoso poderia despertar a desconfiança do imperador, de uma provável concorrência ao trono imperial.

Em uma seção do capítulo “*Agrícola e a crise de representação*”, Sailor apresenta como era fácil em outros tempos apresentar as virtudes para sociedade, e como era fácil produzir essa noção de representação. A ocorrência de virtudes é tão baixa, que Tácito abre mão de enaltecer as virtudes, tratando-as com uma “hostilidade positiva” já que pareciam vícios. Essa ambiguidade da escrita de Tácito permite apreender duas representações quanto às virtudes: ser hostil a elas, ou ser favorável. Essa ambiguidade cria uma ligação entre os principados de Domiciano e Trajano. Enquanto no primeiro vivia-se um tempo em que não se podia mostrar as virtudes, no outro isto era possível graças às mudanças de valores da sociedade. Ou seja, durante o principado de Domiciano ocorreria uma crise de representação. A passividade era comum nos tempos de Domiciano, onde as pessoas abriam mão do dom da fala.

No mesmo ano Tácito finaliza *Germânia (De origine et situ Germanorum)*. Nesta obra Tácito descreve tanto as atividades públicas quanto as privadas dos povos germânicos, estabelecendo comparações explícitas entre os germânicos e a sociedade contemporânea romana, principalmente considerando aspectos morais. Essa obra é acima de tudo qualificada como uma obra de importância etnográfica, porque há um profundo estudo descrevendo cada tribo de origem germânica individualmente. É a

¹⁰³ SAILOR, Dylan. *Writing and Empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

análise de um povo estrangeiro aos olhos de um romano. Muitas perguntas surgem quanto ao interesse de Tácito pelo povo germânico. Alguns estudos dizem que Tácito tinha um tio que teria sido procurador nessa região e que a partir dele pode recolher as informações necessárias para seu estudo. Um fator que teria despertado o interesse de Tácito pela Germânia foi a ocasião de uma eminente campanha do Imperador Trajano (98-117) nesta região. É muito provável que as informações tenham sido colhidas no período de 89 a 93 quando se ausentou de Roma, podendo as obter pessoalmente ou de segunda mão. O que possibilitou a Syme concluir o seguinte: “Se Cornélio Tácito alguma vez esteve no Reno, ele não dá nenhuma pista disto na Germânia”¹⁰⁴.

Por volta do ano 102, Tácito finaliza sua obra *Diálogo dos Oradores* (*Dialogus de oratoribus*), que aborda o declínio da oratória principalmente no período de Domiciano. Essa obra possui um estilo diferente daquele empregado por Tácito nas suas demais obras: traz-nos este autor utilizando um estilo ciceroniano de oratória. Trata-se de um importante documento sobre literatura desse período do Principado, como afirma Goldberg¹⁰⁵.

Por volta de 110, finaliza uma obra, para a qual vinha recolhendo materiais desde 106, segundo o testemunho de Plínio o Jovem (Plin. *Ep.* 6. 16 e 20). Essa trabalho ficou conhecido no século XVI com o título de *Histórias* (*Historiae*). O espaço temporal abrangido é de 69, após a morte de Nero e com início da Guerra Civil de 69, e até 96, com a fase final da dinastia dos Flávios. O assunto central dos três primeiros livros é a eclosão da Guerra Civil entre Galba, Otho, Vitélio e Vespasiano.. Muito dessa obra se perdeu, principalmente a parte que compreendia os principados dos Flávios. Mas, na parte que nos chegou, é possível observar que Tácito não apresenta a mesma hostilidade contra o Imperador Domiciano (81-96) que mostrara outrora em *Agrícola*. Para Sailor, já em *Histórias* pode se notar um amadurecimento de Tácito ao comentar sobre a tirania que foi se formando, até culminar no desfecho de *Agrícola*. Sailor aponta como a história da escrita de Tácito se confunde com a história política de Roma: mostrando as mudanças institucionais do Império, as revoluções que mudaram os poderes dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, Tácito descreve a relação entre o historiador e o príncipe. Para Sailor, Tácito realizaria uma história da historiografia para explicar os motivos da

¹⁰⁴ SYME, *op. cit.*, pp. 126-127.

¹⁰⁵ GOLDBERG, Sander. The faces of eloquence: the *Dialogus de oratoribus*. In: WOODMAN, A.J. (ed). *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 74.

escrita de seu livro. Aponta a mudança de poder quanto à escrita da história que, a partir da batalha de Ácio, foi condicionada a uma pessoa: o príncipe e das *res gestae* deste homem. Na obra, nota-se que, a partir da instauração do principado, há uma troca da *eloquentia e libertas*, comuns na escrita da história antes da batalha de Ácio, pelo servilismo que passa a existir em relação ao imperador. Outro ponto que o autor levanta é que as biografias realizadas até então foram presas à *adulatio*. Nas *Histórias*, Tácito se livra da relação de poder entre súditos e imperador (caracterizada por uma relação de servilismo) removendo a figura de Trajano do prefácio.

A última obra creditada a Tácito é *Anais (Ab excessu Divi Augusti)* e teria sido escrita após as *Histórias*. Essa obra narrava os principados de Tibério, de Caio Calígula, de Cláudio e de Nero, mas não foi preservada integralmente, tendo sido perdido completamente o relato a respeito do principado de Calígula e partes dos demais. Não podemos precisar a data em que a obra foi finalizada, mas, possivelmente, graças a elementos da própria obra, especialistas consideram que teve fim por volta do ano 115. Segundo o próprio Tácito, a sua ideia inicial¹⁰⁶ era se ocupar dos anos de Nerva e de Trajano, mas ele realiza a mudança de foco, abordando a dinastia Julio-Claudiana. Ninguém consegue afirmar o motivo dessa troca. Alguns levantam a hipótese de que Tácito teria se decepcionado com o Principado de Trajano, o que o teria levado a não citar o nome do imperador em sua obra. Mas, quando os especialistas debatem sobre as causas dessa descrença de Tácito no Principado de Trajano não obtém um consenso¹⁰⁷. É certo que, se comparado ao período de Domiciano, a *libertas* desfrutada pelo Senado era muito maior nos tempos de Trajano.

Talvez outra explicação para esse regresso à dinastia Julio-Claudiana seja a dependência de sentido. Tácito teria achado vago citar certos nomes que participaram da crise de 69, sem mostrar as suas origens. Por isso a análise da abordagem dos principados anteriores, onde era possível ver todo o ramo familiar dos indivíduos, bem como seus *cursus honorum*. A mudança de foco também explicaria, na verdade, a compreensão de um problema maior:

¹⁰⁶ TAC. *His.* I, 1.4

¹⁰⁷ GONZÁLEZ, Julián. *Tácito y las fontes documentales: Germanici Decernendis (Tabvla Siarensis) y de CN. Pisone Patre*. Sevilha: Universidad de Sevilla y Fundación El Monte, 2002, p. 17.

A mudança do foco se explica melhor como uma extensão dos interesses manifestados nas *Histórias* e é uma consequência do mesmo processo mental reconhecido nas extensas seções históricas de *Agrícola* ou na explicação política e histórica do declínio de certos gêneros de oratória oferecida em *Diálogos dos Oradores*. A oportunidade de pensar e falar com um desejo, ao menos em certos contextos, representava a possibilidade de corrigir o desequilíbrio que os tratamentos anteriores historicamente distorcidos haviam produzido. Artisticamente era o meio adequado para que o talento de Tácito distinguisse entre pretensão e realidade, e igualmente proporcionasse o complemento adequado às *Histórias*, que narravam igualmente a queda de uma dinastia.¹⁰⁸

Voltando aos conteúdos preservados do texto de Tácito, chegaram-nos, com algumas lacunas: os seis primeiros livros – o Principado de Tibério – são os mais preservados; os referentes ao Principado de Caio Calígula foram todos perdidos; de Cláudio perdemos o período de 41 – sua ascensão ao poder – até 47 quando se inicia parte do livro XI, e por fim, de Nero perdemos o final do principado (há dúvidas sobre o número de livros dedicados ao principado deste imperador). Sailor, valendo-se de uma análise da obra *Anais*, de Tácito indica os perigos existentes em se escrever tal tipo de obra, e os recursos utilizados para demonstrar tal fato. Diante desse contexto, a obra *Anais* serve para nos convencer da existência de muitas dificuldades que rondavam a escrita do historiador, e do risco destas obras despertarem desconfiança ou indiferença no contexto imperial.

3.2 A perspectiva taciteana do Principado de Cláudio

Tratando particularmente do Principado de Cláudio, como dissemos anteriormente, foi perdida boa parte da obra. No Principado de Tibério, Cláudio é citado uma única vez. No ano 20, Tácito, ao mostrar os louvores do Senado à morte de Germânico e com a queda de Pisão, cita Cláudio como um dos destinados ao trono¹⁰⁹.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 22.

¹⁰⁹ Tinha acrescentado Messalino, que se dessem os parabéns à Tibério, a Augusta, a Antônia, a Agripina, e a Druso, pela vingança que se havia tomado da morte de Germânico, e não fez menção alguma de Cláudio. Lúcio Asprenas então, na presença de todos, perguntou a Messalino, se por esquecimento ou de propósito não o tinha nomeado? Finalmente, se mencionou também o nome de Cláudio. Quanto eu mais leio, e medito nos destinos e as variedades das coisas humanas: porque, designando a fama, as esperanças, o amor, e o respeito tantas pessoas para o Império, somente se não fazia caso daquele a quem a Fortuna então guardava em segredo para elevar um dia ao principado! / addiderat Messalinus Tiberio et Augustae et Antoniae et Agrippinae Drusoque ob vindictam Germanici gratis agendas omiseratque Claudii

Possivelmente Cláudio seria uma figura mais presente nos primeiros anos do Principado de Caio Calígula quando ascende ao consulado ao lado do sobrinho imperador, e, provavelmente, no episódio onde o Senado enviou uma representação para felicitá-lo pela derrota do conspirador Getúlio, formada por ex-cônsules sendo um deles Cláudio. Nesta ocasião, Calígula se irrita com a atitude do Senado, e atira o próprio tio no Reno, como é possível atestar em outras fontes, como Suetônio (*Clau IX*), e Dio Cássio (LIX, 29. 1-5).

Depois dessa aparição no livro III dos *Anais*, a figura de Cláudio somente será retomada para nosso conhecimento no livro XI – livro este com apenas 38 capítulos – já tendo passado os primeiros seis anos do Principado de Cláudio. Para Malloch, os livros claudianos possuem um estilo diferenciado de escrita quando comparado aos de Tibério. No Principado de Tibério, Tácito usa uma forma historiográfica típica da República o que gera uma estrutura de tensão. Assim, evidencia como a história no Principado é diferente da República, apesar da fachada de “república restaurada”¹¹⁰. No de Cláudio essa tensão é menos evidente, graças ao uso de uma narrativa que privilegia a coerência temática e o efeito artístico em contraposição ao arranjo cronológico:

Tácito estava entrando em uma nova fase de seu trabalho - talvez esta tenha começado como os *Anais* em Calígula – e ele ajustou sua técnica harmoniosamente. Ainda não há uma quebra radical com o passado: saídas de uma estrutura analítica rígida são sempre evidentes nos *Anais* de Tibério, e para narrativas em que o tema é elevado sobre a cronologia Tácito podia se embasar em Tito Lívio, nas histórias de Salústio e nos historiadores mais distantes de seu tempo como Catão, o Velho. Nos *Anais* de Cláudio, portanto, retorna-se muito à tradição de seus antecessores republicanos. Harmoniosamente, alguns anos narrados, por exemplo 47 e 52, adquirem uma aparência ‘tradicional’ em suas tramas domésticas (*Domus Caesaris* e Senado) e eventos estrangeiros, e no uso de digressões ou material de antiquário.¹¹¹

O ano de 48 nos *Anais* tem como tema predominante a queda de Messalina e a ascensão de Agripina. Os anos de 50 e 51 são dedicados a analisar os eventos externos a Roma, principalmente a questão na Bretanha – sendo o ano de 50 aquele que dá a maior

mentionem. et Messalinum quidem L. Asprenas senatu coram ercontatus est an prudens praeterisset; ac tum demum nomen Claudii adscriptum est. mihi quanto plura recentium seu veterum revolveo tanto magis ludibria rerum mortalium cunctis in negotiis obversantur. quippe fama spe veneratione potius omnes destinabantur imperio quam quem futurum principem fortuna in occulto tenebat. – TAC. *Ann III, XVIII.3*
Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹¹⁰ MALLOCH. S. J. V. *Hamlet without the prince?* The Claudian Annals In: WOODMAN, A. J. (Ed), *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p.119

¹¹¹ *Idem*, p. 120.

ênfase na questão deste território - na Germânia e no Oriente. Os anos 53 e 54 focam exclusivamente em assuntos internos a *Domus Caesaris*.

Segundo o próprio Tácito no prefácio dos *Anais*, sua história se basearia em ser isenta de ódio ou afeição¹¹², e, por tais razões, seria mais imparcial do que as demais que haviam sido escritas sobre os principados de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Longe de ser um ataque ou uma defesa da “*damnatio memoriae*” como se propõe Sêneca em *Apocolocyntosis*, o que é possível ver em *Anais* é uma crítica ao Principado como um todo, e não somente aos Imperadores específicos, como acontece na obra de Sêneca. À primeira vista, por abordar a *Domus Caesaris*, parece que o centro da questão de oposição de Tácito é o imperador. Mas, ao analisarmos mais atentamente, vemos que vários segmentos da sociedade romana são alvos dos ataques do autor, como o Senado, os generais nas fronteiras e os membros da *Domus Caesaris*. Talvez a plebe seja o elemento menos evidenciado no relato de Tácito, por se tratar de um grupo bem heterogêneo, ou por serem tomadas como naturalmente e com justiça alijada dos eventos políticos mais importantes. Os vícios são evidenciados em contrapartida às virtudes, que passam a ser consideradas quase que inapropriadas. A ocorrência de virtudes é tão baixa que Tácito abre mão de enaltecer as virtudes, tratando-as com uma “hostilidade positiva” já que pareciam vícios. Essa ambiguidade da escrita de Tácito permite apreender duas representações quanto às virtudes ditas anteriormente. E como essa sociedade romana, naquele instante, se centrava no imperador é nele que esses vícios foram mais evidenciados no relato de Tácito. Através do relato taciteano é possível perceber que já estava consolidada uma espécie de padrão moral a ser seguido pelos romanos.

Uma característica notória em Tácito é apresentar como as disputas políticas outrora realizadas no âmbito público em que prevalecia o exercício das virtudes, cederam espaço para as intrigas no âmbito privado, representado fundamentalmente pelos casos da *Domus Caesaris*. Assim, Tácito enfatiza seu relato nesse ambiente para transformá-lo de privado para público, no que tange às intrigas que ocorreram na Casa Imperial durante o tempos dos Júlios-Cláudios.

¹¹² TAC. *Ann.* I, 1.3.

3.2.1 Perseguição e assassinato de senadores

Como já foi esclarecido no capítulo II, sobre a perspectiva de Sêneca, sobre Cláudio e seu principado, neste capítulo retomaremos novamente tanto os aspectos de poder do imperador romano, como também os momentos cruciais do Principado Claudiano.

Por se concentrar nos relatos da Casa Imperial, este ponto temático mostra de forma rica como aconteceram as intrigas com senadores. Contrariamente a Sêneca, Tácito não coloca todo o peso das execuções dos senadores somente nos ombros de Cláudio. O relato de Tácito aponta a participação maciça das mulheres de Cláudio - Messalina e Agripina – e dos libertos – principalmente Narciso e Palas. Este já é ponto de grande diferença do relato de Tácito e Sêneca sobre o Principado de Cláudio: ao informar como se deram os acontecimentos na *Domus Caesaris*, Tácito fala abertamente os nomes dos membros da corte de Cláudio. Assim, é declarada também a culpa de Messalina e Agripina nestas intrigas. Também os libertos compartilham dessa culpa. Assim, a intenção de Tácito de elaborar um relato imparcial mantém sua credibilidade. Não se trata de um ataque à pessoa, mas sim à instituição. Por isso, graças à ação das mulheres e de seus libertos, no relato de Tácito Cláudio é fraco e manipulável em contrapartida ao outro Cláudio covarde e sanguinário apresentado por Sêneca.

Ao longo, deste capítulo tentaremos mostrar em contraposição a *imago* de Cláudio em Anais frente a que foi estabelecida em Apocolocyntosis. A passagem que inicia a parte que foram recuperadas dos Anais Claudianos começa dentro daquele eixo temático. A passagem em questão mostra o julgamento de Valério Asiático¹¹³:

[...] (Messalina) fez então com que Suílio os acusasse a ambos agregando-lhe Sosíbio, mestre de Britânico. Devia este último, em ar de amizade, insinuar a Cláudio, que se acautelasse de um homem que, dotado de grande energia de caráter, e com grandes riquezas, era um declarado inimigo dos príncipes; pois que Asiático em assembleia do povo romano não tivera pejo de se dar pelo primeiro cooperador da

¹¹³ Cônsul *suffectus* em 35 e cônsul ordinário em 46. Era cunhado de Calígula por parte de Lolía Paulina, irmã do imperador. Primeiramente no Principado de Cláudio gozou dos favores da casa imperial, sendo um dos acompanhantes de Cláudio na campanha da Bretanha. CADOUX, Theodore J., SPAWFORTH, Anthony J. S. *Valerius Asiaticus*. IN: HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (Ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 1577.

morte de Caio César, querendo decididamente arrogar-se toda glória deste atentado. Que desde essa época não só ficar seu nome famoso em Roma, mas que até nas províncias já era bem conhecida sua fama; em razão do que tinha intenções de se ir apresentar aos exércitos da Germânia com a lembrança de que, sendo natural de Viena, e auxiliado por muitos e poderosos parentes, poderia mais facilmente sublevar as nações que tinham com ele uma origem comum¹¹⁴.

Nessa passagem ainda não se faz presente a figura de Messalina, porém podemos acompanhar seu meio de ação. Os dois nomes apresentados no relato, Suílio e Sosíbio, mostram-se aliados de Messalina. Suílio, questor de Germânico em 15 e pretor provavelmente em 23, foi banido em 24. Foi retirado do exílio por Calígula. No Principado de Cláudio foi cônsul em 43 (ou 45), procônsul na Ásia e procurador. Ou seja, era um indivíduo que estava presente nos meios políticos há um bom tempo. Outro nome citado é o de Sosíbio, tutor de Britânico, filho de Cláudio e Messalina. Ou seja, ambos estavam presentes na corte e deviam gozar dos favores de Messalina para estarem envolvidos nessa conspiração contra V. Asiático.

O relato do julgamento de V. Asiático prossegue no segundo capítulo (TAC. *Ann XI*, 2, 1). Aqui Tácito descreve como os julgamentos de Cláudio eram conduzidos. Segundo o autor, não eram realizados no Fórum, e nem contavam com a presença do Senado, no entanto, o cônsul Vitélio¹¹⁵ estava presente. O acusado não possuía meios de defesa, e somente o acusador era ouvido. Nesse capítulo do livro já aparece a figura de Messalina e contra quem ela realmente conspirava, Popéia.

No relato senequiano V. Asiático não é mencionado. Apesar de ter sido julgado sem a presença do Senado por Cláudio, Sêneca não cita propriamente o seu nome dentre as vítimas de Cláudio por julgamentos injustos. Messalina estava presente por desejar a queda de V. Asiático e também desejava que o mesmo acontecesse com Popéia¹¹⁶. Como aliados de Messalina nessa intriga estavam Vitélio e Suílio, este como um acusador – dos muitos rábulas que no período de Cláudio foram valorizados em

¹¹⁴ TAC. *Ann XI*, 1, 1-2 - Suillum accusandis utrisque immittit. adiungitur Sosibius Britannici educator qui per speciem benevolentiae moneret Claudium cavere vim atque opes principibus infensas: praecipoum auctorem Asiaticum interficiendi G. Caesaris non extimuisse contione in populi Romani fateri gloriamque facinoris ultro petere; clarum ex eo in urbe, didita per provincias fama parare iter ad Germanicos exercitus, quando genitus Viennae multisque et validis propinquitatibus subnixus turbare gentilis nationes promptum haberet. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹¹⁵ Proeminente político do Principado de Cláudio. Antes disso, tinha sido cônsul no ano de 34. Em 43 torna-se pela segunda vez e ainda exerce o consulado uma vez mais em 47. Também esteve na comitiva que acompanhou Cláudio na campanha da Bretanha. Em 47 também exerceu a censura com Cláudio.

¹¹⁶ Mãe de Popéia, mulher de Nero.

contraposição aos juízes de fato. Ou seja, esse quadro seria um ótimo episódio para Sêneca, assim como fora para Tácito (TAC. *Ann.* XI, 1-3), para explicitar esse mau aspecto do governo de Cláudio. Por que Sêneca não citou este fato, aumentando assim suas críticas a Cláudio?

Talvez a hipótese mais adequada ao refletir sobre esse fato seja a versão de Bauman¹¹⁷. Segundo Tácito (TAC. *Ann.* XI, 3), Cláudio teria decidido que Valério Asiático escolhesse a forma como queria morrer e este optou pelo suicídio (cortando as veias). Segundo Bauman, esse ato de Cláudio de optar pelo suicídio de V. Asiático e não pela sua execução pública é um sinal de *humanitas*. A execução pública de V. Asiático significaria não somente sua morte, mas também uma vergonha pública para a família. Com a opção do suicídio o condenado adquiria três benefícios: morria sem que ele ou a família perdessem toda a dignidade, não tinham suas propriedades confiscadas e adquiriam o direito ao funeral. Esse processo é passado em Tácito com o nome de *liberum mortis arbitrium*. A intenção de Sêneca de criar uma *damnatio memoriae* de Cláudio, uma *imago* pérfida deste imperador não lhe permite mostrar esse traço de virtude nos julgamentos de Cláudio.

Tácito também escreve sobre uma possível reforma de Cláudio no quadro dos componentes do Senado de Roma. No mesmo livro XI, no capítulo 25, Tácito acusa Cláudio de tentar realizar uma reforma moral no Senado de Roma, primeiro por meio de gentileza. Mas o que dá a entender é que Tácito contesta o próprio caráter de Cláudio para executar tal reforma, pois no decorrer do capítulo o historiador mostra que a casa de Cláudio (e a Casa Imperial) vivia um escândalo, e que o próprio Cláudio não sabia como remediá-lo:

Não sabendo, porém como expulsasse do senado alguns indivíduos eminentemente escandalosos, quis antes empregar um meio suave, e de nova invenção, do que servir-se da antiga severidade. Deu conselho que, examinando cada um os seus costumes, pedisse licença para se retirar, o que facilmente lhe seria concedido; porque para isso proporia simultaneamente no senado tanto os que convinha excluir, como os que pedissem a sua escusa; e disfarçado assim este castigo censório com todas as aparências de uma demissão voluntária, ficaria então muito menor a sua infâmia. Por tudo isto propôs o cônsul Vipsânio que Cláudio tomasse o título de Pai do Senado, porque o nome de Pai da Pátria era muito genérico; e os benefícios extraordinários, feitos à

¹¹⁷ BAUMAN, Richard. *Crime and Punishment in Ancient Rome*. London: Routledge, 1996, pp. 74-76.

República, também pediam extraordinárias recompensas: mas o César estranhou ao cônsul esta demasiada adulação.¹¹⁸

Além desse processo de reforma no Senado, a passagem mostra outros dois pontos. O primeiro é que havia uma parte do Senado que apoiava as atitudes de Cláudio. Como observamos na passagem sobre o julgamento de V. Asiático os próprios cônsules estavam envolvidos nas intrigas de Messalina e dos libertos imperiais. Assim podemos dizer que mesmo o governo de Cláudio sendo marcado por uma perseguição à senadores¹¹⁹ havia uma parte do Senado que se beneficiou desse tempo. O segundo ponto é o reconhecimento deste processo de apoio por meio do ato do Senado de conceder a Cláudio o título de Pai do Senado. Ao associar Cláudio à figura do *pater*, que simbolizava a proteção da família, há uma contradição com o momento da perseguição aos senadores. Até por isso, Tácito deu destaque a este momento e enfatizando a reação de Cláudio, que achou exagerada a atitude do cônsul, claramente adulatória. Para Tácito, esta concessão do título a Cláudio parece vaga. Porém de 50 para frente às moedas do Principado de Cláudio acrescentam no montante de títulos desse imperador a alcunha de *Pater Patriae*¹²⁰.

Em outra passagem, agora já no livro XII, depois de Cláudio ter se casado com a Agripina, sobrinha por parte de seu irmão Germânico, Tácito volta a apresentar uma tentativa de Cláudio em reformar o Senado. Diferentemente da passagem anterior, nesta Cláudio promete impor sua decisão caso aos senadores os quais julga serem inaptos a prosseguir em tal posto. Mas uma vez parece que Tácito destaca essa passagem para contrapor a situação que o Imperador produz no Senado com a situação da própria casa imperial:

¹¹⁸ TAC. *Ann.* XI, 25 *famosos probris quonam modo senatu depelleret anxius, mitem et recens repertam quam ex severitate prisca rationem adhibuit, monendo secum quisque de se consultaret peteretque ius exuendi ordinis: facilem eius rei veniam; et motos senatu excusatosque simul propositurum ut iudicium censorum ac pudor sponte cedentium permixta ignominiam mollirent. ob ea Vipstanus consul rettulit patrem senatus appellandum esse Claudium: quippe promiscum patris patriae cognomentum; nova in rem publicam merita non usitatis vocabulis honoranda: sed ipse cohibuit consulem ut nimium adsentantem.* Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹¹⁹ Como já fora dito no capítulo sobre a perspectiva em *Apocolocyntosis* foram mortos no Principado de Cláudio 35 senadores segundo nos informa Sêneca. Sabemos certamente o nome de 18 (McAlindon, D. Claudius and the Senators. *The American Journal of Philology*, Vol. 78, No. 3, 1957, p. 279)

¹²⁰ ANEXO 2- O título citado na passagem se refere a *Pater Senatus* se refere apenas à instituição senatorial, no entanto, não se tem registro que tenha sido cunhado na moedas do período claudiano. Cláudio, mais tarde, por volta do ano 50 passa a cunhar nas moedas outro título o de *Pater Patriae*. Moedas com a alcunha de *Pater Patriae*: MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coins*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 126 (CLAUDIUS, 81).

Para lançar fora da Itália os matemáticos ou astrólogos, se lavrou um senátus-consulta atroz, e por isso sem efeito. Fez depois em um discurso muitos elogios o príncipe a todos os que, achando-se em pobreza, pedissem a sua demissão do senado; e ameaçou de expulsar aqueles, que se obstinando em guardar seus lugares, quisesse, segundo ele dizia, juntar a imprudência à pobreza.¹²¹

Essas passagens de Tácito reforçam a tese de Momigliano de que uma reforma ou “centralização política” foi realizada por Cláudio em seu Principado¹²², porém também concorda com os argumentos oferecidos por Huarley de que este imperador tentou também em seu Principado realizar uma reafirmação das ordens senatorial e equestre¹²³. Sobre esta relação entre Cláudio e os senadores, McAlindon conclui da seguinte forma seu artigo de 1957:

Deste reino em diante o controle imperial sobre o senado tornou-se mais óbvio com a servitude deste corpo. Os campeões da independência senatorial desperdiçados em fúteis conspirações pouco inspiradoras. Eles foram substituídos pelos candidatos imperiais e suas influências pela autoridade imperial. Essa transição do senado Augustano para o Flaviano é em lugar nenhum mais marcada do que sobre Cláudio.¹²⁴

O que podemos perceber pelo relato de Tácito é que a relação de perseguição de Cláudio a senadores ocorre por ação de elementos sem ação política de cargo – mulheres e libertos – e alguns membros da política romana, como senadores e até mesmo cônsules. Apesar de faltar uma boa parte do relato do Principado de Cláudio, podemos perceber a diferença entre a perspectiva senequiana e a de Tácito, a qual está nos agentes dessa perseguição. Em Sêneca, o autor deixa transparecer seu ódio por Cláudio, e lhe delega toda a culpa pelas perseguições a senadores e equestres. Assim, até mesmo Messalina é livre de culpa, sem falar em Agripina que nem mesmo é citada em *Apocolocyntosis*. Já Tácito, mostra um Cláudio mais manipulado do que sanguinário. Para isso, o historiador faz questão de apresentar todos os agentes envolvidos em cada conspiração que levou à morte de determinado senador. Temos,

¹²¹ TAC. *Ann.* XII, 52 - pater Scriboniani Camillus arma per Dalmatiam moverat; idque ad clementiam trahebat Caesar, quod stirpem hostilem iterum conservaret. neque tamen exuli longa posthac vita fuit: morte fortuita an per venenum extinctus esset, ut quisque credit, vulgavere. de mathematicis Italia pellendis factum senatus consultum atrox et inritum. laudati dehinc oratione principis qui ob angustias familiaris ordine senatorio sponte cederent, motique qui remanendo impudentiam paupertati adicerent. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹²² MOMIGLIANO, *op. cit.*, pp. 41-42.

¹²³ HURLEY, *op. cit.*, p. 158.

¹²⁴ McALINDON, *op. cit.*, p. 286.

também, através da perspectiva taciteana, a mostra que Cláudio possuía uma posição ativa dentro dessa classe de magistrados. A reação do imperador se deveu ao temor que este tinha de ser assassinado como havia acontecido com Caio Calígula. Aquele ainda este era instigado por Messalina, Agripina e seus libertos a atacar os senadores que se opunham ao poder pessoal de cada um desses elementos. Assim, a *imago* que Tácito criou de Cláudio é de um homem covarde e facilmente manipulado, se opondo a de tirano sanguinário, que contralava todo o poder, como aquela criada por Sêneca.

A semelhança que poderia ser observada nos dois relatos é o Senado. Em *Apocolocyntosis* a alegoria do Senado Celeste é composta por elementos que seriam exemplos de oposição como Augusto e outras divindades que se postam contra a divinização de Cláudio, e por elementos corruptos como Hércules e Diéspiter que lutam pela causa da divinização de Cláudio através da troca de favores. Em Tácito, o que se pode notar é que existia a ala dissidente do Senado, que acabava sendo perseguida porque se rebelava ou porque era envolvida em alguma conspiração das mulheres e libertos de Cláudio. Mas, também existia a ala do Senado que se beneficiava do Principado de Cláudio, que nos *Anais* são representados por aqueles que sempre estão envolvidos nas conspirações das mulheres e libertos (i.e. Vitélio) e aqueles que agiam, na perspectiva de Tácito, de forma adulatória (i.e. Vipsânio). Não podemos saber se Tácito aborda dois momentos no Principado de Cláudio, um de extrema conciliação com o Senado que seriam os anos iniciais e os demais de maior perseguição a esta ordem. No entanto, a imagem de perseguidor contradiz moedas que foram confeccionadas em diferentes momentos de seu Principado com a seguinte inscrição: EX S C OB CIVES SERVATOS (*Ex Senatus Consulto Ob Cives Servatos* – Por decisão do Senado por ter protegido/servido os cidadãos)¹²⁵.

3.2.2 Ações de Governo

¹²⁵ ANEXO 3. Moedas com este tipo de inscrição foram cunhadas em 5 momentos diferentes do Principado de Cláudio, segundo datação do Roman Imperial Coins. O primeiro momento foi entre 41 e 42, possivelmente como reafirmação de seu poder após o fracasso da rebelião de Camilo na Dalmácia. Depois disso, passam 4 anos para que moedas desse tipo sejam cunhadas novamente (entre 46 e 47). Entre 49 e 52 (que é até onde vai a datação do RIC) a moeda com a inscrição EX S C OB CIVEM SERVATOS ou SPQR OB CIVEM SERVATOS foi sempre cunhada. A obra de Tácito se enquadra dentro de 4 dos 5 períodos apresentados. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coins*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p.122 (CLAUDIUS, 15).

Como o relato de Tácito se prende muito à *Domus Caesaris* e não muito ao aspecto governamental do governo de Cláudio, os pontos que mais se destacam na sua política na parte que foi recuperada dos Anais são a campanha na Bretanha, o ingresso de estrangeiros nos cargos senatoriais, a censura de Cláudio e Vitélio, a relação com os exércitos e a composição do Senado (este último já discutido anteriormente na sessão de perseguição a senadores).

No entanto, no primeiro apontamento que é apresentado na obra vem à tona o caso de Valério Asiático. Cláudio pede para que houvesse um limite na recompensa dos advogados em seu reinado. A passagem é a seguinte:

Vendo então o Imperador Cláudio que todas estas razões, ainda que não muito decentes, não deixavam, contudo de ter mais ou menos fundamentos, pôs um certo termo a cobiça dos advogados, permitindo que pudessem receber a quantia de dez mil sestércios, além da qual os que mais exigissem ficassem compreendidos na lei de concussão.¹²⁶

Aqui, vemos o empenho de Cláudio em normatizar a justiça. Tácito se posiciona sobre o comportamento desses agentes – “ainda que não muito decentes” – de forma desfavorável à causa desses seres, e ao apresentar Cláudio como favorável cria neste um ar de desaprovação. Mais adiante ainda no livro XI, Tácito apresenta as primeiras questões levantadas por Cláudio, enquanto este foi censor ao lado de Vitélio:

Mas enquanto Cláudio ignorava absolutamente o que fazia sua mulher, metia-se a ser rígido censor dos costumes alheios, e repreendia com toda severidade em seus éditos o desbocamento do povo que havia insultado no teatro o consular P. Pomônio... Também por uma lei coibiu as selvagens usuras dos credores, proibindo-lhes o darem dinheiro a juro aos filhos-*familias* antes da morte dos pais. Meteu igualmente em Roma muitas águas que se tinham achado nos montes Simbruínios, e acrescentou ao alfabeto três letras de novo, dizendo ser uma coisa bem sabida que os caracteres gregos também não tinham sidos todos inventados e aperfeiçoados de uma vez.¹²⁷

¹²⁶ TAC. *Ann.* XI, 7 - ut minus decora haec, ita haud frustra dicta princeps ratus, capiendis pecuniis *posuit* modum usque ad dena sestertia quem egressi repetundarum tenerentur. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹²⁷ TAC. *Ann.* XI 13 - At Claudius matrimonii sui ignarus et munia censoria usurpans, theatralem populi lasciviam severis edictis increpuit, quod in Publium Pomponium consularem... et lege lata saevitiam creditorum coercuit, ne in mortem parentum pecunias filiis familiarum faenori darent. fontisque aquarum Simbruinis collibus deductos urbi intulit. ac novas litterarum formas addidit vulgavitque, comperto Graecam quoque litteraturam non simul coeptam absolutamque. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

Nessa passagem, Tácito parece criticar Cláudio pelo fato que este imperador condena a ação do povo quanto aos costumes, mas ignora ou desconhece o que acontece de imoral na sua própria casa. Assim, Tácito utiliza-se desse recurso retórico para mais uma vez manifestar que a *Domus Caesaris* era um centro de poder e um modelo a ser observado pela sociedade romana, e que antes de repreender a falta de costumes e a moral da sociedade, Cláudio deveria antes agir contra os fatos que estavam por ocorrer em sua casa.

A questão militar é por vezes abordada por Tácito. Ela também desempenha um recurso retórico. Como primeiro Tácito apresenta as consequências do período Julio-Cláudio nas *Histórias*, afirmando que os *arcana Imperii* foram descobertos, em *Anais* ele apresenta como esse ponto de poder foi se desenvolvendo ao longo da primeira dinastia. Sempre que Tácito sai de seu foco de discussão, a *Domus Caesaris*, e vai para as províncias e principalmente para o exército, o autor fez questão de salientar a tensão existente entre o poder central do Imperador, e a grande força motriz do Império, as legiões. Na parte dos *Anais* que se perdeu, possivelmente contava os primeiros impasses entre Cláudio e seus generais, destacando a revolta de Camilo na Dalmácia. Por este motivo, Cláudio empregou uma política rígida no que concernia à ação de seus generais nas fronteiras. Um desses generais que Tácito destaca no Principado de Cláudio é Domício Corbulão:

[...] e Corbulão era quem mais atiçava a rebelião que, sendo do agrado de muitos não era bem vista por outros. “Por que motivo, diziam estes últimos, está ele excitando agora o inimigo? Todos os males que vierem a suceder recairão sobre a República; e se por fortuna sair bem dos seus projetos, será temido na paz como homem perigoso, e dará sempre ciúmes a um príncipe covarde.” Assim Cláudio proibiu no entanto qualquer nova empresa contra as Germânicas, e mandou que todos os acampamentos romanos se passassem para a esquerda do Reno. Corbulão recebeu as ordens do César quando já estava acampado no país inimigo. Mas apesar de que esta resolução não esperada lhe fizesse suscitar ao mesmo tempo diferentes pensamentos, tais como o medo do Imperador, o pouco caso que dele fariam os bárbaros, o ludíbrio a que ficava exposto da parte dos aliados, sem proferir ao recebê-la mais do que estas poucas palavras: Quanto não foram mais felizes os antigos comandantes romanos! Deu logo ordem de retirada: e a fim de livrar os soldados de toda ociosidade mandou abrir um canal de vinte e três milhas de comprimento entre o Mosa e o Reno para estorvar as inundações do oceano; e o príncipe lhe

concedeu depois as honras do triunfo, ainda que lhe negou a glória da guerra.¹²⁸

Nessa passagem, Tácito aborda a questão da impossibilidade de um general ter destaque no serviço militar, porque o exercício dos grandes feitos é visto como algo perigoso. Um general ter mais destaque que o Imperador era perigoso ao general, pois este poderia ser perseguido pelo Imperador, e este o temia por ser um possível candidato ao trono através de uma conspiração. A Corbulão é negada a guerra contra os bárbaros, mas não as insígnias triunfais, ao contrário do sogro do próprio Tácito, Agrícola, que ganha a guerra mas tem a honraria negada. Este é um argumento forte nas obras de Tácito, segundo Sailor: quanto a apresentação de virtudes poderia ser perigosa em um Principado marcado pela bajulação e pelas vicissitudes.

Na contramão das ações de Corbulão, Tácito desvaloriza as ações na Bretanha. Para Tácito elas são vistas somente como fruto de uma necessidade vazia de um imperador em busca de glória. Segundo Levick, a visão de Tácito sobre a vitória e anexação do território da Bretanha é a seguinte:

Isto pode ser mantido ainda, apesar de seu aparente sucesso, a inovação de Cláudio foi um erro. A paz da costa do Canal teve de ser mantida pelo uso de outros meios. No século seguinte e posteriormente, a Bretanha continuou a ser um dreno de mão de obra além de qualquer coisa que pudesse contribuir em impostos ou materiais, como o historiador Apiano apontou. Houveram ganhos, chumbo e prata, a recompensa da vitória, como Tácito chama minério, foram obtidos de fato seis anos após a invasão, e os artigos de luxo como cães de caça e pérolas eram exportados. Nenhuma ideia que a Bretanha tenha sido invadida por seu grão não tem suporte: em Tácito tem a existência de grãos requisitados, mas para propósitos militares, Os grãos podiam ter sido obtidos sem a invasão.¹²⁹

No entanto, no contexto imperial de estagnação das conquistas, Cláudio se viu na oportunidade de exercer um triunfo completo, fato que não acontecia desde Augusto.

¹²⁸ TAC. *Ann.* XI, 20 -21 - et Corbulo semina rebellionis praebebat, ut laeta apud plerosque, ita apud quosdam sinistra fama. cur hostem conciret? adversa in rem publicam casura: sin prospere egisset, formidolosum paci virum insignem et ignavo principi praegravem. igitur Claudius adeo novam in Germanias vim prohibuit ut referri praesidia cis Rhenum iuberet. Iam castra in hostili solo molienti Corbuloni eae litterae redduntur. ille re subita, quamquam multa simul offunderentur, metus ex imperatore, contemptio ex barbaris, ludibrium apud socios, nihil aliud prolocutus quam 'beatos quondam duces Romanos,' signum receptui dedit. ut tamen miles otium exueret, inter Mosam Rhenumque trium et viginti milium spatio fossam perduxit, qua incerta Oceani vitarentur. insignia tamen triumphii indulsit Caesar, quamvis bellum negavisset. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹²⁹ LEVICK, Barbara. *Claudius*. New Haven: Yale University Press, 1990, p. 147.

Assim, seu desejo de se assemelhar ao tio-avô tornou-se mais próximo da realidade. O culto à Vitória Britânica foi altamente manifestado com inscrições na Narbonesse, Antioquia, na Itália e na Grécia. Estas inscrições possuíam louvores em agradecimento ao retorno vitorioso do Imperador:

Para o bem-estar... (e) a vitória de Tibério Cláudio César Augusto Germânico, pontífice máximo, com poder tribunício pela 3ª vez, (aclamado) *Imperator* pela 5ª vez, Pai da Pátria, de acordo com um voto realizado, *Cascellia Secunda*¹³⁰.

Para o bem-estar e de retorno e vitória de Tibério Cláudio César Augusto Germânico, pontífice máximo, com poder tribunício pela 5ª vez, (aclamado) *Imperator* pela 11ª vez, cônsul designado pela 4ª vez ... de acordo com um voto realizado por Sulpício.¹³¹

Para o, a vitória de retorno bem-estar, de Tibério Cláudio César Augusto Germânico, pontífice máximo, com poder tribunício pela 6ª vez, (aclamado) *Imperator* pela 11ª vez, cônsul pela 3ª vez, cônsul designado pela 4ª vez, o pai de sua país, de acordo com um voto realizado, ... uria, filha do Quinto (dedicou uma estátua [?]) de ... lb de ouro.¹³²

Outras formas de manifestação ao triunfo de Cláudio na Bretanha se deram na época. Através da numismática¹³³ sabemos que um arco em louvor à sua campanha foi erguido e pelos estudos de Barret¹³⁴ sabemos que se localizava na via Lata fazendo parte do aqueduto *Acqua Virgo*. Neste mesmo monumento é possível observar a necessidade de Cláudio de reafirmar seu passado dentro da família de Augusto:

O pai de Cláudio, Druso, certamente estaria lá, e a quarta pessoa honrada teria sido sua avó Lúvia (produzindo dois pares de masculinos e femininos em cada lâmina). Pode à primeira vista parecer curioso que em um arco planejado para celebrar sua vitória na Bretanha Cláudio tenha escolhido colocar tanta ênfase na sua família. Mas, isto é totalmente consistente como a associação que ele escolheu estabelecer entre ele e seu pai Druso no seu abrangente conceito de arco¹³⁵.

¹³⁰ CIL XII.4334; Bérard et al. 1998, 378, nº1. - [pro salute I [---] victoria I [Ti(berii) Claudi(i) Ca]esaris Aug(usti) I [Germ(anici), p(ontificis)] m(aximi), tr(ibunicia) p(otestate) III, imp(eratoris) V, p(atris) p(atriciae), I [ex voto sus]cepto I *Cascellia Secunda*.

¹³¹ CIL VI.3751; CIL VI.31282; CIL VI.36894; Berard et al. 1998, 378, no. 2. - [pro] salute et reditu et v[ic]toria I Ti(berii) C[laudi(i) Ca]esar[is] Aug(usti) Germ[anic]i, pontific(is) m[ax]imi, trib(unicia) pot(estate) V, imp(eratoris) XI, [co(n)s(ulis) des(ignati)] IIII... [vot]o sus[cepto] I [S]ulpiciu[s ---]...

¹³² CIL VI.917; Bérard et al. 1998, 378, no. 3. - [pro salute, r[editu], I v[ic]toria I [Ti(berii) Cl]audi(i) Caesar[is] I Aug(usti)] Germanici, [pon]t[if]icis max(imi), tr(ibunicia) pot(estate) VI, [imp(eratoris) XI, I co(n)s(ulis) III], desig(nati) IIII, [p(atris) p(atriciae), I e]x voto sus[cepto] I [---]uria Q(uinti)f(ilia) I ex auri p[on]do ---].

¹³³ ANEXO 4 - Moeda do Arco de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coinage. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p.123 (CLAUDIUS, 33)

¹³⁴ BARRETT A. A. - *Claudius' British Victory Arch in Rome*. Britannia, Vol. 22 (1991), pp. 1-19.

¹³⁵ BARRET, *idem*, pp. 8-9.

Mas, este valor da conquista e do triunfo militar de Cláudio não é apresentado nas passagens de Tácito. O primeiro triunfo se perdeu na parte não recuperada dos Anais Claudianos, que foi comemorado em 43. Porém, um dos triunfos que se sucederam a esse é apresentado por Tácito dessa forma:

Dentro mesmo de Roma era assaz famoso o nome de Caractaco; e o César, exaltando a sua própria glória, havia feito ainda mais brilhante a do vencido. O povo teve um convite solene como se fosse para assistir a um magnífico espetáculo, e todas as coortes pretorianas estiveram em armas no campo vizinho aos quartéis. Apareceram primeiramente os clientes e os amigos do rei; mostraram-se os colares e outras ricas insígnias que ele havia ganhado nas guerras estrangeiras; e acabado isto foram apresentados seus irmãos, sua mulher e sua filha; e o último de todos foi o rei Caractaco. Todos falaram sem dignidade, e com muita covardia, porque se achavam cortados de medo: só o rei com um ar nobre e majestoso, sem implorar misericórdia, tanto que chegou diante do tribunal, se exprimiu desta sorte: “Se no tempo da minha boa fortuna eu houvesse tido moderação igual a meu nascimento e opulência, decerto que teria vindo aqui como amigo, e nunca como cativo; e nem, ó César, te haverias então envergonhado de formar aliança um homem, descendente de antepassados ilustres, e a quem muitas nações obedeciam. São hoje para mim tão vergonhosos e tristes destinos como para ti são magníficos. Fui senhor de cavalos, armas, soldados, e riquezas; e que admiração pode haver neste caso que só constringido tenha perdido tudo isto? Porque vós quereis dominar todo o mundo, segue-se que me tivesse entregado nenhuma glória nós ambos teríamos merecido; e até meu nome duraria bem pouco se me fizesse ir ao cadafalso, quando, conservando-me a vida, será ele um monumento eterno da tua clemência”. Ouvindo estas palavras o César perdeu-lhe, e a sua mulher e irmãos. Tirando-lhes então as algemas, foram como já tinham praticado com o príncipe cumprimentar e agradecer Agripina, a qual se achava em pouca distância sentada em outro tribunal. *Coisa realmente nova, e nunca vistamos tempos antigos, que uma mulher estivesse presidindo entre as bandeiras e as águias romanas! Porém, ela sempre queria participar de um império que seus antepassados tinham adquirido* Foram depois disto convocados os padres que disseram mil coisas, e todas muito pomposas, sobre o cativo de Caractaco, asseverando que este fato não era menos ilustre do que os antigos quando foram apresentados ao povo Sífax, aprisionado por P. Cipião; Perseu, por L. Paulo; e outros mais reis prisioneiros de diferentes generais. Decretaram-se para Ostório as insígnias do triunfo, o qual até aquela época havia sido sempre feliz, mas que passada ela deixou de ser tão mimoso da fortuna; ou porque, preso Caractaco, deixasse afrouxar a disciplina militar, ou porque os inimigos, agora compadecidos com as desgraças de tão grande monarca, entrassem depois a pelear com dobrada energia.¹³⁶ (grifo nosso, comentário do tradutor).

¹³⁶ TAC. *Ann.* XII, 36-38. ne Romae quidem ignobile Carataci nomen erat; et Caesar dum suum decus extollit, addidit gloriam victo. vocatus quippe ut ad insigne spectaclum populus: stetero in armis praetoriae cohortes campo qui castra praeiacet. tunc incedentibus regiis clientulis phalerae torques

Pelas palavras de Tácito, é notável que a comemoração do triunfo: Senado e povo participam dessa vitória de Cláudio. No entanto, Tácito nos passa dois pontos que ofuscam essa vitória de Cláudio. O primeiro é a presença de Agripina durante o recebimento do rei estrangeiro. Agripina não se posta numa posição em que os romanos eram acostumados, mas o que ela aparentava no relato de Tácito era de estar ali por dividir o comando com Cláudio. O que podemos concluir com este primeiro momento é o caráter fraco de Cláudio, por deixar uma mulher compartilhar de sua força, por ficar em uma posição de igualdade com Agripina. O segundo ressalta o primeiro: no discurso de Tácito é o rei estrangeiro, Caractaco, quem relembra a Cláudio sobre o exercício da clemência. Assim, Tácito mostra que os estrangeiros ainda eram presos a seus valores morais, como os romanos de antigamente. Algo que o autor dos Anais já tinha feito em outra obra sua, *Germânia*.

A respeito disso é introduzido o "Nobre Selvagem" Caractaco, que aponta para o contraste entre a nobreza de caráter e a decadência de Roma. A comparação é fortalecida pela reverência retribuída para a agora suprema Agripina, a mesma reverência que foi concedida para o imperador: *novum sane et moribus veterum insolitum, feminam signis Romanis praesidere: ipsa semet parti a maioribus suis imperii sociam ferebat*. As palavras *novum*, *insolitum* tem elas mesmas conotações pejorativas. Os romanos eram notoriamente um povo conservador, para quem os precedentes ancestrais eram sagrados. Mulheres tinham seus lugares, mas isso era nas casas. O feminismo era uma coisa inédita, e uma mulher governante uma desagradável monstruosidade.¹³⁷

quaeque bellis externis quaesiverat traducta, mox fratres et coniunx et filia, postremo ipse ostentatus. ceterorum preces degeneres fuere ex metu: at non Caratacus aut vultu demisso aut verbis misericordiam requirens, ubi tribunali adstitit, in hunc modum locutus est. [37] 'Si quanta nobilitas et fortuna mihi fuit, tanta rerum prosperarum moderatio fuisset, amicus potius in hanc urbem quam captus venissem, neque dedignatus esses claris maioribus ortum, plurimis gentibus imperitantem foedere [in] pacem accipere. praesens sors mea ut mihi informis, sic tibi magnifica est. habui equos viros, arma opes: quid mirum si haec invitatus amisi? nam si vos omnibus imperitare vultis, sequitur ut omnes servitutem accipiant? si statim deditus traderet, neque mea fortuna neque tua gloria inclaruisset; et supplicium mei oblivio sequeretur: at si incolumem servaveris, aeternum exemplar clementiae ero.' ad ea Caesar veniam ipsique et coniugi et fratribus tribuit. atque illi vinclis absoluti Agrippinam quoque, haud procul alio suggestu conspicuam, isdem quibus principem laudibus gratibusque venerati sunt. novum sane et moribus veterum insolitum, feminam signis Romanis praesidere: ipsa semet parti a maioribus suis imperii sociam ferebat. [38] Vocati posthac patres multa et magnifica super captivitate Carataci disseruere, neque minus id clarum quam quod Syphacem P. Scipio, Persen L. Paulus, et si qui alii vinctos reges populo Romano ostendere. censentur Ostorio triumpho insignia, prosperis ad id rebus eius, mox ambiguis, sive amoto Carataco, quasi debellatum foret, minus intenta apud nos militia fuit, sive hostes miseratione tanti regis acrius ad ultionem exarsere. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹³⁷ VESSEY, D. W. T. C. Thoughts on Tacitus' Portrayal of Claudius. *The American Journal of Philology*, Vol. 92, No. 3, 1971, pp. 385-409.

Comparando diretamente Sêneca e Tácito quanto ao aspecto militar, podemos concluir que ambos concordavam sobre as ações de Cláudio, caracterizada por ambos como tímidas/insignificantes, mas por um motivo diferente. Infelizmente, na parte que se perdeu dos *Anais Claudianos* estão boa parte das duas grandes campanhas desse principado: a campanha da Mauritânia, que havia se iniciado no Principado de Caio Calígula, e a campanha da Bretanha, da qual só contamos com o relato pós o primeiro triunfo de Cláudio. Apesar de ambos concordarem que as ações de Cláudio podem ser vistas como pírias, Sêneca acusa Cláudio de covardia perante o grande inimigo (partos e germanos) e de excesso de violência contra o pequeno inimigo (bretões). Tácito diz que Cláudio preferiu atitudes mais moderadas diante de territórios que se mostraram bastante inóspitos para as ações militares romanas, e que preferiu agir através da diplomacia. Mas é preciso lembrar o que já foi dito anteriormente sobre o caso de Corbulão, ou seja, que há em Tácito uma questão maior envolvendo o fator militar: a questão da autoridade e do triunfo real. Tácito viveu um tempo em que este direito esteve restrito ao Imperador. É evidente no relato taciteano a importância do fator militar como definição da representação do imperador, devido à influência de tempos em que imperadores se mantinham cautelosos quanto às conquistas militares e de imperadores gerais, que iam ao campo de batalha comandar suas legiões. O próprio Tácito no segundo próêmio dos *Anais* (IV, 37-38) diz que o foco da suas histórias é diferente dos grandes historiadores de outrora. Os antigos historiadores podiam falar das grandes guerras e eram livre para exercer os elogios que lhes convinham, quando Roma era um governo aristocrático. A partir do advento do Principado, Tácito fala que os conflitos externos deixam de existir em virtude de uma “paz monótona”, porém perturbadora. Monótona, porque os príncipes não ambicionaram estender o Império, e perturbadora pelas dificuldades de se escrever história durante o Principado.

Outro ponto evidenciado por Tácito nos *Anais Claudianos* é o ingresso de estrangeiros entre aqueles que poderiam assumir magistraturas de nível senatorial. Em Sêneca, este processo foi tratado como um comércio de cidadania, que foi feito de modo displicente. Em Tácito, a questão já é tratada com um olhar diferente. Cláudio defende a entrada de provinciais frente à oposição de um Senado corrupto (por aspectos que já foram tratados nos itens anteriores). Assim, como Sêneca (que tem origem hispânica), Tácito também é de provavelmente origem provincial. Em *Anais* XI, 23, os senadores se postam contra a entrada principalmente desses provinciais, atribuído a estes uma

fama de bárbaros e de sanguinários, por muito tempo antes terem feito os romanos sofrerem perdas militares. Cláudio intervém em favor da causa destes gauleses. Assim é a passagem, segundo Tácito:

O César, sem fazer caso destas e outras semelhantes razões, mostrou logo ter uma diferente opinião; e convocando depois o senado falou desta sorte: “Os meus ancestrais, entre os quais o mais velho foi Clauso de origem Sabina, e que logo de uma vez foi feito cidadão e patrício, ensinam-me com seu exemplo a governar a República, e a chamar para ela tudo o que houver de mais ilustre em qualquer parte do mundo. Sei muito bem que de Alba vieram para o senado os Júlios, de Camério os Coruncânios, e do Túsculo os Pórcio; e deixando fatos antigos, que da Etrúria, da Lucânia e de toda a Itália em geral vieram muitos outros. Finalmente, a mesma Itália se estendeu até os Alpes, de maneira que não só os indivíduos, porém as mesmas províncias e nações ganharam o nome romano. Então se consolidou a nossa tranquilidade doméstica, e nos fizemos respeitar dos estranhos quando os Transpadanos se tornaram cidadãos; e quando para impedir a decadência do Império pelo transporte que se fazia das legiões para a toda superfície da terra, lhe incorporamos os mais valentes das nossas províncias. Poderemos por ventura nos arrependermos de ver adotado os Balbos da Espanha, e outros mais homens insignes da Gália Narbonense? Ainda hoje se conservam os seus descendentes, que não nos são inferiores em patriotismo. Que outras causas ocorreram para a ruína de Lacedemônia e de Atenas, apesar de serem nações tão belicosas, senão o tratarem sempre como estranhos os povos vencidos? Não foi esta a profunda política de Rômulo, o nosso fundador, que muitas vezes abraçou como cidadãos aqueles que no mesmo dia vencera como inimigos. Alguns reis estrangeiros também governaram; e não foi inovação como muitos acreditam o darem-se as magistraturas aos filhos dos libertos; porque assim o praticou muitas vezes o antigo povo romano. Se tivéssemos guerras com os Senoneses, não pegaram também em armas contra nós os Volscos e os Équos? É verdade, que fomos conquistados pelos Galos; mas também nós demos reféns aos Etruscos, e passamos por baixo do jugo dos Samnitas. Se nos recordarmos, contudo de quantas guerras havemos tido, veremos que nenhuma durou menos tempo do que essa que tivemos com os Galos, e que depois se seguiu logo uma paz firme e constante. Agora, pois que já achamos unidos com eles pelas mesmas leis, usos, e vínculos do sangue, melhor é que venham repartir conosco o seu ouro e riquezas do que as gastem lá somente consigo. Em uma palavra, padres conscritos, tudo o que hoje se respeita como antiquíssimo já na sua origem foi novo: dos magistrados patrícios passamos aos plebeus; dos plebeus para os Latinos; e destes últimos para os de todos os mais povos da Itália. Ainda esta nossa resolução também há de ser considerada como velha; e isto mesmo, que hoje procuramos comprovar com exemplos, também ainda há de servir igualmente de exemplo para o futuro”¹³⁸.

¹³⁸ TAC. *Ann.* XI, 24 - His atque talibus haud permotus princeps et statim contra disseruit et vocato senatu ita exorsus est: 'maiores mei, quorum antiquissimus Clausus origine Sabina simul in civitatem Romanam et in familias patriciorum adscitus est, hortantur uti paribus consiliis in re publica capessenda, transferendo huc quod usquam egregium fuerit. neque enim ignoro Iulios Alba, Coruncanios Camerio,

A adaptação do discurso de Cláudio por Tácito preservou os elementos centrais do discurso do imperador. Sabemos disso através da Tabula de Lião¹³⁹, monumento de cunho epigráfico composto de duas tábuas de bronze onde foi reproduzido o discurso de Claudio em defesa da Gália Comata. Diferente da adaptação de Tácito, o discurso de Cláudio se estende longamente, em que amplitude temporal açambarca a fundação de Roma, todos os reis romanos e etruscos que a cidade possuiu e a ocupação de magistraturas pelos plebeus. A inscrição tem uma parte perdida que compreendia o período das Guerras Púnicas, o expansionismo romano e as Guerras Civis. A inscrição na segunda coluna já aborda a parte do Império, em que são ressaltadas as ações de Augusto e Tibério, com os assentamentos de veteranos de guerras nas províncias. Cláudio fala de sua origem gaulesa. Por último, Cláudio dá um enfoque final à Gália em especial: falando da Campanha de César, de Tibério e de seu pai, Druso. Ao mesmo tempo em que Cláudio mostra a importância que esse povo tem para o povo romano, ele busca reafirmar a importância de sua família e a sua presença dentro dela. Não podemos afirmar as razões pelas quais Tácito escolheu tomar essa linha em sua adaptação. Algo que, para nós, se apresenta como totalmente diferente, mas cujo propósito é o mesmo: defender que a elite da Gália Comata ocupasse magistraturas senatoriais. Segundo Griffin, Tácito teria esse recurso para poder inserir o discurso de Cláudio em meio a suas histórias. Era relevante a diferença das palavras para o orador, que se baseia no momento e nas emoções que o cercam, enquanto o historiador busca a perpetuidade de suas palavras não necessitando dar tanta ênfase às emoções:

Porcios Tusculo, et ne vetera scrutemur, Etruria Lucaniaque et omni Italia in senatum accitos, postremo ipsam ad Alpīs promotam ut non modo singuli viritim, sed terrae, gentes in nomen nostrum coalescerent. tunc solida domi quies et adversos externa floruimus, cum Transpadani in civitatem recepti, cum specie deductarum per orbem terrae legionum additis provincialium validissimis fesso imperio subventum est. num paenitet Balbos ex Hispania nec minus insignis viros e Gallia Narbonensi transivisse? manent posteri eorum nec amore in hanc patriam nobis concedunt. quid aliud exitio Lacedaemoniis et Atheniensibus fuit, quamquam armis pollerent, nisi quod victos pro alienigenis arcebant? at conditor nostri Romulus tantum sapientia valuit ut plerosque populos eodem die hostis, dein civis habuerit. advenae in nos regnaverunt: libertinorum filiis magistratus mandare non, ut plerique falluntur, repens, sed priori populo factitatum est. at cum Senonibus pugnāvimus: scilicet Vulcsi et Aequi numquam adversam nobis aciem instruxere. capti a Gallis sumus: sed et Tuscis obsides dedimus et Samnitium iugum subiimus. ac tamen, si cuncta bella recenseas nullum breviorē spatio quam adversus Gallos confectum: continua inde ac fida pax. iam moribus artibus adfinitatibus nostris mixti aurum et opes suas inferant potius quam separati habeant. omnia, patres conscripti, quae nunc vetustissima creduntur, nova fuere: plebei magistratus post patricios, Latini post plebeios, ceterarum Italiae gentium post Latinos. inveterascet hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹³⁹ ANEXO 5 – Tábula de Lion.

A sugestão mais comum tem sido que Tácito pôs-se a fazer melhorias no discurso. Para este fim ele omitiu irrelevâncias e detalhes autobiográficos, alterou a ordem e a relação dos argumentos, e, talvez, igualmente adicionado pontos de sua autoria (ainda que a perda da parte superior da tabula de bronze faça esta última hipótese profundamente precária e nem todos aderiram a ela). O motivo dessa melhora é plausível. Pois, embora Tácito sentisse que Cláudio pudesse compor um elegante discurso, ele apresenta-nos em seu tratamento do que o Imperador disse em 53, sobre a questão não muito diferente de garantia de imunidade de tributos para a ilha de Cos, que ele não era impressionado com a argumentação dele.¹⁴⁰

Segundo Griffin, o discurso que lemos em Tácito, em que são apresentadas primeiro as razões contrárias à causa e depois o discurso de Cláudio, mostra que o historiador possuía uma simpatia, e mostra a admiração com o Imperador como é mostrado em outros momentos da obra, como no discurso da adoção de Nero e sobre os habitantes da ilha Cos. Mas, isso não impediu Tácito de excluir detalhes que nos tempos de Trajano e Adriano se mostraram irrelevantes ou pouco inteligíveis.

Por último, dá-se destaque ao relato de Tácito quanto ao exercício da censura por parte de Cláudio. A censura era uma magistratura exercida por um par de membros, assim como os cônsules. Era uma grande dignidade esse posto, já que somente ex-cônsules poderiam assumir tal posição. Essa magistratura estava ligada à prática dos recenseamentos dos cidadãos com base na riqueza, na orientação das obras públicas, e, sobretudo, na prática da orientação da conduta moral dos cidadãos.

Em Tácito, o exercício desta magistratura por Cláudio é apresentado com certa contradição pelo historiador. Ao falar sobre a ação de Cláudio como censor, Tácito remete primeiramente aos problemas da *Domus Caesaris* ao dizer que o imperador ignorava as ações de Messalina enquanto questionava a moral dos demais cidadãos:

Mas enquanto Cláudio ignorava absolutamente o que fazia sua mulher, intrometia-se a ser rígido censor dos costumes alheios, e repreendia com toda severidade em seus éditos o desbocamento do povo que havia insultado no teatro o consular P. Pomônio... Também por uma lei coibiu as selvagens usuras dos credores, proibindo-lhes o darem dinheiro a juro aos filhos-famílias antes da morte dos pais. Meteu igualmente em Roma muitas águas que se tinham achado nos montes Simbruínios, e acrescentou ao alfabeto três letras de novo,

¹⁴⁰ GRIFFIN, Myrian T. The Lyons Tablet and Tacitean Hindsight. *The Classical Quarterly*, Vol. 32, No. 2, 1982, p. 405.

dizendo, ser uma coisa bem sabida que os caracteres gregos também não tinham sido todos inventados e aperfeiçoados de uma vez.¹⁴¹

O que se pode perceber é que Tácito apresenta certo ar de indignação com a atitude de Cláudio, já que este se mostrara alheio aos problemas de sua casa. Na visão de Tácito, era inexplicável que alguém que não fosse um bom gerenciador de uma casa, um bom *pater familias*, pudesse ser um bom Imperador ou mesmo um censor. Esta discussão sobre o exercício da censura por parte de Cláudio é pano de fundo para a discussão maior que existe no final do livro XI dos Anais, que é a composição do Senado Romano. Cláudio teria feito uso dessa magistratura para reformar os membros desta instituição, e acrescentar à defesa do ingresso de membros da elite da Gália Comata. Assim Cláudio, pode montar um Senado que partilhasse de suas causas, que tivesse seus partidários. O aspecto moral sob o qual Tácito critica Cláudio está sempre relacionado com os aspectos que norteiam a *Domus Caesaris*, e mesmo ações como essas durante o período que exerceu a censura são vistos pelo historiador como fúteis, como o caso das letras gregas, ou contraditórios ao questionar a moral dos demais cidadãos. Segundo Ryan, a atividade censória de Cláudio se mostrou obsoleta, remetendo muitas vezes às ações de seu antepassado, Ápio Cláudio, que também exerceu a censura em 312 a.C.

A reforma ortográfica e o ampliado estado de supervisão da religião pública leva qualquer margem para dúvidas: o único precedente para a atividade censória nestas esferas era a censura de 312 a.C. O desejo de Cláudio ao instituir estas mudanças teriam sido uma decisão prioritária a qual informou sua tardia decisão para assumir a censura. Desta maneira a irregularidade de um imperador revivendo uma obsoleta instituição republicana é explicada: ele próprio modelou-se depois à mais não tradicional das censuras republicanas e foi menos preocupada com a tradição da censura (logo a ausência da *severitas prisca*) do que com a tradições da sua própria família.¹⁴²

Levick, em sua obra, *Claudius*, ainda destaca que as ações de governo de Cláudio (estas ditas anteriormente, e também as obras públicas que ele executou em

¹⁴¹ TAC. *Ann.* XI, 13 - At Claudius matrimonii sui ignarus et munia censoria usurpans, theatralem populi lasciviam severis edictis increpuit, quod in Publium Pomponium consularem... et lege lata saevitiam creditorum coercuit, ne in mortem parentum pecunias filiis familiarum faenori darent. fontisque aquarum Simbruinis collibus deductos urbi intulit. ac novas litterarum formas addidit vulgavitque, comperto Graecam quoque litteraturam non simul coeptam absolutamque. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹⁴² RYAN, F. X. Some Observations on the Censorship of Claudius and Vitellius, A.D. 47-48. *The American Journal of Philology*, Vol. 114, No. 4, 1993, pp. 617-618.

Roma¹⁴³) rementem à busca de relembrar governos vistos como majestosos e emblemáticos, como os de César e Augusto. Cláudio se remete sempre a Augusto como seu modelo principal, mas o que a historiadora conclui é que a sua paridade é com César e não com seu tio-avô:

O tema de Augusto como modelo para Cláudio é proeminente em Tácito. Há boas razões para isso. Isso serve aos propósitos de Tácito, como K. Seif tem apontado para justapor isto às falhas claudianas - a drenagem do Lago Fucine, a tentativa de colocar Meedates no trono da Pártia. Mas o uso de Tácito do modelo de Augusto para expor a fraqueza de Cláudio apresenta como desenvolvimento de Cláudio do nome de Augusto devia ser interpretado. Isto era público, ele usava isto como um ato de boa intenção, e, como Tibério tinha, para justificação, como forte argumento político para antecessor [...] O modelo que o coração de Cláudio estava inclinado não era o de Augusto, mas o de César, assassinado antes que ele tivesse tempo para levar seu programa adiante (esta ocasião à esquerda para reconstrução imaginativa). Foi levado ao poder pelas tropas em face à resistência senatorial, tomando o nome de César, exercendo a clemência, teria posto Cláudio na mente do Ditador.¹⁴⁴

3.2.3 A *Domus Caesaris*

A *Domus Caesaris* é o ponto alto para mostrar a fraqueza de Cláudio como Imperador. Por se tratar de um dos pilares do poder imperial, a influência que a *Domus Caesaris* e seus membros exercem sobre a sociedade romana foi um ótimo foco para Tácito realizar sua análise. Na parte que chegou até nós dos Anais Claudianos, Tácito destaca com frequência setores dentro da Casa Imperial que exerciam poderes que oficialmente não faziam parte da prática política (não podiam assumir grandes magistraturas). Esses setores eram os libertos imperiais, dando ênfase às figuras de Narciso e Palas, e as esposas de Cláudio, Messalina (já citada em *Apocolocyntosis*) e Agripina. Ao contrário de Sêneca, Tácito não se vê inibido ao citar Agripina no seu relato. Assim, Cláudio não é apresentado como um tirano como é feito na sátira, mas ele faz parte de um conjunto, às vezes é manipulado pelos demais membros e outras vezes se mostra frio o suficiente para agir. Mas o que prevaleceu das leituras de Tácito na maior parte do tempo foi só a sensação de que esse imperador teria sido manipulado.

¹⁴³ Principalmente os aquedutos Acqua Claudia e Anius Novus, e a construção do Porto de Óstia.

¹⁴⁴ LEVICK, *op. cit.*, p. 90.

Alguns episódios são emblemáticos nessa construção taciteana, tais como: as intrigas palacianas, o adultério de Messalina, o casamento com Agripina e a ascensão de Nero. Todos estes acontecimentos são cercados de uma série de conspirações das esposas e dos libertos que acabavam por persuadir Cláudio a fazer o que lhes era benéfico. Assim tanto as mulheres de Cláudio como seus libertos eram possuidores de grande influência durante seu principado. Os historiadores modernos reforçaram essa visão de Cláudio como um fraco manipulado. Mommsen, por exemplo, destaca como marca principal do Principado de Cláudio as interferências de mulheres e de seus assistentes em seu governo. Mommsen ainda afirma que havia disputas entre mulheres e libertos. Principalmente Narciso, que se opunha à Agripina, e por isso foi morto:

Dentre a impenetrável multidão de libertos ao redor do imperador o *a litteris* (secretário da correspondência), Narciso, era o mais proeminente. Como por acaso o tinha como um homem altamente talentoso. Embora não existisse nenhuma tradição para este efeito, parecia que Narciso conduzia o Estado. Nós encontramos casualmente ele em todos os lugares - em ambas políticas, domésticas e estrangeira, políticas familiares e políticas de serviços públicos. Este era Narciso que superou os problemas da expedição da Bretanha, ele que persuadiu por todos os lados o legado de Messalina e se opôs a Agripina. Seria errado insinuar que ele não abusou de sua influência, e novamente é necessário aqui: sua fortuna pode ter sido feita de uma maneira inteiramente honesta. Narciso protegeu o Imperador de suas esposas e por último, antes de sua morte sobre Nero, queimou toda sua correspondência para impedir uma onda de perseguições. Ele sem dúvidas sabia como explorar do melhor modo a natureza do Imperador para seus próprios fins. Ao seu lado estava Calisto, que como *a libellis* examinava as petições, e Palas, o tesoureiro (*a rationibus*), este último, junto com Agripina, levou à queda de Narciso. Todos estes eram libertos.¹⁴⁵

Podemos fazer uma divisão imaginária dos *Anais* em duas partes. A primeira corresponderia ao apogeu de Messalina e sua queda (que corresponderia ao Livro XI) e a outra à ascensão de Agripina (que corresponderia ao XII). Sobre Messalina, terceira esposa de Cláudio, logo na parte que inicia o relato que nos chegou do livro XI podemos ver um intriga da imperatriz para derrubar tanto Válerio Asiático como também Popéia, que despertava ciúmes em Messalina. Essa passagem mostra como as intrigas de Messalina afetavam Cláudio, e como ela se aproveitava do caráter fraco de Cláudio para conseguir manipulá-lo. Tácito neste episódio mostra que a capacidade de persuasão de Messalina sobre Cláudio era muito grande, e que isso influenciava suas

¹⁴⁵ MOMMSEN, T. *A History of Rome under Emperors*. London: Routledge, 1999, p. 140.

ações de governo. Messalina, abusava de sua feminilidade para assim conquistar a influência sobre o marido. Mais adiante nos relatos do livro XI, Tácito inicia o momento da queda de Messalina ao falar sobre o adultério com Sílio.

Com efeito, era tal violência do amor que havia concebido por Caio Sílio o mancebo mais gentil de toda a mocidade romana, que até o obrigou a separar-se da esposa Júnia Silana, matrona muito distinta, só para exclusivamente o gozar [...] Porém Messalina, que se aborrecia com tudo o que era mistério e segredo, começou a ir visitá-lo à sua casa com toda a pompa e publicidade; a passear em sua companhia, e a enchê-lo de honras e riquezas; e por fim, como se o amante já fosse o verdadeiro imperador, entraram-se também logo a ver em roda dele escravos e libertos, e todo o mais cortejo e magnificência.¹⁴⁶

Pelo relato de Tácito, fica difícil acreditar que Cláudio desconhecesse os adultérios de Messalina. A sociedade romana era uma sociedade que girava em torno dos rumores. Um escândalo como este, ainda mais tendo como assunto a *Domus Caesaris*, certamente logo tomou a boca do povo de Roma, e a casa imperial estando no foco dos rumores, certamente o Imperador foi informado sobre tal rumor. Ainda assim, na abertura do capítulo seguinte Tácito diz que Cláudio ignorava as ações de Messalina. Isso leva estudiosos a pensarem sobre a razão de Tácito dissertar sobre esse acontecimento. Segundo Joshel:

Tentativas para escrever sobre as palavras de Messalina, motivos e ações depararam-se com um problema geral de interpretação familiar dos classicistas: as ações determinaram para agentes nas fontes antigas depende de estratégias retóricas de autores masculinos (Baldwin 1972; Rutland 1978; Kaplam 1979; Syme 1981; Vinson 1989). Especialmente importante para entender Messalina, as fontes antigas são pouco seguras sobre seu mau comportamento sexual. O adultério é um lugar-comum da inventiva política, desvio sexual um tropo da sátira (Richlin 1981, 1983, 1984, 1992a; Vinson 1989; Edwards 1993; 35-36, 57). Expondo as impropriedades e as falhas lógicas das fontes romanas, estudiosos tem provocado a partir de itens espalhados nas fontes uma história que satisfaz um moderno cânone de objetividade. Em alguns casos a atividade sexual tem sido traduzida literalmente dentro da atividade política: "supostos amantes" tem sido lidos como políticos "aliados" (Levick 1975, 33; ver também 1976).¹⁴⁷

¹⁴⁶ TAC. *Ann.* XI, 13. nam in C. Silius, iuventutis Romanae pulcherrimum, ita exarserat ut Iuniam Silanam, nobilem feminam, matrimonio eius exturbaret vacuoque adultero poteretur. neque Silius flagitii aut periculi nescius erat: sed certo si abnueret exitio et non nulla fallendi spe, simul magnis praemiis, operire futura et praesentibus frui pro solacio habebat. illa non furtim sed multo comitatu ventitare domum, egressibus adhaerescere, largiri opes honores; postremo, velut translata iam fortuna, servi liberti paratus principis apud adulterum visebantur. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

¹⁴⁷ JOSHEL, Sandra. Desire and the Discourse of Empire: Tacitus's Messalina. *Signs*, Vol. 21, No. 1, 1995 p. 56.

A construção que Tácito elabora é bem mais complexa que simplesmente uma “adolescente ninfomaníaca”. A representação que Tácito montou era de um acontecimento que transcendia o adultério. Tratava-se da possibilidade de um imperador ser derrubado por uma mulher, sendo substituído por seu amante. A crítica de Tácito a Cláudio por ignorar as ações de sua mulher não só destaca o fraco desempenho do mesmo em ser um bom *pater familias*, mas claramente diz que esta fraqueza o definia como mal imperador. Por um período, o assunto do adultério de Messalina é esquecido dentro dos Anais Claudianos e é retomado no capítulo XXVI. Essa retomada ocorre logo após o episódio em que é votada a entrada dos membros da elite da Gália Comata no Senado e Cláudio ser agraciado com o título de *Pater Senatus*. As palavras de Tácito são as seguintes: “esta foi também a época em que finalizou sua ignorância sobre os crimes da mulher; porque passado pouco tempo se viu obrigado a conhecê-los, porém a castigá-los” (TAC. *Ann.* XI, 25). A partir desse momento Tácito narrou uma sucessão de fatos que levaram à queda de Messalina. Mas, o que fica mais evidente são os recursos usados pelo historiador para sugerir o caráter fraco de Cláudio. Em uma ocasião em que Cláudio se ausentara para realizar sacrifícios em Óstia, Messalina e Sílio realizaram suas núpcias, em público para que não fosse segredo a ninguém. Neste momento, entram na narrativa os libertos. Diante do medo de serem descartados por Messalina quando Sílio assumisse o posto imperial e de perderem a influência que tinham na corte claudiana, os libertos dialogam sobre qual atitude tomar diante de tais acontecimentos. Narciso, um dos libertos mais influentes toma a dianteira nas decisões e opina por avisar Cláudio do ocorrido com a ajuda de duas concubinas que já possuíam um contato com Cláudio. Depois que ambas confirmam o adultério, Cláudio questiona Narciso:

Que nem mesmo agora lhe revelava os adultérios de Messalina e de Sílio para lhe fazer recobrar as riquezas, os escravos, e todo mais aparato da Casa Imperial, porque embora de tudo isto gozasse o adúltero com tanto que restituísse a esposa, e anulasse o seu contrato de casamento. Com efeito, concluiu ele, sabes tu já, ó César, que estás repudiado? O povo, o senado, e o exército viram as núpcias de Sílio, se tu tardas um instante, o novo marido vai ser senhor de Roma.¹⁴⁸

¹⁴⁸ TAC. *Ann.* XI, 30 - nec nunc adulteria obiecturum ait, ne domum servitia et ceteros fortunae paratus reposceret. frueretur immo his set redderet uxorem rumperetque tabulas nuptialis. 'an discidium' inquit ' tuum nosti? nam matrimonium Sili vidit populus et senatus et miles; ac ni propere agis, tenet urbem maritus.' Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

Imediatamente Cláudio reuniu um concílio de amigos e o Chefe da Guarda Pretoriana, Lúcio Geta e buscou um jeito de manter a segurança de seu posto e reafirmar ao Senado e aos exércitos que ele ainda era o imperador. Mais uma vez, Tácito deixa claro através dessa passagem que a questão não gira em torno apenas de Cláudio e Messalina, mas sim da *Domus Caesaris* e de quem ficaria no comando desta, que representava o governo do Império de Roma. É durante este episódio que Tácito escancara ao seu leitor o maior grau de fraqueza de Cláudio, que atônito com a situação permite que seu liberto Narciso tome a frente das ações: “Portanto Narciso, chamando a si todos os que tinham o mesmo receio, diz-lhe: ‘que o César não pode salvar se algum dos seus libertos, por aquele único dia, não tomasse o comando dos soldados’, e logo ele mesmo se oferece para aceitar este emprego” (TAC. *Ann.* XI, 33). Diante desta afirmação, Tácito reforça o caráter submisso de Cláudio com a seguinte afirmação: “A maior maravilha de toda esta cena era ver o silêncio de Cláudio, a distração afetada de Vitélio, e como tudo obedecia a um liberto!” (TAC. *Ann.* XI, 35). É uma mostra de servilismo às avessas. Pelo conceito de Sailor, na obra *Writing and Empire in Tacitus*, o servilismo seria ação de subserviência da sociedade romana para o imperador. Seriam ações tais como a *adulatio* a fim de receber as honras do Estado. Neste episódio, o centro de comando deixa de ser o imperador, e passa a ser um liberto. Mas, isso não significa que a estrutura de poder deixe de cercá-lo e de obedecer as suas vontades.

Como desfecho desse episódio, Tácito narra que Narciso mandara um centurião e um tribuno matarem Messalina, e que assim ordenara o imperador. Pelas palavras usadas pelo historiador quem toma a frente das ações é o liberto. Isto diferencia a perspectiva de Tácito da apresentada por Sêneca. Na sátira senequiana dá-se a entender que quem dá a ordem para matar Messalina é Cláudio, o que fica evidenciado no discurso de Augusto.

Após a queda de Messalina, Tácito começa o livro XII narrando a ascensão de Agripina. Segundo o historiador, os três libertos mais importantes da corte, começaram uma disputa para ver quem conseguiria uma nova esposa para Cláudio. Por trás desta disputa estava em jogo toda a influência que seria produzida por este casamento. Aquele que tivesse a pretendente aceita pelo imperador teria toda a gratidão da nova imperatriz, e assim manteria sua influência. A escolhida pelo imperador foi Agripina, sua sobrinha e filha de Germânico, que era a pretendente indicada por Palas. Apesar de Tácito relatar

sobre carícias e seduções, a escolha de Agripina girou por algo maior que isto: a união entre Cláudio e Agripina significava, enfim, a união definitiva entre o ramo dos *Claudii* e dos *Julii*. Além disso, Agripina carregava todo o prestígio do pai para com os exércitos. Enfim, foi uma tentativa de recuperar o prestígio frente à sociedade, mesmo essa relação se mostrando incestuosa.

Para legalizar a união vista como incestuosa, Agripina e Cláudio contaram com a ajuda de Vitélio que fazendo uso dos seus poderes de censor e visando obter os favores de Agripina foi ao Senado defender a união entre os dois, através de um discurso que mostrava a pureza e a importância dessa união. Mais uma vez, Tácito destaca o servilismo do Senado romano para com o imperador. Mesmo condenando as ações de Cláudio, o Senado acaba por aceitar a causa defendida por Vitélio. E, mais uma vez, estava formado o núcleo de influência sobre o imperador: Agripina e os libertos.

Desde esta época tomou nova forma a cidade: tudo obedecia a uma mulher, porém ao menos esta não insultava a República com as suas obscenidades, como fazia Messalina. Estabeleceu-se uma pesada escravidão que tinha todo caráter viril, mas no público havia muita austeridade, e até muitas vezes altivez e soberba; e no interior do palácio nenhuns adultérios, senão os que a política fazia necessários para assegurar a autoridade. A sede hidrópica de ouro era com efeito insaciável, porém ao menos também era com o pretexto de ser assim preciso para dar vigor ao governo.¹⁴⁹

Logo após se casar com Cláudio, Agripina começa a montar a sua zona de influência dentro da *Domus Caesaris*. Intercede junto a Cláudio pelo retorno de Sêneca, para ser tutor de seu filho Domício; pediu em 51 a substituição dos Chefes da Guarda Pretoriana, os quais ela considerava crias de Messalina, por Afrânio Burro; tratou de aumentar a inserção de seu filho na família imperial, pedindo ao imperador que sua filha, Otávia, se casasse com seu enteado, o futuro imperador Nero. Otávia já estava prometida a outra pessoa, Júnio Silano, que tinha acompanhado Cláudio na campanha da Bretanha. Por isso, Agripina arquitetou a queda de Silano. Começou nesse momento a ascensão de Agripina e Nero e a queda de Cláudio no relato taciteano. Para a queda de Silano, Agripina foi auxiliada por Vitélio, que acusou o rapaz de incesto com a sua irmã

¹⁴⁹ TAC. *Ann.* XII, 7 - versa ex eo civitas et cuncta feminae oboediebant, non per lasciviam, ut Messalina, rebus Romanis inludenti. adductum et quasi virile servitium: palam severitas ac saepius superbia; nihil domi impudicum, nisi dominationi expediret. cupido auri immensa obtentum habebat, quasi subsidium regno pararetur. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

Júnia Calvina. Ambos foram condenados e Silano se matou no dia das núpcias entre Cláudio e Agripina.

Ou seja, nesse momento Agripina ganhou grande proeminência e importância no Principado de Cláudio. Logo sua imagem e junto à de Cláudio é espalhada por todo o Império, demonstrando a importância da união¹⁵⁰. Assim como Messalina, Agripina buscou eliminar suas rivais ao mesmo tempo em que conspirava para que Cláudio adotasse seu filho Domício. Para isso, ela contou com a ajuda de Palas. Nas palavras de Tácito: “pela influência de Palas, o qual intimamente ligado com Agripina, ao princípio como instrumento de suas núpcias, e ao depois como amante e como adúltero, apertava com Cláudio que se não se esquecesse dos interesses da República” (TAC. *Ann.* XII 25). Ou seja, os problemas que já existiam com Messalina, continuam a existir com a entrada de Agripina na casa imperial: intrigas palacianas conduzidas por mulheres e libertos do imperador. Graças as suas ações, os mestres do outro filho de Cláudio também foram enviados para o exílio ou mortos. Assim, Agripina reforçava a caminhada de seu filho, que havia adotado o nome de Nero quando fora adotado por Cláudio, ao trono imperial. Através de Cláudio veio a receber a permissão do Senado em 51 para poder exercer o consulado tendo apenas 20 anos, e ser agraciado com o título de *Princeps Iuventis*¹⁵¹. Outra frase de Tácito já no penúltimo ano do principado retrata bem o que Tácito queria passar aos seus leitores: “No meio de tudo isso Cláudio era instigado a perpetrar mil crueldades pelos artifícios de Agripina”(TAC. *Ann* XII, 49). Ou seja, o que Tácito elabora como *imago* de Cláudio era de alguém facilmente manipulado dentro da família imperial.

3.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio

Além de ser caracterizado pela manipulação por mulheres e pelos libertos, Cláudio possui uma *imago* criada por Tácito com outros elementos, e diferentemente de Sêneca, o historiador pontua alguns bons aspectos desse imperador. Os elementos que se

¹⁵⁰ ANEXO 6 – *Sebasteion* New York University Excavation at Aphrodisias (Institute of Fine Arts, New York) e ANEXO 7 – Moeda de Cláudio e Agripina. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 130 (CLAUDIUS, 119).

¹⁵¹ ANEXO 8 – Nero como *Princeps Iuventis*. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p.131 (CLAUDIUS, 121).

desenrolam ao longo de toda a obra que vem a compor esta representação de Cláudio são tanto positivos quanto negativos, quais sejam: seu ar pedante e a mania de antiquário, sua mudança brusca de humor, sua tolice quando tratava de lidar com suas mulheres, o exercício da clemência, seu conservadorismo e regresso às tradições, sua frugalidade e seu caráter medroso.

O primeiro episódio em que Tácito disserta sobre o pedantismo de Cláudio é quando este exerce a função de censor. Nessa ocasião Cláudio acrescentou três novas letras ao alfabeto romano¹⁵². Sobre este episódio Griffin diz o seguinte:

E um capítulo anterior, nós podemos no máximo detectar um tipo genial de humor de humor no tratamento histórico da adição de três novas letras para o alfabeto por Cláudio (11.13-14) e suas tentativas, que ultimamente falharam, para estabelecê-las no uso regular. A ideia de Syme que Tácito estava zombando do pedantismo do Imperador é talvez confirmado pelo fato que sua dissertação omite toda indicação do porquê aquelas letras foram consideradas necessárias, um ponto que nós sabemos que Cláudio fez no livro em que ele tinha escrito sobre o assunto.¹⁵³

O tratamento dado por Tácito ao fato é de completo descaso. O próprio historiador recorda que estas novas letras caíram em desuso logo depois do Principado de Cláudio. Em outras passagens, podemos notar ações similares de Cláudio que foram rechaçadas pelo historiador como atitudes de pedantismo. Como exemplo, temos a passagem que Cláudio discursa sobre as raízes e a importância questura (TAC. XI, 22). Não que Tácito não admirasse a sua eloquência, mas, como já foi apresentado sobre a questão do ingresso de estrangeiros no Senado Romano, Cláudio por vezes construía argumentos excessivamente numerosos em um discurso bastante longo.

Sobre a brusca mudança de humor, Tácito destaca a discussão entre os libertos sobre o que fazer diante dos adultérios de Messalina. Eles pensam que deveriam agir com cautela, pois “Se ambos com tempo prevenissem o ressentimento de Cláudio, que tão facilmente se deixava enganar, como facilmente se irava” (TAC. *Ann.* XI 26). Calcando-se no aspecto moral e nas expectativas acerca do governante, esperava que este se baseasse na *severitas* para governar em oposição da *ira*.

¹⁵² ANEXO 9 – Letras de Cláudio.

¹⁵³ GRIFFIN, M. Claudius in Tacitus. *The Classical Quarterly*, Vol. 40, No. 2, 1990, p. 485.

Quanto ao fato de ser manipulado por suas mulheres e libertos já foi abordado no tópico anterior sobre a *Domus Caesaris*, mas vale constatar que esta manipulação existe pelo fato da tolice de Cláudio:

Na verdade, muito se assustavam quando traziam à memória a estupidez de Cláudio, a cega afeição que tinha por Messalina, e as muitas mortes que por ordem desta mulher já tinha perpetrado. Ao mesmo tempo cobravam algum ânimo com a mesma inconstância do príncipe porque se uma vez o chegassem a convencer da atrocidade do delito, então bem pouco dificultoso lhe seria dar cabo da adúltera antes que fosse julgada. Todo o perigo estava em que ela tivesse ocasião de defender-se; e por isso era absolutamente necessário impedi-la de falar com o marido, ainda mesmo quando dela pretendesse dar-se por culpada.¹⁵⁴

Tanto que na passagem em que os adultérios de Messalina são descobertos os libertos fazem de tudo para que Cláudio não tivesse contato novamente com a esposa adúltera, porque isso poderia levar a amolecer seu coração, que era sabidamente manipulado por ela com facilidade.

Outra característica que Tácito não deixa de atribuir a Cláudio é a clemência. Em três ocasiões nos *Anais Claudianos* é citado o uso da clemência por parte de Cláudio. A primeira é no episódio da condenação de Valério Asiático (TAC. *Ann* XI,3). Ao deixar que Asiático se matasse, salvando o restante de sua família de cair na ruína, Cláudio mostra sua clemência diante do acusado de *maiestas*. Diante de todo o sentimento de injustiça que permeia este capítulo, onde Tácito coloca a condenação de Valério como obra de manipulação de Messalina e de outros libertos, fica pouco evidente qualquer clemência de Cláudio. Outra ocasião que a clemência de Cláudio é citada está no livro XII, onde Caractaco pede clemência para sua mulher e filhos. O ponto negativo aqui deste exercício da clemência é o fato de tão nobre virtude romana ter sido lembrada por um bárbaro. Porém, Cláudio não se recusa a exercê-la. Em mais uma passagem dos *Anais Claudianos*, Tácito alega o uso da clemência por Cláudio. Fúrio Escriboniano e sua mãe foram acusados de consultar os mistérios dos Caldeus sobre a morte de Cláudio. Isso era considerado um crime. Cláudio condenou Escriboniano ao desterro. A mãe se encontrava nessa condição. O pai de Escriboniano

¹⁵⁴ TAC. XI, 28 - subibat sine dubit, metus reputantis hebetem Claudium et uxori devinctum multasque mortes iussu Messalinae patratas: rursus ipsa facilitas imperatoris fiduciam dabat, si atrocitate criminis praevaluissent, posse opprimi damnatam ante quam ream; sed in eo discrimen verti, si defensio audiretur, utque clausae aures etiam confitenti forent. Trad. CARVALHO, J. L. Freire de

foi o general Camilo, revoltoso da Dalmácia logo no início do Principado de Cláudio. Este episódio faria parte do início do livro XI que se perdeu. Entretanto, através de outras fontes, como Dião Cássio, sabemos que a revolta de Camilo foi um grande desastre porque no meio do conflito o exército o abandonou e ele se viu obrigado a tirar a própria vida¹⁵⁵. Cláudio não cometera naquele instante perseguições à família de Camilo, e do mesmo modo agira quando o filho cometeu crime considerado semelhante.

A covardia de Cláudio é apresentada em todos os momentos em que Tácito está apresentando alguma grande conspiração. Como a parte que nos chegou dos *Anais Claudianos* tem como início no ano de 47, perdemos vários momentos em que Tácito poderia ter destacado essa característica da *imago* de Cláudio. Porém, na parte que chegou até nosso conhecimento, há um episódio que possibilitou também ao historiador destacar tal característica. Depois que Narciso confirma a Cláudio os adultérios de Messalina, Tácito destaca o comportamento do imperador completamente sem *firmitas*: “È um fato constante, que tamanha era a confusão pavorosa de Cláudio, que por muitas vezes perguntara: se ainda era príncipe, e Sílio um simples particular”. (TAC. *Ann.* XI, 31). Tácito aponta para a covardia de Cláudio, comportamento este que não condizia para alguém que estava na posição de comando do Império.

Por fim, Tácito enaltece o fato de Cláudio por vezes trazer tradições romanas de volta ao uso em seu tempo. Tácito como historiador avalia isso como algo benéfico, porém age com ressalva em alguns pontos. Por exemplo, nos discursos de Cláudio, o historiador prefere omitir alguns desses *exempla* históricos que Cláudio cita, ou pelo fato de serem utilizados na visão do historiador como algo errôneo ou por avaliar que em seu tempo (Principado de Trajano e Adriano) aquilo que Cláudio falara não tinha o mesmo sentido que antes. As preocupações de Cláudio em restaurar o colégio dos arúspices (TAC. *Ann.* XI, 15), a renovação dos ritos *augurium salutis* que, segundo Tácito, em um espaço de 25 anos haviam caído em esquecimento e a ampliação do *Pomerium*. Todos estes atos são vistos por Tácito como algo positivo no Principado de Cláudio.

3.3 Conclusão

¹⁵⁵ DioCas. LX, 15.3-4.

Conclui-se que, diferentemente da intenção de Sêneca, Tácito criou a *imago* de Cláudio não para gerar uma *damnatio memoriae*, mas sim para relatar ao seu tempo os erros que as dinastias anteriores haviam cometido. Assim a *imago* desse imperador ficou caracterizada por alguém fraco e facilmente manipulado. Ambas representações, de Sêneca e de Tácito, se caracterizam por serem compostas de elementos do âmbito público, como por exemplo a relação de Cláudio com o Senado e com os exércitos, e do âmbito privado quando a política é deslocada para o âmbito da *Domus Caesaris*. É evidente que a diferença de tempo entre os escritores é um fator que contribuiu para gerar uma *imago* diferente. Tácito já sabe da derrocada de duas dinastias, não só a Júlio-Cláudia, mas também a Flávia; Sêneca tinha em Nero um imperador consolidado no poder.

Tácito também não possuía empecilho para falar de todos os membros da *Domus Caesaris* e quais suas contribuições para que o Principado de Cláudio tenha dado errado. Ao contrário de Sêneca, Tácito pode determinar a culpa de mulheres, libertos, conselheiros e do próprio Cláudio nos erros que contribuíram para a péssima representação de Cláudio e de seu governo. Assim, foi possível para Tácito gerar uma *imago* de um Cláudio manipulado em contraposição a de tirano gerada por Sêneca.

Longe de Tácito ter seguido totalmente as próprias palavras que coloca no Proêmio do Livro I dos Anais, de fazer uma história imparcial, sem ódios nem afeições. Mas, o historiador pode falar tanto dos erros do Principado de Cláudio, quanto dos fatores positivos no governo e na figura do Imperador. Isso decorre também da intenção de Tácito, de criticar como as dinastias anteriores à Antonina falharam, e não apenas criticar a figura de Cláudio, como era o objetivo de Sêneca. Os recursos retóricos usados por Tácito são importantes para gerar todos os elementos que o historiador deseja para compor a *imago* de Cláudio.

4 SUETÔNIO E A INAPTIDÃO DE CLÁUDIO PARA O PRINCIPADO

4.1 Suetônio e o Principado.

Caio Suetônio Tranquilo nasceu em 70. Filho de equestre, seu pai era um tribuno pertencente à XIII Legião estacionada em Bedriacum. Não se sabe ao certo qual seria a real origem de seu pai. Alguns dados apontam que Suetônio Léto era de Pisaurum na Umbria, outros apontam que era de Hippo Régio na Numídia. Ou seja, diferentemente dos dois autores analisados anteriormente, Suetônio não possui um passado senatorial, mas sim equestre. Esse será um dos fatores norteadores de sua obra.

Grande parte das informações que podemos colher de Suetônio está nas cartas de Plínio, o Jovem. Sabemos que estes dois autores e Tácito mantinham um grupo intelectual, assim podendo imaginar que mantinham contato e trocavam experiências sobre suas obras. Através de Plínio, o Jovem sabemos que em 97 Suetônio está estabelecido em Roma e que está exercendo a advocacia. Suetônio continuou seguindo seu *cursus honorum* com status de equestre, e viajou para a Bretanha sob patronato de um tribuno militar, provavelmente em 102. Em 110, teria acompanhado Plínio até a Bitúnia como membro do governo provincial.

Nos últimos anos do governo de Trajano e no Principado de Adriano alcançou os postos mais altos no *cursus honorum* equestre chegando a acumular três cargos na administração imperial: *a studiis*, *a bibliothecis* e *ab epistulis*. Todos estes cargos estavam envolvidos com os arquivos imperiais, o que proporcionou a Suetônio o conhecimento de um grande número de fontes. Aliás, este último cargo proporcionou a Suetônio acompanhar Adriano em uma viagem que visitou a Gália, a Germânia e a Bretanha em 121-122.

Por razões desconhecidas, foi destituído do cargo, assim como o Prefeito do Pretório C. Setício Claro, ao qual foi dedicado a obra *De Vita Caesarum*. Presume-se

que tenha morrido por volta do ano 130, mas nada mais foi conhecido sobre sua carreira pública desde sua destituição dos postos na corte imperial.

Além de *De Vita Caesarum* (Sobre a Vida dos Césares), conhecemos outra obra de sua autoria. Seguindo o mesmo estilo literário, Suetônio compôs *De viris illustribus* (Sobre os homens ilustres), que traz biografias de grandes escritores romanos dividido por categorias estilísticas: gramáticos e retores, poetas, oradores, historiadores e filósofos. Acredita-se que tenha sido escrito antes da Vida dos Césares. A obra era dividida em 25 vidas que presenciaram desde a época de Cícero e de Augusto passando por todo o Principado Júlio-Claudiano. Porém, esta obra possui uma série de lacunas em sua transmissão, tornando-a incompleta para o leitor moderno.

Vários trabalhos de Suetônio foram perdidos. Esse autor escreveu uma série de outras biografias sobre reis e cortesãos. Possuía também estudos complexos sobre instituições e seu funcionamento, dentre eles: os jogos gregos, o ano romano (calendário), os costumes romanos, espetáculos e cargos públicos. Também foi autor de uma série de estudos sobre tipos lexicográficos, sobre o nome das roupas, sobre os defeitos físicos, sobre os sinais do clima, sobre o nome dos mares e rios, e por fim um sobre o nome dos ventos. Todos estes trabalhos serão de grande ajuda na composição do “Sobre a Vida dos Césares”. A todo momento é possível perceber como o autor trata com minúcia os espetáculos, as instituições e, no caso de Cláudio, a sua descrição física, buscando detalhar seus defeitos. Isso faz com que se remeta a Suetônio como um antiquário, coletor de informações, sendo um senso comum na historiografia¹⁵⁶.

4.2 A perspectiva suetoniana do Principado de Cláudio

Para analisar a perspectiva de Suetônio sobre Cláudio e seu principado nos remeteremos à biografia de Cláudio que faz parte da obra maior suetoniana. A composição de “Sobre a Vida dos Césares” abrange a vida dos doze primeiros Césares: Divino Júlio César, Divino Augusto, Tibério, Caio Calígula, Divino Cláudio, Nero,

¹⁵⁶ BRADLEY, Keith R. *Suetonius*. In: HORNBLLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (Ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 1874.

Galba, Otho, Vitélio, Divino Vespasiano, Divino Tito e Domiciano. A escrita de forma biográfica sempre foi vista de forma menos nobre que a história, o que, principalmente Tácito, evidenciou ao compor os Anais. No entanto, hoje os estudiosos tem uma resposta para a escolha de Suetônio:

Nas Vidas dos Césares, Suetônio tem plena consciência do caminho que escolhe. Historiografia e biografia representavam modelos diferentes de abordagem. O método antigo dos anais revela-se desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores. Se, durante a República, se fazia história à volta da rotação anual dos cônsules, no Império, a unidade política é definida pelo tempo da duração de cada principado. Se, durante a República, prevalecia o *registro* dos acontecimentos e feitos levados a cabo pela comunidade do *senatus populusque Romanus*, com o advento do Império cresce o protagonismo da figura do princeps daquela coletividade: a pessoa do imperador, com os seus vícios e virtudes, torna-se o principal agente da história – e o *registro* biográfico impõe-se naturalmente. Nada se ganha já com o saudosismo da República. O senador Tácito ainda estabelece uma contraposição moralizadora entre passado e presente, virtude e decadência moral, mas a administração imperial evoluiu por um caminho que não tem retorno: a extensão do Império assim o exige. Suetônio, cavaleiro e funcionário imperial, é um produto da nova ordem instituída por Augusto, e escolhe um modelo que, à partida, assenta numa tradição diversa da dos historiadores. Tácito, empenhado na história de Roma do século I, acabara de escrever os Anais; Suetônio opta pela biografia, gênero mais humilde, mas mais adequado ao governo de um só homem. Por outro lado, o modelo biográfico suetoniano também se distingue do seguido por Tácito no seu *Agrícola*.¹⁵⁷

Talvez não seja somente a diferença de percepção e de status social que tenha conduzido Suetônio e Tácito a escreverem sobre praticamente sobre o mesmo período (Tácito inicia os Anais pela morte de Augusto) utilizando de estilos diferentes. Além dos estudos já mencionados anteriormente, Suetônio também teve acesso a uma série de fontes das quais ele fez uso durante a ocupação dos postos na corte imperial. As três magistraturas exercidas por ele – *a studiis*, *a bibliothecis* e *ab epistulis* – possibilitaram a ele estar a par de toda a informação do Império durante as duas dinastias estudadas. São fontes diferenciadas, assim proporcionando um trabalho com outro embasamento.

Sobre o estilo da biografia, os estudiosos classificam o tipo da biografia suetoniana como peripatética, que é um subgênero que busca evidenciar virtudes e vícios. Tende a obedecer a um esquema fixo, nascimento, juventude e caráter,

¹⁵⁷ BRANDÃO, José Luiz L. – *Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas Suetonianas*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), 2010, p. 15.

realizações e morte, acompanhado de uma reflexão moral. Contrapondo-se aos encomiastas, que biografavam figuras de conhecimento pessoal ou de um passado distante e lendário, assim tendo apenas um tratamento retórico, os biógrafos peripatéticos podiam escrever sobre figuras do passado ou também poderiam se ater a figuras contemporâneas. Mesmo assim, tendo esta classificação, os estudiosos classificam Suetônio como um biógrafo diferenciado:

Parece mais lógico supor que Suetônio seja o herdeiro de uma longa tradição do que siga um modelo único, e que adote elementos tradicionalmente gregos e tradicionalmente romanos: Suetônio era um conhecedor da cultura helênica e escreveu monografias em grego; mas também prezava, como veremos, a restauração de antigos costumes romanos. O próprio biógrafo, segundo o testemunho de Jerônimo, indica uma lista – ilustrativa, decerto, não exaustiva – dos seus predecessores gregos e latinos, o que contribui para equilibrar a balança das influências e das lutas entre a originalidade latina e a imitação dos Gregos: entre os latinos, menciona Varrão, Santra, Higino e Cornélio Nepos.¹⁵⁸

Suetônio como antiquário tem interesse nos padrões. Para ele a origem, a classe ou ordem social, e família são elementos importantes na composição das biografias. Nos imperadores, busca compreender como eles sustentam ou destroem o padrão tradicional de vida romano. Para isso, ele simplesmente não se baseia na administração, mas tenta analisar as diversas esferas de ação: militar, política, econômica, social e as preferências. Ele se concentra no impacto que cada *Caesar* tem sobre os costumes. Como Suetônio não foi um senador, ele não se prende ao conflito entre Senado e Imperador, ou Principado e *libertas*. Assim, sua análise do governo dos Césares se aproxima do tradicionalismo republicano.

Quanto ao aspecto militar, Suetônio dá real importância às campanhas nas quais o imperador em pessoa se apresenta no campo de batalha, ao contrário de Tácito que se alonga nos relatos sobre as diversas campanhas de cada principado. Mas mostra interesse e detalhismo quanto à disciplina no âmbito militar. Suetônio, também faz parte da época de Trajano, onde ficou viva no imaginário romano a figura do Imperador general, que seguia ao campo de batalha e liderava as legiões à vitória. As honras tanto militares quanto aquelas concedidas pelo Senado, na visão de Suetônio, não são desprezadas, mas devem ser geradas a partir de méritos reais.

¹⁵⁸ *Idem*, p. 22.

O mesmo ocorre na justiça. Suetônio não busca entender todas as instituições, mas analisa as ações dos imperadores sob a ótica do antiquário. Como antiquário, Suetônio tem uma predileção por restauração e tradicionalismo. Assim, imperadores que praticam ambas as coisas estão mais próximos de alcançar um bom retrato nas Vidas. Suetônio não está preocupado como é ou como funciona a relação com os diversos setores da sociedade, mas sim como os imperadores instruem o funcionamento das instituições e como são mantidas as ordens sociais.

Quanto ao controle da moral pública, o biógrafo se concentra em como os imperadores disciplinam os indivíduos, em especial da classe superior, que se comportam de maneira inadequada (no que tange práticas sexuais e financeiras) e, mais incisivamente, em regulações e inovações para barrar o comportamento imoral. O casamento na sociedade romana é sinal de status e de moralidade e Suetônio é cuidadoso quanto a isso. Para o biógrafo, o imperador é o sucessor do censor republicano.

Sobre as honras e cidadania, Wallace-Hadrill destaca o seguinte na obra de Suetônio:

Similarmente Cláudio, que figure em outras fontes como quem vendia cidadania por contas de vidro, aparece em Suetônio executando estrangeiros que apresentavam falsa alegação para a cidadania (25.3). O foco de sua atenção aqui é sobre que tipo de distinções o imperador concedido a que tipo de pessoas. Cláudio incumbiu-se de apontar ninguém para o Senado que não era de romano de terceira geração; mas voltou atrás na sua palavra ao apontar um filho de liberto, citando o censor Ápio, o Cego como precedente. Aqui o filólogo acerca de seu próprio, e declara o erro de Cláudio, já que *libertinus* nos dias de Ápio indicavam status servil e condecoração militar é outra questão: Cláudio deu condecoração consular para homens de status equestre e sem nenhum feito militar (15.2). Em ambos estes casos dizem respeito às qualidades inerentes da ordem social afastava qualquer senso de *amor proper* em um oficial equestre.¹⁵⁹

Ou seja, Suetônio não se atrela ao seu status social. Avalia a situação a partir da ação dos imperadores em relação à tradição, e não ao favorecimento de equestres em oposição aos senadores. Assim ações como Wallace-Hadrill destaca sobre Cláudio

¹⁵⁹ WALLACE-HADRILL, Andrew. *Suetonius*. London: Bristol Classical Press, 1995, pp. 136-137.

ganham outra conotação. Ao invés de ser visto como alguém que vendeu cidadanias (Sêneca) ou que foi alguém que enfrentou o Senado e deu um importante passo na história romana que culminou com os imperadores estrangeiros (Tácito), Suetônio analisa Cláudio pela tradição, se manteve ou não a ordem social.

Aliás, para o estudo da *imago* de Cláudio, Suetônio torna-se importante porque, além de ter uma visão diferenciada das demais – Sêneca e Tácito eram senadores –, Suetônio também é um antiquário como Cláudio. Assim, muitas das ações de Cláudio que para Sêneca e Tácito passam despercebidas ou não se mostram relevantes para seus objetivos, para o biógrafo tem relevância e são analisados criteriosamente. Também é importante o estudo de Suetônio, por abordar um tempo anterior à ascensão de Cláudio ao trono, assim passa a fazer parte da composição da *imago* fatores como a não preparação de Cláudio para a vida política romana, as influências durante a adolescência e a relação com a família imperial.

4.2.1 Perseguição e assassinato de senadores

Talvez Suetônio seja a fonte mais difícil de seguir a divisão proposta para a dissertação e já executada nos dois capítulos anteriores, justamente pelo trato dado por Suetônio às instituições. O biógrafo não enumera todos os senadores que foram perseguidos e assassinados a mando do imperador, mas narra a ação do imperador que levou aos infortúnios. Assim o fato narrado passa a ser pano de fundo para a análise moral de Cláudio.

A primeira menção sobre a relação de Cláudio com os senadores se dá logo após sua ascensão. O início do principado de Cláudio, segundo Suetônio é marcado pela consolidação do sistema político. Não realiza perseguições as quais achava realmente necessárias naquele momento para manter a ordem. O que indica uma alusão à *Pietas*. Também aqui nesta passagem é possível observar uma busca pelos valores de Augusto, assim como Momigliano afirma em seu estudo.

Firmado no poder, não teve outro pensamento senão apagar a lembrança dos dois dias em que hesitara na mudança da estrutura de

Estado. Promulgou um decreto em que se concedia o perdão e o esquecimento para tudo quanto havia sido feito e dito a este respeito e não voltou atrás. Mandou matar apenas alguns tribunos e centuriões acumpliciados na conjuração contra Caio Calígula, não só para exemplo, mas também porque sabia terem eles reclamado o seu próprio desaparecimento. Daí por diante, devotado inteiramente aos deveres de *pietas* (um respeito pela ordem natural social, política e religiosamente. Inclui as ideias de patriotismo e de dedicação aos outros), decidiu que não haveria para ele juramento mais sagrado, nem mais familiar do que o prestado ‘em nome de Augusto’.¹⁶⁰

Anterior a essa passagem o biógrafo narra toda a crise sucessória de Caio Calígula para Cláudio, onde o Senado, após a morte do primeiro, reuniu-se para decidir qual deveria ser o futuro de Roma, já que Calígula não havia deixado herdeiros ou indicado um sucessor ao trono. Além dos senadores que estavam envolvidos na morte de Caio Calígula outros se reuniram no Senado e várias foram as propostas para a política romana. Outro imperador eleito dentre os presentes e até mesmo o retorno à república foram apontados como soluções para o momento, mas como os senadores não chegavam a um consenso e as tropas armadas de Roma passaram a apoiar Cláudio, tiveram que acatar sua ascensão ao trono imperial. Para não causar maiores confusões e descontentamentos dentro do senado, Cláudio prefere medidas cautelares simples. Afinal, ele tinha que mostrar pulso e ser enérgico sem ser cruel e vingativo neste momento.

Em outra passagem mais adiante, Suetônio exalta o modo como Cláudio inicia seu governo, mantendo uma política pacífica e temerosa com o Senado, respeitando suas vontades e soberania, porém trazendo tropas para assegurarem sua segurança. Pelo modo simples e pelo respeito demonstrado à soberania senatorial, logo de início conseguiu agradar os diversos estratos da sociedade romana. Esta passagem confirma, em parte, os estudos de Momigliano ao falar sobre essa política pacífica com Senado.

Não reabilitou nenhum exilado sem autorização do Senado. Solicitou, como uma graça, que fosse permitido deixar entrar, ao seu lado, na cúria, o Prefeito do Pretório e os tribunos militares e, também, que se ratificassem as sentenças judiciárias dos seus procuradores. Pediu aos cônsules o direito de estabelecer mercados nos domínios privados.

¹⁶⁰ SUE. *Cl.* XI, 1-2 - Imperio stabilito nihil antiquius duxit quam id biduum, quo de mutando rei p. statu haesitatum erat, memoriae eximere. Omnium itaque factorum dictorumque in eo veniam et oblivionem in perpetuum sanxit ac praestitit, tribunis modo ac centurionibus paucis e coniuratorum in Gaium numero interemptis, exempli simul causa et quod suam quoque caedem depoposcisse cognoverat. Conversus hinc ad officia pietatis ius iurandum neque sanctius sibi neque crebrius instituit quam per Augustum. Trad: SADY-GARIBALDI

Assistiu, assiduamente, aos inquéritos dos magistrados, na qualidade de conselheiro, e quando davam eles espetáculos, levantava-se, como o fazia a multidão, à sua chegada e os saudava com o gesto e de viva voz. Pediu desculpa aos tribunos da plebe, que foram procurá-lo no seu tribunal, e, constrangido pela estreiteza do lugar, não poder ouvi-los senão de pé. Conseguiu de tal maneira, em pouco tempo, o amor e o favor público, que, ao anunciar-se, após a sua partida para Óstia, que perecera numa emboscada, os romanos, consternadíssimos, não cessaram de atirar ferozes anátemas aos soldados, classificados de traidores e aos senadores, tachado de parricidas, até várias pessoas mandadas pelos magistrados à tribuna róstrica garantiam que Cláudio estava são e salvo e já se avizinhava de Roma.¹⁶¹

No relato suetoniano, o início do Principado de Cláudio é marcado por uma relação amigável entre senado e imperador. Por esta passagem também é possível ver que logo Cláudio ganhou o favor popular. Na visão de Brandão, o início do principado claudiano é marcado pela *Pietas* e pela *Civilitas*. Mas, como o próprio autor irá indicar, o relato de Suetônio sobre Cláudio é marcado pela alternância entre aspectos positivos e negativos, tendendo para os últimos. Assim, para Brandão, Suetônio constrói a *imago* do imperador inapto, aquele que não possui nenhum mérito para estar ocupando aquele posto:

Cláudio apresenta, no início, uma imagem bastante positiva pela sua *pietas* (Cl. 11) e *ciuilitas* (Cl. 12). Mas enquanto a primeira não é contestada, a segunda é duvidosa: se, em 12.1, Suetônio apresenta o imperador como *ciuilis*, em 35.1, passa a apresentá-lo como «o que se gaba de ser modesto» (*iactator ciuilitatis*).¹⁶²

Demora algum tempo depois na biografia para aparecer novamente um desentendimento entre Senado e Cláudio. Primeiramente, Cláudio concede poderes de consulares a seus procuradores provinciais – que eram de status equestre – o que por si só já desagradou boa parte da elite senatorial. Depois cobrou que equestres que recusassem a dignidade senatorial tivessem cassada a dignidade equestre (SUE. Cl. XXIV, 1). Nessa passagem Suetônio apresenta como Cláudio buscou enfraquecer o

¹⁶¹ SUE. Cl. XII, 1-3 - Neminem exulum nisi ex senatus auctoritate restituit. ut sibi in curiam praefectum praetori tribunosque militum secum inducere liceret utque rata essent quae procuratores sui in iudicando statuerent, precario exegit. Ius nundinarum in privata praedia a consulibus petit. Cognitionibus magistratum ut unus e consiliariis frequenter interfuit; eosdem spectacula edentis surgens et ipse cum cetera turba voce ac manu veneratus est. Tribunis plebis adeuntibus se pro tribunali excusavit, quod propter angustias non posset audire eos nisi stantes. Quare in brevi spatio tantum amoris fauorisque collegit, ut cum profectum eum Ostiam perisse ex insidiis nuntiatum esset, magna cons-ternatione populus et militem quasi proditorem et senatum quasi parricidam diris execrationibus incessere non ante destiterit, quam unus atque alter et mox plures a magistratibus in rostra producti saluum et appropinquare con-firmarent. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁶² BRANDÃO, *op. cit.*, p. 175.

poder do Senado, em uma política de renovação do Senado, colocando novos membros na casa, até mesmo se estes não se encaixassem nos padrões censitários exigidos na época. Continuando a narrativa instável sobre a vida de Cláudio, Suetônio aponta para a mudança da administração provincial, retornando ao controle do senado as províncias da Acaia e da Macedônia que Tibério teria passado para controle do *Princeps* (SUE. *Cl.* XXV, 3).

Em resumo, a relação entre Cláudio e os senadores para Suetônio é marcada por uma alternância entre uma política ora de harmonia, ora de embate. Muitas das ações de Cláudio são para manter a paz entre o Senado, não executando os algozes de Caio Calígula num primeiro momento para não gerar novos rancores. Como foi dito anteriormente o biógrafo não fica discutindo a relação entre imperador e senado, mas o que o *Caesar* realizou para manter a ordem da instituição, e principalmente assegurar a moralidade dentro desta instituição.

4.2.2 Ações de Governo

Esta parte já desperta maior interesse do biógrafo. As ações de governo são narradas pontualmente e analisadas sob o viés da moral. A ascensão é o primeiro ponto sobre o qual Suetônio se debruçou para criar a *imago* de Cláudio. A ascensão de Cláudio é tida como inglória pelo biógrafo, que deixa isso claro ao falar que as ações que o levaram ao poder partiram da Guarda Pretoriana e não de uma vontade de Cláudio. Em todo o episódio, Cláudio se apresenta como um covarde. Foram os pretorianos que agiram, intimidando as coortes urbanas e os senadores para aceitarem a sua vontade. A gratidão de Cláudio é expressa através de uma gratificação:

[...] consentiu que os soldados armados prestassem, em assembleia, juramento em nome dele, prometendo a cada um quinze mil sestércios. Ele foi assim o primeiro dos Césares a comprar, a preço de ouro, a fidelidade dos soldados¹⁶³.

¹⁶³ SUE. *Cl.* X,4 - armatos pro contione iurare in nomen suum passus est promisitque singulis quina dena sestertia, primus Caesarum fidem militis etiam praemio pigneratus. Trad: SADY-GARIBALDI

Essa gratidão de Cláudio com a Guarda Pretoriana não ficou limitada à gratificação de 15 mil sestércios por soldado. É possível, através da numismática, perceber este favorecimento aos pretorianos¹⁶⁴. Aqui podemos julgar que Suetônio também dúvida da *fides* dos pretorianos. Em seu relato, eles não agem em prol de Roma, mas sim por seus próprios interesses imediatos. A Guarda Pretoriana era a escolta do imperador. Era a elite das forças armadas e tinha grande acesso ao *Princeps*. A falta de um imperador deixaria sem propósito a existência dessa guarnição. Por isso, eles agiram de tal forma. Cláudio era filho de Druso e irmão de Germânico, duas figuras louvadas dentro das legiões. Além disso, era tio de Caio Calígula, ou seja, tinha um parentesco dentro da *Domus Caesaris*.

Após ter se firmado no poder, Cláudio procura mostrar seus antecedentes como membro da família de Augusto, a fim de legitimar a sua presença no trono imperial. Primeiramente tenta associar seu governo ao de Augusto (SUE. *Cl.* XI, 1-2). Após isso tratou de enaltecer todo o seu ramo familiar:

O próprio Marco Antônio (seu avô ou bisavô) não foi esquecido pelas honras e o respeito do seu reconhecimento. Fez saber, um dia, por meio de um édito, ‘que se empenhava tanto na celebração do aniversário do nascimento de Druso, seu pai, por ser o mesmo do seu avô Antônio’. Em homenagem a Tibério, concluiu o arco, em mármore, ao lado do teatro de Pompeu, monumento esse que lhe havia sido conferido outrora pelo Senado, mas que ficara todavia inacabado. Quanto a Caio Calígula, na verdade cassou-lhe todos os atos e proibiu de incluir o dia de sua morte no calendário das festas mesmo que este coincidissem com o advento do seu Principado.¹⁶⁵

Aqui Suetônio demonstra que Cláudio enaltecia o passado de sua família. Primeiro ao seguir os preceitos da política de Augusto, depois ao render graças a seu avô (Marco Antônio, adversário de Augusto no Segundo Triunvirato), também deu fim

¹⁶⁴ ANEXO 10 – Moedas de Cláudio *Imperii Recept.* ANEXO 11 – Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coins*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, pp. 124, 128 e 130 (CLAUDIUS, 66, 99 e 113). *Roman Imperial Coins*, p. 122 (CLAUDIUS, 20 e 23). Estas moedas são identificadas como sendo dos anos 43 e 44. No entanto, o *Roman Imperial Coins* também traz como referência 3 moedas dos anos de 41 e 42 com a mesma legenda da moeda utilizada de forma ilustrativa.

¹⁶⁵ SUE. *Cl.* XI,3 - Ne Marcum quidem Antonium inhonoratum ac sine grata mentione transmisit, testatus quondam per edictum, tanto impensius petere se ut natalem patris Drusi celebrarent, quod idem esset et aui sui Antoni. Tiberio marmoreum arcum iuxta Pompei theatrum, decretum quidem olim a senatu verum omissum, peregit. Gai quoque etsi acta omnia rescidit, diem tamen necis, quamvis exordium principatus sui, vetuit inter festos referri. Trad: SADY-GARIBALDI

a obra do arco em homenagem a Tibério. Relembrou seu pai. No entanto, tentou se afastar da memória de Calígula como Sêneca aponta em *Apocolocyntosis*.

Ao adotar a *Libertas* como virtude, como Gnechi diz, Cláudio "protestou contra o absolutismo fanático de seu predecessor Calígula." Mattingly apresenta isso positivamente: "É tipo uma promessa de um governo constitucional sobre o Imperador." Se a informação de Josefo da fala de Saturnino para o Senado imediatamente após a morte de Caio Calígula é confiável, então é possível ver quanto importante foi a ideia da *Libertas* naquela época. Ao passo que o Senado debatia que curso deveriam tomar seguir, Saturnino fala contra o tipo de tirania que os romanos tinham presenciado sob Caio, usando palavras liberdade não menos que nove vezes. Josefo segue dizendo que "liberdade" era dotada como senha nesta união de Chérea e os cônsules. A escolha de Cláudio da *Libertas* como uma de suas virtudes, então, parece ter acomodado esta disposição daqueles tempos e ter sido designado como engenhoso reforço das garantias que ele aparentemente deu ao Senado que ele não seria outro Caio Calígula.¹⁶⁶

Segundo Ramage, vários foram os símbolos utilizados nas moedas para contrapor o governo de Cláudio ao de Caio Calígula. Além da *libertas*, conhecemos *Pax, Concordia, Felicitas, Victoria, Salus, Pudicitia*¹⁶⁷, como outras virtudes expressas nas moedas do período claudiano que demonstravam oposição ao governo de seu predecessor.

Mais adiante no relato, Suetônio se dedica a falar sobre um dos pontos polêmicos do Principado de Cláudio:

No consulado ou fora dele, exerceu a justiça sempre com muito zelo, mesmo durante os dias solenes para si e para os seus e, muitas vezes, mesmo durante as festas e cerimônias religiosa remontavam à mais alta antiguidade. Não seguiu as leis letra por letra, mas regulou a severidade e doçura das penas pelo bem e pela justiça, segundo seus sentimentos pessoais.¹⁶⁸

Segundo Suetônio, Cláudio a teria exercido com zelo, porém sem seguir as leis ao pé da letra e que dosava a intensidade das penas pelos seus sentimentos pessoais.

¹⁶⁶ RAMAGE, Edwin. Denigration of Predecessor under Claudius, Galba, and Vespasian. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 32, H. 2, 1983), p. 202.

¹⁶⁷ ANEXO 11 – Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, pp. 124, 128 e 130 (CLAUDIUS, 66, 99 e 113).

¹⁶⁸ SUE. *Cl.* XIV,1 - Ius et consul et extra honorem laborio-sissime dixit, etiam suis suorumque diebus sollemnibus, nonnumquam festis quoque antiquitus et religiosis. Nec semper praescripta legum secutus duritiam lenitatemue multarum ex bono et aequo, perinde ut adficeretur, moderatus est. Trad: SADY-GARIBALDI

Outro ponto que, assim como em Sêneca, é destacado é o exercício da justiça nos dias sagrados, que segundo a tradição era algo desonroso. Suetônio parece amenizar as ações de Cláudio, porém acaba por recorrer das mesmas acusações de Sêneca e Tácito. Ou seja, o relato suetoniano continua com suas alternâncias, que marcam o Principado de Cláudio como uma inconstância. O relato segue a mostrar a inconstância como Cláudio agia nos julgamentos ao interpretar as leis seguindo sentimentos pessoais. No entanto, Suetônio aponta para uma falta de *severitas* por parte de Cláudio: “Além do mais, no exame dos negócios públicos e nas decisões a tomar, era de uma diversidade de humor espantosa: ora circunspecto e sagaz ora irrefletido e impetuoso, ora frívolo e quase inconsciente” (SUE. Cl. XV,1). Aqui, nessa passagem, Suetônio aponta para instabilidade de humor de Cláudio. Isso também é criticado pelas outras duas fontes por ir contra uma *severitas* aristocrática. A falta de um autocontrole é uma coisa servil. A falta de *severitas* é algo comum nos escravos, jovens e mulheres. Além disso, havia o problema de se ouvir apenas uma das partes e algumas testemunhas duvidosas como testemunhas (SUE. Cl. XV,4). Mas mesmo nesse ponto, há a alternância entre julgamentos vistos pelo biógrafo como bons, enquanto outros não.

Após essas passagens, Suetônio narra sobre o exercício da censura por Cláudio: “Exerceu, também, a censura, não exercida havia muito tempo, desde os censores Planco e Paulo. Exerceu-a, porém, com a mesma desigualdade, a mesma diversidade de humor e conduta” (SUE. Cl. XVI,1). Nesta passagem Suetônio mostra que não somente no trato da justiça Cláudio mostrava uma instabilidade de humor e conduta. Lembremos que a censura era tida como central na regulação dos costumes em Roma. É questionável que alguém que tinha recebido influências servis poderia oferecer bons costumes ao povo romano.

Faz parte do conceito “paternalista” do imperador uma função moralizadora, pautada, sobretudo pelo esforço de retorno aos costumes antigos. Diversas vezes se constata, nas Vidas, a necessidade de correção de uma sociedade que se afastou da virtude, sobretudo depois de períodos de guerras civis. Augusto, mais uma vez, é modelo: o que preconiza é o retorno ao *mos maiorum*. A ele se atribui uma série de medidas, adotadas ou reformuladas, que versam sobre a moralização da vida pública e privada: leis suntuárias, leis *de adulteriis et de pudicitia, de ambitu, de maritandis ordinibus* (Aug. 34.1). Numa perspectiva moral, mais do que propriamente racista, parece ser encarada a preocupação de Augusto em evitar a contaminação do sangue romano e a usurpação do direito de cidade: este tem de ser conseguido por mérito pessoal (*iustae causae*) e não,

por favor, a um cliente. Cláudio, além de proibir aos estrangeiros a utilização indevida de nomes romanos, pune com a decapitação os que usurpam a cidadania romana (Cl. 25.3). A mesma intenção se vislumbra no restauro do uso da toga, enquanto *uestitus pristinus* (Aug. 40.5).¹⁶⁹

Suetônio também se dedica a falar sobre os propósitos da campanha de Cláudio na Bretanha. Por essa passagem, Suetônio contrapõe Cláudio e seu pai Druso. Cláudio tenta ter a honra que seu pai teve. Ao mesmo tempo, Cláudio também visa igualar o feito de César. O estranho sobre os feitos militares de Cláudio é que Suetônio não cita nada sobre a campanha na Mauritânia. Aqui cabe o apontamento de Momigliano sobre a política de valorização do exército. O feito de Cláudio também é o feito do exército. Tanto que o feito é representado fortemente, como fora já ressaltamos no capítulo de Tácito, através de moedas, inscrições epigráficas e monumentos¹⁷⁰. No entanto, o biógrafo mostra que a campanha teve mais um lado enaltecido unicamente do imperador, ficando o fato de os habitantes da Bretanha terem se rebelado como um motivo secundário para a expedição:

Não realizou senão uma única campanha e, assim mesmo modesta. Foi quando o Senado lhe conferiu os ornamentos triunfais. Como se achasse esta distinção inferior à majestade do *Princeps* e desejasse uma honra de um triunfo real, escolheu de preferência, para o adquirir, a Bretanha, em que ninguém ainda pusera o pé, desde o Divino Júlio César, e que se sublevara.¹⁷¹

Dos capítulos XVIII a XX, o biógrafo se dedica a relatar sobre todo o programa de obras públicas de Cláudio durante seu principado. Segundo Suetônio, Cláudio sempre teve cuidados com a cidade de Roma e com o suprimento de grãos. O biógrafo conta um caso de um incêndio na Emiliana em que o imperador em pessoa foi ajudar as vítimas e convocou outras pessoas comuns que pudessem ajudar através dos magistrados (SUE. Cl. XVIII,1). Depois o biógrafo, narra que por conta de uma seca, o povo o cercou no Fórum atirando-lhe migalhas de pão e protestando. A multidão o seguiu até o Palatino, onde com muito custo conseguiu adentrar o palácio por uma das portas laterais (SUE. Cl. XVIII,2). Para sanar este transtorno fez diversos acordos com

¹⁶⁹ BRANDÃO, *op. cit.*, pp. 372-373.

¹⁷⁰ ANEXO 12 – *Sebasteion* Cláudio conquistando a Bretanha *Sebasteion* New York University Excavation at Aphrodisias (Institute of Fine Arts, New York)

¹⁷¹ SUE. Cl. XVII,1 - Expeditionem unam omnino suscepit eamque modicam. Cum decretis sibi a senatu ornamentis triumphalibus leviolem maiestati principali titulum arbitretur velletque iusti triumphus decus, unde acquireret Britanniam potissimum elegit, neque temptatam ulli post Diuum Iulium et tunc tumultuantem ob non redditos transfugas. Trad: SADY-GARIBALDI

os mercadores de grãos para trazerem grãos a Roma, mesmo estando no inverno, a fim de acalmar a plebe, assegurando os lucros dos comerciantes e assumindo qualquer perda que estes tivessem e deu incentivos à construção de grandes navios mercantes. Estendeu a todos os latinos a cidadania romana, e rendeu privilégios às mães de 4 filhos, e a exceção da lei *Papia Poppaea* (SUE. Cl. XIX,1).

Sobre as obras públicas Suetônio diz que as obras de Cláudio não foram numerosas, no entanto, foram grandiosas e essenciais para a *Urbs*. As mais marcantes foram o término dos aquedutos iniciados no governo de Caio Calígula: *Anius Novus* e *Acqua Claudia*¹⁷². Segundo o biógrafo eles foram dotados de grandes arcos e distribuía água potável por toda Roma através de várias fontes ornamentadas (SUE. Cl. XX,1). Outra obra de Cláudio foi a drenagem do lago Fucine, que renderia várias terras cultiváveis, além de supostamente gerar uma ligação direta entre a região e o acesso ao porto de Óstia. Este empreendimento, graças ao relevo se mostrou muito complicado e foram necessários 30 mil homens trabalhando sem interrupções (SUE. Cl. XX,2). Por fim, a última obra e de grande importância: a reforma do Porto de Óstia. O porto de Óstia era o principal acesso de grãos vindos de todas as partes do Mediterrâneo a Roma, e seu tamanho não era suficiente naquele momento para suprir as necessidades da *Urbs*. Cláudio, empregando um projeto já levantado por Júlio César (SUE. Cl. XX,1), ampliou este porto e mandou trazer do Egito um grande obelisco, além de erguer uma torre para funcionar de forma semelhante ao Farol de Alexandria (SUE. Cl. XX,3). É marcante nessa passagem que não há grandes luxos, não são obras que trariam glória a Cláudio, mas que supriam as necessidades da cidade sem contar com muito requinte. Além disso o biógrafo deixa claro que o empreendimento tem um significado maior, principalmente no caso do Porto de Óstia em que Cláudio segue o modelo de reforma de Júlio César. Nesse momento, o relato suetoniano tende a tomar partido da *frugalitas* de Cláudio e de como este honrou seus antepassados.

Como já dito anteriormente, Suetônio tem grande apreço pelos espetáculos. Na Vida de Cláudio ele fala sobre o gosto do imperador por este tipo de entretenimento:

Ofereceu-lhe, também, numerosos espetáculos triviais nos locais de costume. Imaginou e fez reviver os de antigamente e em locais onde ninguém, antes dele sonhara realizá-los. Nos jogos para a consagração

¹⁷² ANEXO 13 – *Acqua Claudia*.

do teatro de Pompeu, vítima em outro momento de incêndio, mas reconstruído por ele, o sinal foi dado de uma tribuna colocada na orquestra, após haver ele oferecido um sacrifício nos templos que dominavam o teatro e ter descido, passando entre a assembleia sentada e silenciosa. Celebrou também os jogos seculares. Achava que Augusto antecipara a restauração desses jogos ao invés de reservá-los para o tempo prescrito não obstante ter ele próprio declarado nas suas memórias ‘que Augusto, decorrido muito tempo após sua interrupção, os havia repostos no seu lugar, calculando os anos com exatidão’. Foi entre risos que acolheu a voz do vociferador, convidando, de acordo com o uso solene, ‘para os jogos que ninguém mais vira, nem nunca mais veria’, pois sobreviviam ainda pessoas que haviam assistido aos antigos espetáculos e alguns dos atores que tomavam parte neles eram os mesmos que tinham figurado em outrora.¹⁷³

Pelo relato de Suetônio, foram numerosos os espetáculos realizados durante o Principado de Cláudio e muitos desses seguindo costumes antigos, o que é visto com bons olhos pelo biógrafo. No entanto, a alternância entre boas e más ações de Cláudio continuam. Ao falar sobre a realização dos Jogos Seculares, o biógrafo analisa Cláudio por uma ação pedante, ao contestar as datas previstas e realizar os jogos em seu tempo, contrariando os cálculos de Augusto, que já realizara esses jogos durante seu governo também. Ao falar sobre a realização dos Jogos à multidão, foi alvo de chacota ao afirmar que os presentes nunca haviam visto ou veriam tamanho espetáculo. Porém, havia pessoas ali presentes que já os haviam presenciado no tempo de Augusto. Este recurso da alternância entre fatores positivos e negativos de Cláudio, tendendo sempre para os mais depreciativos é um recurso abundante na Vida de Cláudio. A *imago* de Cláudio é altamente elevada para depois ser arremessada para o mais profundo ridículo.

As qualidades do caráter de Cláudio são exemplificadas sobretudo com exemplos que nos transportam para o mundo da comédia, como veremos a seguir, e lançam sobre Cláudio a imagem, injusta, de um incompetente¹⁷⁴.

Suetônio dedica-se a descrever várias gafes dadas por Cláudio nesses espetáculos. Suetônio apresenta que neste domínio, como em todos os demais, Cláudio

¹⁷³ SUE. *Cl.* XXI, 1-2 - Spectacula quoque complura et magnifica edidit, non usitata modo ac solitis locis, sed et commenticia et ex antiquitate repetita, et ubi praeterea nemo ante eum. Ludos dedicationis Pompeiani theatri, quod ambustum restitverat, e tribunali posito in orchestra commisit, cum prius apud superiores aedes supplicasset perque mediam caueam sedentibus ac silentibus cunctis descendisset. Fecit et saeculares, quasi anticipatos ab Augusto nec legitimo tempore reservatos, quamvis ipse in historiis suis prodatur, intermissos eos Augustum multo post diligentissime annorum ratione subducta in ordinem redegit. Quare vox praeconis irrita est inuitantis more sollempni ad ludos, quos nec spectasset quisquam nec spectaturus esset, cum superessent adhuc qui spectaverant, et quidam histrionum producti olim tunc quoque producerentur. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁷⁴ BRANDÃO, *op. cit.*, p. 251.

demonstrava a sua instabilidade de humor e que nesses momentos ele não conseguia esconder seus defeitos físicos que tanto se esforçava para ocultar. Em uma naumarquia os participantes resolveram não combater, o que fez Cláudio sair da tribuna na qual assistia ao espetáculo e ir de encontro aos combatentes de forma desengonçada devido seu coxear. O episódio é dado com um ar farsesco a fim de ridicularizar Cláudio.

Depois Suetônio trata da reforma religiosa elaborada por Cláudio. Sob a ótica de Suetônio, a reforma de Cláudio é vista com bons olhos já que este tentou reviver os cultos antigos e se afastou dos cultos estrangeiros: Reforçou certas práticas nas cerimônias religiosas, na vida civil ou militar, assim como na condição de todas as ordens, interna ou externamente: revivendo velhos costumes (instituições) e estabelecendo outros (as) novos (as) (SUE. *Cl.* XXII, 1). Exercia os cultos públicos de forma disciplinada. Segundo estudo de Ryan, Cláudio enxergou na censura um modo de se aproximar do passado tradicional dos *Claudii*, já que um dos grandes censores da República havia sido Ápio Cláudio:

A esfera da religião oferece outro paralelo. Tradição creditada à Ápio Cláudio com aumento do papel do Estado na religião: a culto de Hércules no Ara Máxima, hereditariamente entre os Potittios, foi transferido aos escravos do Estado. Esta era a História Romana que Cláudio teria aprendido nos joelhos de Tito Lívio, queria ou não era correto em todos os detalhes. em 47 o censor imperial garantiu um decreto senatorial no qual ordenava aos sacerdotes determinar que instituições de arúspices precisavam ser mantidas ou apoiadas. O decreto pareceu ter trazido as harúspices para o controle oficial e ter organizado e os reorganizado em um colégio. Como seu antecessor, o censor imperial reduziu a importância dos indivíduos privados na religião pública e aumentou a do Estado.¹⁷⁵

Após falar da religião, Suetônio volta a dar exemplos de como Cláudio agia na administração da justiça. Suetônio continua a demonstrar a política centralizadora de Cláudio. Aqui ele aponta para a reformulação da política de cobrança de impostos. Outro ponto que merece ser destacado é o cancelamento da separação entre meses de inverno e de verão (SUE *Cl.* XXIII,1). Na passagem seguinte ele fala sobre a concessão de poderes consulares aos seus procuradores provinciais, dilapidando assim o poder do Senado. No entanto, como o foco de Suetônio não está na tensão entre Imperador e Senado ele simplesmente passa por cima desse fato.

¹⁷⁵ RYAN, F. X. Some Observations on the Censorship of Claudius and Vitellius, A.D. 47-48. *The American Journal of Philology*, Vol. 114, No. 4, 1993, pp. 614-615.

Reduziu novamente à servidão os ingratos e aqueles de quem se queixavam os patronos e declarou a seus advogados que não faria justiça contra os libertos deles. Alguns cidadãos, que não queriam dar-se o incômodo de cuidar deles, abandonavam seus escravos doentes na ilha do Esculápio. Em vista disso, baixou um decreto, determinando que todos aqueles que haviam sido abandonados podiam considerar-se livres e que, embora curados, não mais recairiam sob o poder dos antigos senhores. Acrescentou mais: que se houvesse alguém que achasse melhor matar o escravo do que abandoná-los, fosse acusado de homicídio.¹⁷⁶

Nessa passagem, Suetônio mostra um senso de *humanitas* de Cláudio ao se preocupar tanto pelos nobres que se viam ofendidos por seus libertos não lhe prestarem honras, quanto pelos escravos doentes que eram abandonados à morte pelos seus senhores. Ainda, assegurou que fosse considerado crime caso algum senhor viesse a matar o escravo doente.

4.2.3 A *Domus Caesaris*

A *Domus Caesaris* no relato suetoniano tem como objetivo mostrar a origem de Cláudio, no sentido que foi qualificado por Brandão através da ideia do “imperador inapto”. Na primeira passagem que remete à família de Cláudio, Suetônio ao falar sobre a vida do pai de Cláudio, Druso, destaca os feitos militares e políticos deste. Assim, faz uma contraposição com o desempenho de Cláudio que sempre possuiu um *cursus honorum* medíocre, e que se tornou Imperador como que por acaso. Mas ao dar um destaque especial as feitos militares de Druso, o autor enfatiza a importância da carreira militar para a aristocracia romana (SUE. *Cl.* I). Porém, logo em seguida, o Suetônio fala de rumores que Druso teria vontade de restabelecer a *Res publica*, e que este motivo teria levado Augusto a assassiná-lo. Mas, mesmo Suetônio não acredita por completo na pertinência desta versão:

¹⁷⁶ SUE *Cl.* XXV, 1-2 - ingratos et de quibus patroni quererentur revocavit in seruitutem advocatisque eorum negavit se adversus libertos ipsorum ius dicturum. Cum quidam aegra et adfecta mancipia in insulam Aesculapi taedio medendi exponerent, omnes qui exponerentur liberos esse sanxit, nec redire in dicionem domini, si conualuissent; quod si quis necare quem mallet quam exponere, caedis crimine teneri. Trad: SADY-GARIBALDI

Jamais dissimulou a sua intenção de restabelecer, caso pudesse, a república no seu antigo estado. É o que leva – creio eu – muita gente a afirmar que, suspeito a Augusto, fosse chamado da sua província e envenenado, porque hesitara em obedecer. Ao bem dizer, recordo este boato para ser completo e não porque o creia verdadeiro ou verossímil.¹⁷⁷

Em seguida, Suetônio fala como era o trato dado a Cláudio por sua família. Anteriormente o biógrafo disserta sobre as enfermidades que atacaram Cláudio desde muito novo. O autor salienta a educação fora dada a Cláudio. Além de ser posto sob orientação de um bárbaro, era submetido também a maus tratos. Este elemento pode servir ao propósito de Suetônio de mostrar a natureza do caráter de Cláudio, e a crueldade mostrada ao longo de seu principado.

Durante muito tempo, mesmo depois de libertado da sua tutela, esteve confinado à guarda de outros e colocado sob as ordens de um preceptor, de quem se queixa num escrito ‘como de um bárbaro, antigo inspetor de coudelarias (aras de cavalos, estábulos), que lhe deram, propositalmente para que lhe infligisse, sob mil cores, o mais cruel tratamento.’¹⁷⁸

Mas adiante, Suetônio começa a esmiuçar a relação dos membros da família imperial com Cláudio. A começar pela mãe, Antônia. Vale o destaque para a sua mãe, Antônia, que ressalta a imbecilidade de seu filho. Esta característica será muito ridicularizada por Sêneca em *Apocolocyntosis* e destacada por Tácito em *Anais* (SUE. Cl. III). Em seguida, Suetônio busca a visão de Augusto e Lívía sobre Cláudio. Para isso, o biógrafo busca uma série de cartas trocadas entre os dois discutindo que rumos tomar para a manutenção de Cláudio na família:

Quanto a seu tio-avô Augusto, para que se saiba melhor o que pensava dele, de bom ou de mau, transcrevo aqui os principais trechos de uma de sua carta: ‘Tive um encontro com Tibério, tal me recomendaste, minha querida Lívía, a respeito do que é necessário fazer do teu neto Tibério, durante os jogos Marciais. Concordamos, um e outro, que era preciso fixar, numa vez por todas, o plano a seguir em relação a ele. Pois, se é normal e, por assim dizer, ‘intacto’, por que titubear em fazê-lo passar pelas mesmas escalas e degraus transpostos pelo seu

¹⁷⁷ SUE. Cl. I - nec dissimulasse unquam pristinum se rei p. statum, quandoque posset, restitutum. Vnde existimo nonnullos tradere ausos, suspectum eum Augusto revocatumque ex provincia et quia cunctaretur, interceptum veneno. Quod equidem magis ne praetermitterem rettuli, quam quia verum aut veri simile putem. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁷⁸ SUE. Cl. II - Diu atque etiam post tutelam receptam alieni arbitrii et sub paedagogo fuit; quem barbarum et olim superiumentarium ex industria sibi appositum, ut se quibuscumque de causis quam saevissime coerceret, ipse quodam libello conqueritur. Trad: SADY-GARIBALDI

irmão? Se, ao contrário, nos parece que ele é ‘retardado e enfermizo’, tanto de corpo como de espírito, não devemos fornecer ensejos a que se riam à sua e à nossa custa, homens ‘que têm por costume escarnecer e ridicularizar esta espécie de coisas’. Estaremos sempre atormentados se, em cada conjuntura nos perguntamos, ‘sem nada termos resolvido de antemão’, se ele está ou não em estado de exercer qualquer emprego. Quanto ao que pedes para o momento, nós não opomos a que ele tenha a solicitude da mesa dos pontífices nos jogos Marciais, caso consinta em seguir as opiniões do filho de Silano, seu parente, que o impedirá de fazer tudo quanto possa colocá-lo em ressaltado ou ridículo. Nós não queremos que ele assista aos jogos do Circo, do camarote dos nobres. Colocado assim na frente aos espetáculos, ficará muito em evidência. Não queremos que ele vá ao monte Albano, ou que fique em Roma, durante os dias latinos. Realmente, por que não nomeá-lo para a prefeitura da Cidade, se ele é capaz de seguir seu irmão no galgar a montanha? Aí tens, minha querida Lúvia, o nosso parecer, com o qual estamos decididos a nos contentarmos de uma vez por todas de uma maneira geral, a fim de não andarmos a flutuar incessantemente entre esperança e temor. Poderás, se quiseres, ler a Antônia, esta parte da carta.¹⁷⁹

Nessa passagem mostra a preocupação da família dos Júlio-Cláudios com Cláudio, graças às enfermidades. Temiam dele uma postura desagradável ao lado da família imperial. Assim, como evidencia Sêneca em *Apocolocyntosis* a imagem de Cláudio deveria ser algo grotesca, e devemos considerar que a família imperial era a que mais ficava evidente. Como a passagem propõe, era uma preocupação de Augusto evitar escárnio alheio com relação à família por conta de um de seus membros. Em outra troca de cartas, Augusto se preocupa com o tipo de companhia a qual Cláudio estava exposto. Nessa passagem Suetônio destaca o temor de Augusto quanto à companhia de Cláudio, que por várias vezes era relegado somente ao convívio dos escravos. O temor passa a ser mais evidente quando Augusto questiona a quem Cláudio imitaria caso não lhe fossem oferecidos bons exemplos. Dião Cássio também destacou isso em sua obra: que

¹⁷⁹ SUE. *Cl.* III-IV - Nam avunculus maior Augustus quid de eo in utramque partem opinatus sit, quo certius cognoscatur, capita ex ipsius epistulis posui. [4] "Collocutus sum cum Tiberio, ut mandasti, mea Livia, quid nepoti tuo Tiberio faciendum esset ludis Martialibus. Consentit autem uterque nostrum, semel nobis esse statvendum, quod consilium in illo sequamur. Nam si est artius, ut ita dicam, holocleros, quid est quod dubitemus, quin per eosdem articulos et gradus producendus sit, per quos frater eius productus sit? Sin autem *elattosthai* sentimus eum et *beblaphthai kai eis ten tou somatos kai eis ten tes psyches artioteta*, praebenda materia deridendi et illum et nos non est hominibus *ta toiauta skoptein kai mykterizein eiiothosin*. Nam semper aestuabimus, si de singulis articulis temporum deliberabimus, *me proupokeimenou hemin* posse arbitremur eum gerere honores necne. In praesentia tamen quibus de rebus consulis, curare eum ludis Martialibus triclinium sacerdotum non displicet nobis, si est passurus se ab Silvani filio homine sibi affini admoneri, ne quid faciat quod conspici et derideri possit. Spectare eum circenses ex pulvinari non placet nobis; expositus enim in fronte prima spectaculorum conspicietur. In Albanum montem ire eum non placet nobis aut esse Romae Latinarum diebus. Cur enim non praeficitur urbi, si potest sequi fratrem suum in montem? Habes nostras, mea Livia, sententias, quibus placet semel de tota re aliquid constitui, ne semper inter spem et metum fluctuemur. Licebit autem, si voles, Antoniae quoque nostrae des hanc partem epistulae huius legendam. Trad: SADY-GARIBALDI

durante a sua infância Cláudio teria sido deixado à convivência junto dos escravos e ficado privado do meio aristocrático durante muito tempo:

Não foram estas enfermidades, contudo, que causou a deteriorização de Cláudio tanto como foram os libertos e mulheres com quem ele se associou, em nome dele, mais claramente do que qualquer de seus antecessores, era pelos escravos e pelas mulheres. Desde criança ele tinha sido criado sendo presa de doenças e de um constante terror, e por esta razão tinha simulado uma estupidez maior que era realmente o caso (um fato que ele mesmo admitiu no Senado) e ele havia vivido por um longo período com sua avó Lúvia e outro longo período com sua mãe Antônia e seus libertos, e, além disso, ele havia tido muitas aventuras amorosas com ele. Daí ele adquiriu nenhuma das qualidades próprias de um homem livre, mas, apesar de governar todos os romanos e seus súditos, tinha tornado mesmo um escravo.¹⁸⁰

Porém, uma última carta apresentada pelo biógrafo, mostra um Augusto surpreso pela eloquência de Cláudio. Mas, mesmo assim, não deixou de deixar claro como isso lhe parecia desconexo com alguém que sofria de gagueira. E volta a se questionar e à Lúvia, se Cláudio conseguiria um dia expressar claramente o que realmente pensara.

Depois de Augusto, o biógrafo centra sua análise no principado de Tibério, que era seu tio, irmão de Druso. Nessa passagem suetoniana, vemos que a família Júlio-Cláudia, centralizada neste momento em Tibério, continua a excluí-lo dos assuntos de Estado. Assim, sendo Cláudio, como já tinha um caráter fraco, passa a desistir das honras e se entregar a vícios mal vistos pela sociedade romana:

Seu tio Tibério, quando lhe pedira as honras, conferiu-lhe os ornamentos consulares. Quando, porém, reclamou instantemente os poderes de cônsul, contentou-se em responder-lhe em um bilhete ‘que lhe enviava quarenta moedas de ouro para as Saturnais e Sibilarias. Desde então, renunciando a toda esperança de uma dignidade abandonou-se à inércia, vivendo escondido ora em seu jardim e casa no subúrbio, ora no seu retiro na Campânia.¹⁸¹

Mais adiante, Suetônio escreve que mesmo membros das ordens equestre e senatorial lhe oferecendo honras, sua família continuara a afastá-lo dos afazeres

¹⁸⁰ DioCas. LX, 3-4,5

¹⁸¹ SUE. Cl. V - Tiberius patruus petenti honores consularia ornamenta detulit; sed instantius legitimos flagitanti id solum codicillis rescripsit, quadraginta aureos in Saturnalia et Sigillaria misisse ei. Tunc demum abiecta spe dignitatis ad otium concessit, modo in hortis et suburbana domo, modo in Campaniae seccssu delitescens. Trad: SADY-GARIBALDI

públicos. Houve um episódio em que o Senado votou que Cláudio deveria dar sua opinião entre os consulares. Tibério revogou este decreto, alegando a *imbecillitas* de Cláudio, e prometeu de bom grado restabelecer a perda sofrida por ele, que tinha tido sua casa atingida por um incêndio. No entanto, ao morrer, Tibério nomeou Cláudio apenas como seu herdeiro de terceiro grau. Já no Principado de Caio Calígula, Suetônio fala do desrespeito a Cláudio, que era tratado como um idiota e com total falta de respeito (SUE. *Cl.* VIII). Porém foi durante esse Principado que recebeu o consulado e teve realmente a primeira oportunidade de avançar em seu *cursus honorum*. Assim que Caio Calígula começou seu primeiro consulado convidou Cláudio, seu tio, para ser seu companheiro nessa magistratura. No entanto, acusado de negligência, foi deposto do cargo com apenas dois meses de exercício:

Primeiramente, durante o seu próprio consulado, foi demitido do cargo por demonstrar negligências na colocação e ereção de estátuas de Nero e Druso, irmãos de Calígula [...] Desde então, foi o último dos consulares a dar seu parecer no Senado. E para que se pudesse vexá-lo melhor, não o interrogavam todos os demais. Instruiu-se também contra ele um processo por crime de falsificação de testamento que continha a sua assinatura. Por fim, forçado a despendar com a sua admissão a um novo sacerdócio a quantia de oito milhões de sestércios, caiu em um abatimento que, não podendo libertar-se dos compromissos contraído com o Erário, assistiu a pronúncia do desvalimento dos seus bens, postos a venda de acordo com a lei hipotecária por um édito dos prefeitos.¹⁸²

Nesta passagem Suetônio mostra como por vezes Cláudio agia sim de forma negligente, e que por isso foi afastado dos assuntos de Estado. Ao erguer estátuas dos irmãos de Calígula, ele é demitido do consulado. Com a acusação do crime de falsificação de testamento, ele perdeu o respeito dos demais membros do Senado e cada vez mais se viu privado dos benefícios do Império. Além disso, ao organizarem uma comitiva de ex-cônsules para dar felicitações a Caio Calígula por ter posto fim à conspiração de Getúlio, um dos escolhidos foi Cláudio. Ao saber da presença do tio na comitiva, mandou lançá-lo no rio assim que foi apresentado ao imperador. Cláudio sobreviveu a esse episódio, mas ficou marginalizado na corte de Calígula.

¹⁸² SUE *Cl.* IX - Primum in ipso consulatu, quod Neronis et Drusi fratrum Caesaris statuas segnius locandas ponendasque curasset [...]Atque ex eo numquam non in senatu novissimus consularium sententiam dixit, ignominiae causa post omnis interrogatus. Etiam cognitio falsi testamenti recepta est, in quo et ipse signaverat. Postremo sestertium octogies pro introitu novi sacerdotii coactus impendere, ad eas rei familiaris angustias decidit, ut cum obligatam aerario fidem liberare non posset, in vacuum lege praediatrica venalis pependit sub edicto praefectorum. Trad: SADY-GARIBALDI

O biógrafo se dedicará novamente a falar sobre a relação de Cláudio com a família imperial, mas depois deste já ser Imperador. Aqui Suetônio demonstra que Cláudio enaltecia o passado de sua família: Primeiro, ao seguir os preceitos da política de Augusto; depois, ao render graças a seu avô (Marco Antônio e adversário de Augusto no Segundo Triunvirato); também deu fim a obra do arco em homenagem a Tibério. No entanto, buscou relegar ao esquecimento a morte de Calígula, evento recente e potencialmente traumático na sua relação com o senado, como já vimos (SUE. *Cl.* X,3).

Essa atitude de valorização da família de Cláudio, tanto pelo seu ramo Cláudio, como também por uma possível ligação com a família dos Júlios será algo muito marcante após a sua ascensão. Ao tomar essas atitudes, Cláudio visava mostrar a legitimidade que possuía para ocupar o trono imperial. Isso deve ser pensando tomando como ponto de partida a conturbada sucessão imperial e pelo fato, como foi abordado acima, de Cláudio ter sido sempre excluído dos afazeres públicos da *Caesaris Familia*. Esse processo também é observável através da numismática¹⁸³. Nas moedas prestou grandes honras à avó, Lívvia e a sua mãe, Antônia¹⁸⁴.

Suetônio retornará ao assunto da *Domus Caesaris* somente ao falar da passividade de Cláudio diante das mulheres e libertos. Ele mostra que boa parte dos atos de seu principado na verdade foram obras de suas mulheres e libertos, e contrapondo-se ao exemplo de Augusto e Lívvia para Sêneca (Tratado sobre a Clemência) as mulheres de Cláudio agem por seus próprios interesses e desejos, ao contrário de Lívvia que visava ao bem do marido:

Nisto, porém, como, aliás, em grande parte dos atos de todo o seu principado, governou não tanto pela sua vontade quanto pela das suas mulheres e dos seus libertos. Quase sempre e por onde quer que agisse, fazia isso de acordo com os interesses e desejos deles.¹⁸⁵

¹⁸³ ANEXO 14 – Moedas do Principado de Cláudio em louvor a Druso. ANEXO 11 – Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 125 (CLAUDIUS, 70).

¹⁸⁴ ANEXO 15 – Moedas do Principado de Cláudio em louvor a Antônia. ANEXO 11 – Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 127 (CLAUDIUS, 92).

¹⁸⁵ SUE. *Cl.* XXV - Cum regibus foedus in foro icit porca caesa ac vetere fetialium praefatione adhibita. Sed et haec et cetera totumque adeo ex parte magna principatum non tam suo quam uxorum libertorumque arbitrio administravit, talis ubique plerumque, qualem esse eum aut expediret illis aut liberet. Trad: SADY-GARIBALDI

Suetônio começa a falar sobre os casamentos de Cláudio, mas claramente se dedica mais aos dois últimos – até por terem sido fundamentais durante o tempo em que este esteve no Principado. Quanto aos casamentos anteriores, o destaque é dado à primeira noiva que perece após uma doença, e a segunda que fora acusada de adultério, com a qual teve uma filha, Antônia, a respeito da qual Cláudio suspeitava não ser o pai. Sobre Messalina, Suetônio mostra como ela era uma mulher que não possuía uma conduta esperada de uma imperatriz, apontando logo para o caso mais chamativo que seria o casamento com Caio Sílio. No entanto, o relato de Suetônio destoa daquele de Tácito quanto ao desfecho de Messalina. Enquanto a versão suetoniana diz que a ordem teria partido de Cláudio, Tácito afirma ser Narciso o mandante da ordem de execução:

Ao saber, porém, independentemente dos seus excessos e das suas insanidades, que ela chegara ao ponto de desposar com Caio Sílio e que o contrato assinado se encontrava nas mãos dos áugures, mandou assassiná-la e declarou na presença dos pretorianos reunidos ‘que, como não tivesse tido sorte com os casamentos, estava resolvido conservar-se celibatário e que, se não o conseguisse, se daria morte pelas próprias mãos’.¹⁸⁶

Certamente há uma intenção maior na diferença entre a história de Tácito e a biografia de Suetônio. Tácito enfoca este episódio preocupado em mostrar o servilismo de Cláudio frente a seus libertos. Suetônio, porém, tem a intenção de mostrar a falta de *severitas* de Cláudio, partindo da profunda paixão pela esposa ao profundo ódio. Ou seja, a falta de autocontrole. Também quanto ao casamento com Agripina, há uma diferença no relato dos dois autores. Enquanto nos Anais Vitélio é quem comove o Senado com um discurso a favor do casamento de Cláudio e Agripina e tendo como pano de fundo a plebe apoiando esta moção, em Suetônio o episódio é narrado desta forma:

Seduzido, porém, pelos encantos de Agripina, filha de Germânico, seu irmão, que lhe fazia carícias para conquistar o coração, subornou senadores para que propusessem, na sessão imediata, força-lo a casar, como se isso constituísse um alto interesse do Estado, e conceder aos demais a faculdade de efetuarem semelhantes uniões que até então eram tidas como incestuosas.¹⁸⁷

¹⁸⁶ SUE. Cl. XXVI,2 - Quam cum comperisset super cetera flagitia atque dedecora C. Silio etiam nupsisse dote inter auspices consignata, supplicio adfecit confirmavitque pro contione apud praetorianos, quatenus sibi matrimonia male cederent, permansurum se in caelibatu, ac nisi permansisset, non recusaturum confodi manibus ipsorum. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁸⁷ SUE. Cl. XXVI,3 - Verum inlecebris Agrippinae, Germanici fratris sui filiae, per ius osculi et blanditiarum occasiones plectus in amorem, subornavit proximo senatu qui censerent, cogendum se ad

Mais uma vez a diferença entre os dois relatos pode estar na intenção de cada autor. Aqui Suetônio parece mostrar um Cláudio corrupto, capaz de fazer qualquer coisa para ganhar mais poder. A presença de Agripina ao lado de Cláudio, como já fora explicado no capítulo da perspectiva taciteana foi de grande importância naquele momento para Cláudio, pois se tratava da filha de Germânico e neta de Augusto. Enfim, um vínculo sólido com a família de Augusto, além de ganhar maior admiração das legiões.

Quanto aos demais membros da *Domus Caesaris*, o biógrafo fala que por interesses políticos mandou assassinar dois genros: Pompeu e Júnio Silano (SUE *Cl.* XXVII, 2). Depois Suetônio fala sobre os libertos e sobre a ação destes dentro da corte. Aqui Suetônio mostra que a falta de pulso no comando da sua *domus* permitia a seus libertos surrupiarem as economias do Império:

Mais, porém, que todos os outros, amou Narciso, seu *ab epistullis* e Palas, seu *ab rationibus*, a quem, por um decreto, se permitiu cumular não somente as altas honorificências, mas ainda das honras da questura e da pretoria. De mais, tolerou de tal modo que eles amontoassem e pilhassem riquezas, que, ao se lamentar certa vez da penúria do seu tesouro, alguém lhe disse, não sem razão, ‘que se os seus dois libertos consentissem em partilhar com ele seus bens, ele nadaria na abundância.’¹⁸⁸

Suetônio destaca o servilismo de Cláudio para sua esposa e seus libertos. Eles interferiam constantemente nas estruturas de Estado, na nomeação de oficiais, no controle dos julgamentos e em demais coisas. Esse teria sido mais um ponto de desacordo com a aristocracia romana: setores que seriam subalternos controlando posições-chave no governo do Império:

Entregue, como já o asseverei, a estes e às suas mulheres, exerceu o papel não de *Princeps*, mas de um servo. Foi em proveito de cada um deles e mesmo para satisfazer os seus apetites carnis e os seus caprichos, que lhe prodigava honras, exércitos, mercês e, as mais das vezes, sem disto ter o menor conhecimento. Sem entrar em

ducendum eam uxorem, quasi rei p. maxime interesset, dandamque ceteris veniam talium coniugiorum, quae ad id tempus incesta habebantur. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁸⁸ SUE. *Cl.* XXVIII, 1 - sed ante omnis Narcissum ab epistulis et Pallantem a rationibus, quos decreto quoque senatus non praemiis modo ingentibus, sed et quaestoriis praetoriisque ornamentis honorari libens passus est; tantum praeterea acquirere et rapere, ut querente eo quondam de fisci exiguitate non absurde dictum sit, abundantum, si a duobus libertis in consortium reciperetur. Trad: SADY-GARIBALDI

minudência, nem enumerar a revocação das suas liberalidades, a cassação dos seus julgamentos, as falsificações ou modificações feitas abertamente por eles nos decretos de nomeação dos oficiais.¹⁸⁹

Segundo o relato do biógrafo vemos dois momentos da vida de Cláudio. Um primeiro momento em que o biógrafo apresenta um Cláudio excluído pela família imperial de cerimônias públicas e entregue ao convívio de pessoas de baixa moralidade. Em um segundo momento, em consequência desse primeiro momento, Suetônio mostra o servilismo de Cláudio diante de suas mulheres e libertos. Tudo isso acarreta em um julgamento moral de um imperador que se mostra inapto para as funções públicas pela instrução dada por sua família, e depois por seu comportamento servil.

4.2.4 Comportamento e postura pessoal do Imperador Cláudio

Segundo Brandão, quando comparada a Vida de Cláudio às demais biografias da obra *Vidas dos Doze Césares*, chega-se à conclusão que Cláudio não pode ser classificado como um bom imperador, e nem como um tirano. A alternância entre boas e más ações, virtudes e vícios faz com que o leitor fique sem saber o que Cláudio é. O biógrafo tende aos aspectos negativos, já que inaptidão para ele não é uma virtude, mas como parte dessa inaptidão parte da própria família imperial, isso redime Cláudio. Outro aspecto que não torna Cláudio um tirano na perspectiva suetoniana é seu tradicionalismo e a volta a costumes tradicionais. Para Brandão:

Efeito contrário tem a organização das *Vidas de Augusto, Tito e Otho*, nas quais os fatos positivos apresentados em último lugar conquistam a simpatia do leitor. Estas mudanças, até certo ponto forjadas por Suetônio, na medida em que nem sempre correspondem a uma evolução rigorosamente cronológica, cortam a monotonia da exposição e enriquecem a trama narrativa. De modo diverso, na *Vida de Cláudio*, a alternância de motivos favoráveis e desfavoráveis sugere a incoerência e a fraqueza do imperador. A distribuição do material pelas rubricas leva a que o leitor tenha de ajustar constantemente os seus próprios juízos: as aparências do início podem não corresponder a uma realidade definitiva.¹⁹⁰

¹⁸⁹ SUE. *Cl.* XXIX, 1 - His, ut dixi, uxoribusque addictus, non principem, sed ministrum egit, compendio cuiusque horum vel etiam studio aut libidine honores exercitus impunitates supplicia largitus est, et quidem insciens plerumque et ignarus. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁹⁰ BRANDÃO, *op. cit.*, p. 89.

Talvez, o melhor exemplo dessa alternância seja a postura de Cláudio. Apesar de todas suas boas características Cláudio buscava manter uma postura agradável para os súditos, porém não conseguia esconder seus defeitos. Poderíamos aqui colocar isto como uma característica de *constantia*:

Não lhe faltava, em absoluto, um certo ar de grandeza e de dignidade, quer estivesse de pé, quer sentado, quer em repouso. Era de corpo delgado e benfeito, mas não magro. Bela fisionomia e belos cabelos brancos. Pescoço grosso. Quando caminhava, porém, seus joelhos pouco sólidos, desapareciam sob seu corpo. Quer gracejasse ou se mostrasse sério, possuía mil ridiculices: riso desgracioso, cólera mais feia ainda. Espumava a ponto de umedecer as narinas. Por outra parte, sentia a língua embaraçar e a cabeça tremer continuamente, por pouco que trabalhasse em alguma coisa.¹⁹¹

Segundo estudo de Leon (1948), certamente a postura de Cláudio teria sido influência de uma doença de infância, provavelmente paralisia cerebral. Suetônio, como afirma Brandão¹⁹², é um profundo conhecedor dos males do corpo. Como lembramos no início deste capítulo, Suetônio tinha um tratado que se perdeu, *uitia corporalia*, que tratava justamente desta temática. Na Vida dos Césares, Suetônio não deixa de expor seu conhecimento, justamente pelo poder da fisiognomonia na Antiguidade Romana. A intenção do biógrafo era, através da análise dos defeitos físicos, conseguir lançar uma luz sobre os defeitos morais. Sobre esta postura Leon expressa o seguinte:

A Paralisia Cerebral é uma anormalidade do comportamento muscular causada pelo dano ou má formação dos centros cerebrais que comandam o controle muscular [...] O problema muscular pode ser de vários tipos [...] O criança pode sofrer por causa de movimentos involuntários aleatórios. Além das dificuldades musculares de braços e pernas a criança pode ter defeitos de fala [...] O dano para o tecido do cérebro não pode ser reparado. A rede está permanentemente danificada.¹⁹³

A tese de Leon ainda tem como objetivo avaliar que as enfermidades de Cláudio levou o imperador a ter o comportamento tão bem descrito por Suetônio. Para

¹⁹¹ SUE. *Ci.* XXX,1 - Auctoritas dignitasque formae non defuit ei, verum stanti uel sedenti ac praecipue quiescenti, nam et prolixo nec exili corpore erat et specie canitieque pulchra, opimis ceruicibus; ceterum et ingredientem destituebant poplites minus firmi, et remisse quid vel serio agentem multa dehonestabant: risus indecens, ira turpior spumante rictu, umentibus naribus, praeterea linguae titubantia caputque cum semper tum in quantulocumque actu vel maxime tremulum. Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁹² BRANDÃO, *op. cit.*, p. 36.

¹⁹³ LEON, Ernest F. - *The Imbecillitas of the Emperor Claudius*. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, Vol. 79, 1948, pp. 82-83.

isso ele usa os estudos modernos para avaliar o que Suetônio diz sobre cada um dos defeitos ou enfermidades de Cláudio, e procurando diagnosticar certos males da saúde que poderiam ajudar a explicar suas ações. Ou seja, para Leon as enfermidades de Cláudio seriam uma justificativa para as atitudes errôneas e os vícios. Para Suetônio, segundo a análise de Brandão, defeitos físicos e os valores morais andam juntos na avaliação. O biógrafo usa ambos para tirar suas conclusões sobre Cláudio.

Como primeira passagem sobre a postura e o comportamento de Cláudio temos o episódio do nascimento de Cláudio, após falar dos sinais ignominiosos de seu nascimento, como o fato de ter nascido no mesmo dia em que erigiam um altar em honra a Augusto em Lugnudum, Suetônio começa a falar das moléstias que atacaram Cláudio:

Tinha ainda pouca idade quando lhe morreu o pai e durante quase toda sua infância e a sua adolescência viu-se atacado de várias moléstias pertinazes que lhe enfraqueceram de tal modo o espírito que chegaram a considerá-lo inapto para toda e qualquer função pública ou privada.¹⁹⁴

Aqui Suetônio destaca as várias enfermidades de Cláudio ao longo da sua vida, classificando-o como um incapacitado para assumir qualquer obrigação, até mesmo no domínio privado. Ou seja, desde o início da biografia o autor destaca essa inaptidão, e o questionamento de como um ser como este se tornara Imperador. Por essa passagem é possível ver a ligação que o biógrafo faz entre os defeitos físicos e os morais. Para Suetônio, os defeitos físicos de Cláudio levaram a sua inaptidão para qualquer tarefa.

Depois, Suetônio relatará um episódio em que os irmãos Cláudio e Germânico ofereceram um espetáculo em honra do pai. O biógrafo narra que Cláudio foi coberto com uma capa na cabeça para a função, e que no dia de tomar a toga viril foi levado ao Capitólio de liteira¹⁹⁵. Tudo isso para mostrar o mínimo possível seus defeitos físicos. Nesta passagem Suetônio destaca algo que será constante em todo Principado de Cláudio: não mostrar ou driblar suas adversidades e deficiências de algum modo. A

¹⁹⁴ SUE. *Cl.* II - *Infans autem relictus a patre ac per omne fere pueritiae atque adulescentiae tempus variis et tenacibus morbis conflictatus est, adeo ut animo simul et corpore hebetato ne progressa quidem aetate ulli publico privatoque muneri habilis existimaretur.* Trad: SADY-GARIBALDI

¹⁹⁵ SUE. *Cl.* II - *Ob hanc eandem valitudinem et gladiatorio munere, quod simul cum fratre memoriae patris edebat, palliolatus novo more praesedit; et togae virilis die circa mediam noctem sine sollemni officio lectica in Capitolium latus est.* Trad: SADY-GARIBALDI

Constantia, a perseverança, tão pregada nas moedas do período cláudio também se ajustaria à figura do próprio Imperador?¹⁹⁶

Esses cuidados, como foi dito anteriormente, eram adotados pela própria família de Cláudio. Ainda vale o destaque para a sua mãe, Antônia, que destaca a imbecilidade de seu filho. Esta característica será muito ridicularizada por Sêneca em *Apocolocyntosis* e destacada por Tácito em *Anais*. Antônia o definia como um imbecil e que a natureza ainda não o terminara (SUE. *Cl.* III). Uma característica marcante no perfil psicológico de Cláudio que Suetônio trata como marcante e que também é bastante abordado em Sêneca e Tácito é sua covardia. No dia do assassinato de Caio Calígula, Suetônio narra uma cena cômica em que Cláudio é descoberto no Palácio pelas tropas pretorianas e aclamado imperador. Suetônio destaca assim uma característica da personalidade de Cláudio, o grande temor que ele tinha. Esse traço é muito lembrado também por Tácito, e explicado por Dião Cássio como advindo da convivência frequente que Cláudio tivera com os escravos, seguindo a lógica de que se você vive com pessoas fracas torna-se uma pessoa fraca:

Pouco depois, tomado de pavor com a notícia do assassinio, entremeteu-se em uma galeria solar vizinha e se ocultou ali, enrolando-se nas cortinas que cobriam a porta. Assim escondido, um simples soldado, que corria de um lado para o outro, percebeu-lhe os pés, e quis saber quem era e o arrancou do esconderijo. Como Cláudio assustadíssimo, se lhe rojasse aos pés, o soldado o saudou, dando-lhe o título de *Imperator*. Sem perda de tempo, conduziu-o para junto dos outros soldados, seus companheiros, vacilantes e sem conhecer outra coisa senão o furor. Colocaram-no em uma liteira e como todos seus escravos tivessem fugido, foi conduzido sobre os ombros dos soldados até o acampamento, triste e nervoso, em meio a demonstrações de respeito da multidão, crente de que o estavam ameaçando com o suplício, injustamente. Recebido no interior das trincheiras, passou toda a noite entre sentinelas, com menos esperança do que segurança.¹⁹⁷

¹⁹⁶ ANEXO 16 – Moedas do período de Cláudio sobre a Constantia Augusta. ANEXO 11 – Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948, p. 127 (CLAUDIUS, 95).

¹⁹⁷ SUE. *Cl.* X - neque multo post rumore caedis exterritus prorepsit ad solarium proximum interque praetenta foribus uela se abdidit. Latentem discurrans forte gregarius miles, animadversis pedibus, studio sciscitandi quisnam esset, adgnovit extractumque et prae metu ad genua sibi accidit imperatorem salutavit. Hinc ad alios commilitones fluctuantis nec quicquam adhuc quam frementis perduxit. Ab his lecticae impositus et, quia sui diffugerant vicissim succollantibus in castra delatus est tristis ac trepidus, miserante obvia turba quasi ad poenam raperetur insons. Receptus intra uallum inter excubias militum pernoctavit, aliquanto minore spe quam fiducia. Trad: SADY-GARIBALDI

Outras são as passagens em que Suetônio expressa essa covardia de Cláudio. Na passagem da revolta de Camilo (SUE. *Cl.* XXXV,2), retoma a covardia de Cláudio, mesmo sendo Imperador. Isso contribui para a linha de construção da biografia desse imperador, mostrando sua inaptidão e seu comportamento sempre inspirado pelo servilismo. Esta característica também comparece no episódio dos adultérios de Messalina:

Ficou tão apavorado com as conspirações que lhe haviam sido delatadas à ligeira, que tentou abdicar. Quando, como recordei mais acima, um homem armado de gládio foi preso ao seu lado no momento que sacrificava, se apressou em convocar o Senado, pela voz dos seus arautos, para se queixar, com lágrimas nos olhos e entre exclamações, da sua infeliz condição que lhe não permitia estar em segurança em parte alguma e teimou em não aparecer em público durante muito tempo. Expulsou do seu coração o ardente amor que votava em Messalina, não tanto pela indignidade dos ultrajes dela recebidos, mas porque temia o perigo da morte, acreditando estivesse o Império nas mãos do adúltero Sílio. Foi neste instante, transtornado por um vergonhoso terror, fugiu para o campo. Em todo percurso da viagem não indagou outra coisa a não ser se o Império ainda se conservava em seu poder.¹⁹⁸

Cláudio também era muito supersticioso e, graças a este fator associado a sua covardia, muitos foram acusados e mortos pelas intrigas de suas mulheres e libertos (SUE. *Cl.* XXXVII,1). Uma característica da *imago* de Cláudio que Suetônio também expressa é sua modéstia. No entanto, é uma característica que o biógrafo trata com certo cuidado. Marcado pela educação e convivência que tivera com os escravos, Cláudio prega um limite às extravagâncias (em contrapartida ao que acontecia no Principado de Calígula). A questão aqui é que Cláudio tenta estabelecer um padrão de vida que há muito os romanos tinham deixado de ter. Principalmente na época do Principado o que imperava era o luxo e a ostentação da riqueza. E a *Domus Caesaris*, estando sempre em evidência, era aquela que deveria mostrar o maior luxo frente a todas as demais casas. Brandão afirma que a demonstração de *pietas* e *civilitas* por Cláudio gerava em Suetônio desconfiança quanto à primeira, mas ele não contestava a segunda. “Suetônio

¹⁹⁸ SUE. *Cl.* XXXVI,1 - Quasdam insidias temere delatas adeo expavit, ut deponere imperium temptaverit. Quodam, ut supra rettuli, cum ferro circa sacrificantem se deprehenso, senatum per praecones propere convocavit lacrimisque et vociferatione miseratus est condicionem suam, cui nihil tuti usquam esset, ac diu publico abstinuit. Messalinae quoque amorem flagrantissimum non tam indignitate contumeliarum quam periculi metu abiecit, cum adultero Silio adquiri imperium credidisset; quo tempore foedum in modum trepidus ad castra confugit, nihil tota via quam essetne sibi saluum imperium requirens. Trad: SADY-GARIBALDI

apresenta o imperador como *ciuilis*, em 35.1, passa a apresentá-lo como «o que se gaba de ser modesto» (*iactator ciuilitatis*)¹⁹⁹:

Reservado e modesto pela sua própria educação, renunciou à adoção do título de *Imperator*, recusou honorificiências excessivas e celebrou sem brilho, como se tratasse de uma simples cerimônia doméstica, os esponsais da filha e o nascimento de seu neto.²⁰⁰

A falta de *severitas* é também uma característica marcante na construção do perfil psicológico de Cláudio por parte de Suetônio. Quando o biógrafo fala do exercício da justiça e dos afazeres públicos, Suetônio aponta para instabilidade de humor de Cláudio. Isso também é criticado pelas outras duas fontes, como vimos.

Além dos prazeres carnavais, Suetônio também relembra a gula de Cláudio, seu vício em bebidas (SUE. *Cl.* XXXIII, 1) e sua paixão pelos jogos de azar (SUE. *Cl.* XXXIII,2). Esses jogos eram visto como algo ruim porque envolviam muitas vezes a aposta e o lucro, e tinham por fama ser popular entre os militares e a plebe. Ou seja, essa predileção não condizia com a posição de Cláudio na sociedade. A crueldade de Cláudio também é mostrada por Suetônio como algo perigoso para qualquer súdito do Império. Os jogos eram apenas uma extensão de sua ira, que não diferenciava entre mandar populares para a arena por motivos pífios como também de enviar senadores. Aqui Cláudio mais uma vez quebra com as fronteiras sociais existentes em Roma:

Além dos gladiadores designados, obrigara a combater, simultaneamente, alguns operários trabalhadores e outros indivíduos da mesma condição social, sob o pretexto de que um andaime, um autômato ou qualquer máquina estivesse funcionando mal. Chegou a fazer descer à arena um dos seus nomenclatores, tal como estava, de toga.²⁰¹

Em uma passagem Suetônio, Cláudio admite sua predisposição à cólera e ao ressentimento (SUE. *Cl.* XXXVIII,1), e também se declara ciente de sua *imbecelitas*. Suetônio apresenta um depoimento de Cláudio dizendo que sua suposta imbelicidade

¹⁹⁹ BRANDÃO, *op. cit.*, p. 175.

²⁰⁰ SUE. *Cl.* XII,1 - At in semet augendo parcus atque civilis praenomine Imperatoris abstinuit, nimios honores recusavit, sponsalia filiae natalemque geniti nepotis silentio ac tantum domestica religione transegit. Trad: SADY-GARIBALDI

²⁰¹ SUE. *Cl.* XXXIV, 2 - praeterque destinatos etiam levi subitaque de causa quosdam committeret, de fabrorum quoque ac ministrorum atque id genus numero, si automatum vel pegma vel quid tale aliud parum cessisset. Induxit et unum ex nomenclatoribus suis, sic ut erat togatus. Trad: SADY-GARIBALDI

era na verdade um fingimento para sobreviver ao Principado de Calígula. No entanto, ninguém acreditou nisto:

Longe de guardar silêncio sobre a sua imbecilidade, procurou, ao contrário, provar em alguns discursos que a havia simulado propositadamente sob Caio Calígula, por não dispor de outro meio de escapar ao perigo e alcançar os fins almejados. Contudo, não conseguiu persuadir ninguém e, pouco depois, aparecia um livro intitulado: “Ressurreição dos tolos”, que tinha por objetivo provar que ninguém simula imbecilidade.²⁰²

Suetônio ainda fala sobre o esquecimento de Cláudio para alguns assuntos. Em alguns, agia com profunda insensibilidade (SUE. *Cl.* XXXIX 1).

4.3 Conclusão

Conclui-se que os padrões que norteiam a obra de Suetônio nos possibilitam um novo caminho de análise da *imago* de Cláudio. Suetônio, que foi equestre e ocupou cargos de confiança dentro da *Aula Caesaris*, monta a sua representação de Cláudio e de seu principado extrapolando a fronteira da disputa de poder entre Senado e Imperador. Sua análise está mais preocupada com a avaliação do Imperador, sobretudo quanto a seu aspecto moral.

Para tanto, prefere utilizar de um gênero tido como menos nobre, mas que, no entanto, reforça a ideia da mudança de foco quanto à importância da história de Roma. O centro de tudo é o imperador e os acontecimentos que o rodeiam. Para Suetônio, a montagem do perfil psicológico dos imperadores deveria abordar vários aspectos e fatos, mesmo antes de ascenderem ao trono imperial. Nascimento, relação com a família, exercício de cargos públicos, o mandato e principalmente seu comportamento moral e como este, estando no poder, fez para que o povo também mantivesse uma conduta moral adequada. Como afirma Brandão, Suetônio foi criterioso ao escolher as

²⁰² SUE *Cl.* XXXVIII, 2-3 - Qua de causa etiam coercionem popinarum aedilibus ademit. Ac ne stultitiam quidem suam reticuit simulatamque a se ex industria sub Gaio, quod aliter euasurus perventurusque ad susceptam stationem non fuerit, quibusdam oratiunculis testatus est; nec tamen persuasit, cum intra breve tempus liber editus sit, cui index erat *moron epanastasis*, argumentum autem stultitiam neminem fingere. Trad: SADY-GARIBALDI

suas fontes para montar a biografia de Cláudio, dentre uma delas a sátira *Apocolocyntosis* de Sêneca, e outras como Plínio, o Velho e Aufídio Basso.

Na biografia suetoniana notam-se as mesmas expectativas acerca do imperador já demonstradas em Sêneca e Tácito, mas tendo um apelo moral maior do que nas demais. Ao fugir dessa limitação de um foco limitado à tensão entre Imperador e Senado, Suetônio vislumbra os outros pontos de análise, informando-nos qualidades e defeitos. A Vida dos Doze Césares tinha por função ser um manual de como ser ou não bom imperador, qual o comportamento, que virtudes abraçar e de quais vícios se afastar. É claro que o trabalho de Suetônio está mais próximo ao de Tácito do que daquele de Sêneca, mesmo que este tenha lhe servido de fonte.

5 CONCLUSÃO

Por conclusão final, ao analisarmos as bases do poder imperial, podemos vislumbrar alguns elementos importantes com respeito à constituição do Principado, no seu início, e assim entender as ações pelas quais Cláudio fora criticado em nossas fontes. Através desse estudo, podemos ver que as bases do poder imperial se espriam por diversas esferas de ação.

O imperador antes de tudo era um senador, e deveria agir de acordo com as normas dessa instituição. Principado e Senado coexistem dentro do Império da cidade de Roma, dividindo tarefas e a administração do território romano e das tropas. Em muitos momentos, essas duas esferas da administração estabeleceram um embate pelo poder. O controle das províncias, o uso das legiões e o estabelecimento das leis foram sempre temas recorrentes desse embate. No entanto, desde Augusto, se coloca a necessidade dessas duas instituições coexistirem. O Imperador com toda sua *auctoritas* zelava pela ordem e normatizava a disputa de poder entre os demais senadores. Como a própria nomenclatura designa, ele era um *Princeps*, o primeiro dentre todos os cidadãos. No entanto, os imperadores não tinham qualquer aparato legal que lhes assegurasse o poder. Eles procuravam no Senado a sua legitimação. Não que fosse realmente uma diarquia, como Mommsen afirmou, mas cada esfera tinha sua parcela de poder. Na prática, a maior parcela de poder estava nas mãos dos Imperadores e se devia a duas investiduras: *tribunia potestas* e *imperium proconsulare*. Por essas duas investiduras era lhes permitido vetar leis do Senado e ter o controle das legiões, que era a maior força dentro das armas romanas.

O imperador coopta um grupo de apoio através de relações vistas como apolíticas. Desse modo, observamos que o Estado Romano nesse momento passa a ser dividido em duas partes: uma institucional exemplificada pelas magistraturas e o modo como os Imperadores faziam uso destas para cooptarem aliados, e outra parte orgânica, simbolizada pela ação de clientela que esses Imperadores tinham com os demais estratos da sociedade. Depois de Augusto, o *cursus honorum* esteve limitado em muito à vontade do imperador, ou seja, obter o favor do imperador possibilitava avançar neste *cursus*. Em troca, os imperadores esperavam apoio a suas ações no Senado. Até por

isso, o sistema político da República não deixou de existir por completo. Augusto necessitava desse pano de fundo para assegurar o sistema imperial.

Com isso, as disputas políticas da República, que outrora se concentravam principalmente nos campos de batalha, tanto nas conquistas militares como nas próprias Guerras Civis, agora estavam limitados aos âmbitos político e civil. No início do Principado, diminuíram-se as expectativas de que os imperadores fossem bons generais. Não que ainda não houvesse essa esperança, já que os problemas com os povos que rodeavam as fronteiras romanas perduraram durante este período. Porém, era difícil aos romanos vislumbrarem figuras semelhantes a César, Pompeu ou Augusto que com seus exércitos realizaram grandes feitos. Os imperadores passaram a ser representantes de um ambiente civil, como diz Wallace-Hadrill, empenhando-se em desenvolver uma retórica e aprimorando sua oratória para estas disputas por poder. Diante desta nova perspectiva, a corte ou *Aula Caesaris* passou a ter fundamental importância como sustentação do poder imperial. Através desta esfera de exercício do poder, os amigos do imperador, como mulheres e libertos concentraram grande poderes pelo contato frequente que tinham com os imperadores.

A ideia de uma família mais destacada das outras, uma *Domus Caesaris*, permitiu a Augusto o controle e a distribuição entre seus aliados das principais magistraturas de Roma. Além disso, para assegurar a perpetuidade do regime do Principado, Augusto criou uma linha de sucessão por indicação. Por meio de parentesco ou por adoção, até mesmo política, Augusto elevava a conhecimento público os possíveis candidatos ao trono imperial. Como este tinha o poder de indicar seus candidatos a cargos públicos, desde cedo eles eram apresentados como possíveis sucessores e também instruídos dentro do *cursus honorum* romano.

A relação dos imperadores com os outros grupos sociais é algo também importante para compreendermos como se estruturou o poder dos imperadores no início do Principado. Numa sociedade tradicional e hierárquica, o fator das honras, tanto a ligadas a algo mais difícil de mensurar como o prestígio quanto aquelas ligadas ao exercício das magistraturas, são mecanismos de consolidação de poder. Era certo que os imperadores foram os que mais acumularam as honras do Estado Romano. Ninguém podia se sobressair mais que o imperador. Aquele que por ventura viesse a ser visto

ombreado-se com o imperador corria grande perigo, porque poderia ser visto pelo próprio imperador como um concorrente. A plebe também tem relevância nessa análise, pois, o imperador, ao perder seu apoio, gerava turbulências que estimulavam conspiradores a agir. Depois das Guerras Civis, o imperador passa a ser visto como o mediador necessário dos conflitos políticos e benfeitor da *plebs*. Até por isso, é de sua responsabilidade o abastecimento da cidade, o combate a incêndios e organização de espetáculos. Esses espetáculos também possibilitavam que o imperador se mostrasse para a *plebs*, assim permitindo o contato como forma de propaganda do *Princeps*. Não só os imperadores ficavam nas tribunas imperiais, mas também os familiares e amigos do imperador. Influenciando, assim, a clientela imperial e propagando quem eram aquelas pessoas que tinham acesso ao imperador.

Tendo em vista todos esses aparatos, ao analisar a representação de Cláudio nas três fontes utilizadas em nosso estudo, percebe-se uma série de expectativas em torno da conduta imperial. As expectativas que são expressas nas fontes se reportam tanto ao âmbito público quanto ao privado, e também são conflitantes com a representação que o próprio imperador faz de si mesmo. Em *Apocolocyntosis*, percebemos que Sêneca tem como expectativa um ideal de imperador próximo ao que Augusto foi. Prova disso é ser Augusto a figura virtuosa que condena Cláudio (SEN. *Apocol.*, X). Seu julgamento se baseia muito na moralidade para gerar uma *damnatio memoriae* deste imperador, que em 41 o mandara para o exílio. Elementos como a inserção de provinciais no Senado em contrapartida a uma elite senatorial romana e itálica, a forma como administrava a justiça, não seguindo os códigos de leis de forma rígida e sendo influenciado por testemunhos duvidosos nos julgamentos e o fraco empenho no comando das legiões, gerando apenas conquistas sem valor algum, caracterizam-se por estarem entre os assuntos de cunho público. No âmbito privado, Sêneca julga Cláudio por ser subserviente com as vontades de suas esposas e de seus libertos, pela sua postura física (devido às suas várias deformidades físicas), sua *imbecilitas* e seus vícios.

A intenção do autor fica clara também pela escolha de uma série de recursos retóricos utilizados ao longo de sua obra. Destaque-se o gênero utilizado por Sêneca para fazer essa *imago*: uma sátira. Com isso, transmite ao leitor já uma ideia de algo para não ser levado a sério, que não é digno de grande apreço, assim como o próprio

imperador. Outro recurso é considerar Cláudio como o autor de todos os atos de seu governo. Apesar de apresentar o servilismo desse imperador, figuras como Messalina e os libertos mal aparecem na sátira, e quando aparecem surgem como vítimas do próprio imperador. Agripina, benfeitora do autor, sequer é referida na obra.

Já a intenção de Tácito não é gerar uma *damnatio memoriae*, mas sim fazer uma crítica geral aos erros das dinastias anteriores à Antonina. Assim, a *imago* de um Cláudio cruel de Sêneca se transforma, em Tácito, em alguém fraco e facilmente manipulável. A diferente intenção de Tácito não o impede de também estabelecer seu julgamento quanto à moralidade tanto no âmbito dos assuntos públicos quanto privados. Já as expectativas de ambos são diferentes em alguns pontos. Para Tácito, já não é mais válido esperar por um ideal augustano de governo. Como esse escreve mais de cinquenta anos após Sêneca, ele sabe da derrocada de duas dinastias. Seu perfil de ideal imperial está mais próximo ao que Trajano vinha sendo no seu tempo como *Princeps*. Em Tácito é claramente observável a necessidade do Imperador general, aquele que segue com as legiões em campanha para o campo de batalha. O imperador também teria que reinar em harmonia com o Senado, e se afastar dos elementos que pudessem desestabilizar seu comando, principalmente das influências de mulheres e de libertos.

Enquanto algumas expectativas aproximam Tácito a Sêneca outras os afastam. Tácito, até por ter origem provincial e ter sido beneficiado pelo ingresso desse grupo no Senado, não critica a política de concessão de cidadanias. Para Tácito, o foco do conflito entre Senado e o Imperador está na falta de *libertas* da instituição. Tácito não consegue escrever uma história imparcial, como se propusera, porque a escolha dos recursos retóricos utilizados pelo autor serve para evidenciar cada vez mais sua parcialidade. O que se nota na escolha de quais fontes seguir e nas opções que realiza para moldar os discursos conforme sua intenção inicial.

Tendo o mesmo propósito de Tácito, Suetônio proporciona, contudo uma nova análise da *imago* de Cláudio, mais moralizante que a anterior e mais centrada na pessoa do imperador do que na sua figura política. Assim, Suetônio foge da ênfase no conflito entre Imperador e Senado para analisar o imperador em diversas esferas. A obra de Suetônio também visa apresentar a derrocada das duas dinastias anteriores à Antonina. Embora esteja escrevendo nesse contexto, sua posição social leva seu relato a ser

diferente dos outros dois autores. Enquanto Sêneca e Tácito são senadores, Suetônio foi um equestre que se beneficiou do sistema imperial, ocupando cargos-chaves dentro da corte imperial. Assim seu julgamento pode partir de um plano mais imparcial que o de Sêneca e de Tácito.

Com essa intenção de avaliar o imperador como um todo, um dos recursos retóricos utilizados por Suetônio é de escrever biografias ao invés de histórias no formato de Anais, que correspondia a um gênero mais nobre. Por outro lado, essa escolha por tal gênero permite que Suetônio avalie elementos que para um historiador não teria tanta importância como o nascimento, a relação com a família, e o peso de seu julgamento moral torna-se mais intenso. Suas expectativas em torno do imperador tem como parâmetro a moralidade, como era a postura moral dos imperadores e como estes conduzem para que a sociedade romana como um todo também siga uma conduta adequada. A partir disso, os imperadores que mais se afastam do *mos maiorum* são representados como maus imperadores e os bons são aqueles que mais se aproximam desse ideal. Cláudio, na visão de Suetônio, não se encaixa nesse dois padrões: o biógrafo o caracteriza como um imperador inapto, que teve uma ascensão inglória. Como recurso retórico dessa não definição, a biografia mostra uma alternância entre bons e maus elementos, o que causa na cabeça do leitor uma indefinição. Ações como a reforma religiosa, o tradicionalismo e o uso da censura são bem vistos por Suetônio, entretanto, o convívio desde muito novo com elementos de origem servil, as suas enfermidades, a ação de mulheres e libertos no governo e seu comportamento sem *severitas* não permitem que Cláudio seja classificado como bom ou mau imperador.

Também vale mencionar que as representações dos três autores são conflitantes com outras fontes do período de Cláudio, principalmente aquelas produzidas pela própria máquina imperial. Moedas, esculturas, monumentos, cartas, todos apresentam Cláudio de forma diferente. Não só por se tratar da máquina imperial, mas também por parte dessa representação partir do próprio Senado e depois de um resgate da imagem de Cláudio por Vespasiano. Não devemos esquecer que após sua morte, Cláudio fora divinizado. Então a pergunta que cabe é: será que Cláudio é o mesmo das fontes ou que ele somente fora representado deste jeito em favor de uma intenção maior? Atualmente a historiografia tende mais a se aproximar da segunda opinião. Estudos como de Momigliano, Levick, e Osgood tendem a apresentar um Cláudio mais enérgico, com

seus defeitos, mas capaz de realizar um governo dinâmico e de restaurar o regime abalado com a conspiração que levou ao assassinato de Caio Calígula. A historiografia mostra que Cláudio foi resgatado por Vespasiano, mas o fim trágico da Dinastia Flávia com Domiciano levou novamente Cláudio a ter um descrédito por parte dos escritores da antiguidade.

A virada quanto à *imago* de Cláudio ocorre no século XIX, através dos estudos epigráficos e numismáticos. Nos anos de 1930, há uma valorização de Cláudio com o romance de Robert Graves, e o interesse político de governantes como Benito Mussolini e Roosevelt quanto ao seu programa de construções públicas e de centralização política como tipologia comparativa para o fascismo italiano e o New Deal. Após a Segunda Guerra Mundial houve um processo de estudo em massa dos documentos antigos que possibilitasse entender as sociedades antigas profundamente. Não só os personagens ilustres foram estudados, mas as pessoas comuns, buscando pontos de semelhança entre as épocas. Entender a sociedade também era entender a política dessa, e os estudiosos contemporâneos se preocuparam em entender como Cláudio pode utilizar dos instrumentos do Estado para realizar seu governo, sendo ele considerado por alguns um usurpador por ter ascendido apoiado pela Guarda Pretoriana. Outros autores recentes, tais como, Engel & Palanque consideram contudo que

Em todo caso a obra de Cláudio é julgada hoje em dia como bastante positiva. Todos seus empreendimentos externos foram bem sucedidos e ele aperfeiçoou o Império de Augusto. Este espírito tido por confuso organizou a administração central, ordenou o funcionalismo, adotou em relação aos provinciais uma política generosa de assimilação, melhorou as comunicações e o abastecimento, levou a cabo obras úteis e controlou a justiça... Os seus próprios libertos foram reabilitados; todos admiravam a dedicação, a capacidade e o espírito moderno de política desses libertos. Palas, tão desacreditado, foi quem organizou o "fisco" e um regime próspero de finanças pela última vez.²⁰³

Ou

Quando os historiadores romanos se viram desembaraçados do esnobismo anti-claudiano, reconheceram que Cláudio tinha sido o melhor príncipe de Augusto e fizeram-lhe justiça. Quanto os aristocratas contemporâneos, não puderam recusar-lhe esse

²⁰³ENGEL, Jean-Marie; PALANQUE, Jean-Remy. *O Império Romano*. São Paulo: Editora Atlas, 1985, p. 53.

testemunho com que a oportunidade havia favorecido o Estado durante seu governo.²⁰⁴

Sendo assim, os estudos sobre Cláudio têm buscado superar a busca de sua condenação ou promoção para se concentrar na análise de qual terá sido o papel desempenhado por este governante em sua própria época e quais as diferentes apreciações de sua pessoa e governo foram feitas pelas diferentes gerações, buscando compreender cada um destes momentos e seus conflitos com relação ao referencial oferecido por Cláudio e seu principado. Esta Dissertação procurou se constituir como mais uma contribuição neste sentido.

²⁰⁴ *Idem*, p. 51.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Trad. P. A. Brunt & J. M. Moore. Londres: Oxford University Press, 1983.

DIÃO CÁSSIO Dio's Roman History, trad. Earnest C. (1961), London: The Loeb Classical Library]

PETRONIUS; SENECA. *Satyricon; Apocolocyntosis*. With an English translation by W.H.D. House. London: Harvard University Press, 1927.

SILVA, F. S. *Apocolocintose do Divino Cláudio*. Tradução, notas e comentários. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

SÊNECA, *Apocolocintosis*. Madri, Editora Gredos, 1996.

SÊNECA. *Antologia de texto: Epicuro, Tito Lucrécio Caro, Cícero, Sêneca,*

Marco Aurélio. Trad: LEONI, Giulio Davide. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980

_____. *Tratado sobre a Clemência*. Tradução e notas de Ingeborg Bradren. Petrópolis: Vozes, 1990.

SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. Trad: SADY-GARIBALDI. Rio de Janeiro: Ediouro s/a.

TÁCITO, C. *Anais* Trad. CARVALHO, J. L. Freire de. In: *Clássicos Jackson V. XXV*. São Paulo: Editora Brasileira LTDA, 1952

TACITUS. *Annales*. With an English translation by A. J. Woodman. Indianápolis: Hackett Publishing Company, 2004.

Dicionários

HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (Ed). *The Oxford Classical Dictionary*. 3ed. Dicionário. Oxford University Press, 1996.

Livros e Artigos

ANTIQUEIRA, Moisés . *O escudo da virtude e a ideologia do Principado augustano*. Fênix (Uberlândia), v. 5, p. VI. 2008.

BALDWIN, B. *Executions under Claudius: Seneca's "Ludus de Morte Claudii"*. Phoenix, Vol. 18, No. 1, (Spring, 1964), pp. 39-48. Publicado por: Classical Association of Canada. 1964

BARRETT A. A. - *Claudius' British Victory Arch in Rome*. Britannia, Vol. 22 (1991), pp. 1-19. Publicado por: Society for the Promotion of Roman Studies

_____ (org). Vidas de los Césares. Barcelona: Crítica, 2009.

BRANDÃO, José Luiz L. – *Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas Suetonianas*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), 2010.

BOWMAN, A., CHAMPLIN, E., LINTOTT, A. (org). Cambridge Ancient History. Vol.X: The Augustan Empire. Londres, Cambridge University Press, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Ensaio Racionalistas. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988

CHARLESWORTH, Martin Percival. Some Observations on Ruler-Cult Especially in Rome. The Harvard Theological Review, Vol. 28, No. 1 (Jan., 1935), pp. 5-44. <http://www.jstor.org/stable/1508271> 02/07/2009 10:47

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COOK, A., ADCOCK, F. E., CHARLES WORTH, M. P (org). The Cambridge Ancient History. Londres: Cambridge University Press, 1976.

DOMINIK, W.J., GARTHWAITE, J., ROCHE, P.A. (ed) *Writing Politics in Imperial Rome*. Boston: Brill, 2009.

ELSTER, Jon. Peças e Engrenagens das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Relu-me-Dumará, 1995.

ENGEL, Jean-Marie, PALANQUE, Jean-Remy. O Império Romano. São Paulo: Editora Atlas, 1985

FAVERSANI, Fábio. A Sociedade em Sêneca. São Paulo, Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2001.

_____ As relações interpessoais sob o Império Romano: uma discussão da contribuição teórica da Escola de Cambridge para o estudo da sociedade romana. In: CARVALHO, Alexandre Galvão (org.). Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2003, p. 19-42.

FAVRO, Diane. "Pater Urbis": Augustus as City Father of Rome. The Journal of the Society of Architectural Historians, Vol. 51, No. 1 (Mar., 1992), pp. 61-84. <http://www.jstor.org/stable/990641> 05/06/2009 13:28

FITCH, John G. *Seneca*. Oxford University Press, 2008

GIBBON, Edward. Declínio e Queda do Império Romano. Trad. João Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GONÇALVES, A. T. M. . Conflito e Oposição no Alto Império Romano: Breve Balanço Historiográfico. Boletim do Cpa, Campinas, v. 6, n. 11, p. 45-64, 2001

GONZÁLEZ, Julián. *Tácito y lās fontes documentales: Germanici Decernendis (Tabvla Siarensis) y de CN. Pisone Patre*. Sevilha: Universidad de Sevilla y Fundación El Monte, 2002.

GRIFFIN, M. Seneca. *A philosopher in politics*. London: Oxford University Press, 2003.

_____ *The Lyons Tablet and Tacitean Hindsight*. The Classical Quarterly, New Series, Vol. 32, No. 2 (1982), pp. 404-418. Publicado por: Cambridge University Press on behalf of The Classical Association.

_____ *Claudius in Tacitus*. The Classical Quarterly, New Series, Vol. 40, No. 2 (1990), pp. 482-501. Publicado por: Cambridge University Press on behalf of The Classical Association.

HARRISON, S. (ed) *A Companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 1998

JOLY, Fábio Duarte. A escravidão no centro do poder: observações acerca da família Caesaris. Fênix (Uberlândia), v. 4, p. 1-11. 2007.

_____ *Tácito e a metáfora da escravidão: um estudo de cultura política romana*. São Paulo: Edusp, 2004.

_____ *Libertate opus est: Escravidão, Manumissão e Cidadania à época de Nero (54 – 68d.C.)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

JOSHEL, Sandra. *Desire and the Discourse of Empire: Tacitus's Messalina*. Signs, Vol. 21, No. 1 (Autumn, 1995), pp. 50-82. Publicado por: The University of Chicago Press.

LONDON, J. E.. *EMPIRE OF HONOUR*. Oxford University Press, 1997

LEON, Ernest F. - *The Imbecillitas of the Emperor Claudius*. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, Vol. 79, (1948), pp. 79-86. Publicado por: The Johns Hopkins University Press.

LEVICK, Barbara. *Claudius*. Yale University Press, 1990.

MARQUES, Juliana Basto. *Tradição e Renovações da Identidade Romana em Tito Lívio e Tácito*. (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH, 2007.

MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coinage*. Vol. I. London: Spink & son, 1948.

McALINDON, D. *Claudius and the Senators*. The American Journal of Philology, Vol. 78, No. 3 (1957), pp. 279-286. Publicado por: The Johns Hopkins University Press.

MILLAR, Fergus. *The Emperor in the Roman World*. Londres: Gerald Duckworth & Co. Ltd, 2001

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, Edusc, 2004.

_____ *Claudius: The Emperor and his Achievement*. Trans: W. D. Hogarth. Cambridge: W. Heffer & Sons, LTD., 1961.

MOMMSEN, T. *A History of Rome under Emperors*. Londres: Routledge, 1999.

OMENA, Luciane Munhoz de . O poder do Imperator sob a perspectiva de Sêneca. *Revista Alpha (Patos de Minas)*, v. 5, p. 63-72, 2004.

_____ Pequenos poderes na Roma Imperial: o povo miúdo sobre a óptica de Sêneca. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007. P. 115-116.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. LOSA, Manuel. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987 P. 581

PURCELL, N. *Literate Games: Roman Urban Society and the Game of Alea*. Past and Present, No. 147, (May, 1995), pp. 3-37. Publicado por: Oxford University Press on behalf of The Past and Present Society 1995

RAMAGE, Edwin - Denigration of Predecessor under Claudius, Galba, and Vespasian. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 32, H. 2 (2nd Qtr., 1983), pp. 201-214. Publicado por: Franz Steiner Verlag.

RYAN, F. X. - Some Observations on the Censorship of Claudius and Vitellius, A.D. 47-48. *The American Journal of Philology*, Vol. 114, No. 4 (Winter, 1993), pp. 611-618. Publicado por: The Johns Hopkins University Press.

SALLER, Richard. *PERSONAL PATRONAGE UNDER THE EARLY EMPIRE*. Cambridge University Press, 2002

SAILOR, Dylan. *WRITING AND EMPIRE IN TACITUS*. Cambridge University Press, 2008.

SCARRE, C. *Chronicle of the Roman Emperors*. New York, Thames & Hudson, 2001.

SCULLARD, H. H. *From Gracchi to Nero: a history of Rome (133 B.C to A.D. 68)*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006

STEWART, Peter. *Statues in Roman Society: Representation and Response*. Oxford University Press, 2003.

SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford University Press, 2002.

_____ *Tacitus*. Vol.1. Oxford University Press, 1958.

VESSEY, D. W. T. C. *Thoughts on Tacitus' Portrayal of Claudius*. The American Journal of Philology, Vol. 92, No. 3 (Jul., 1971), pp. 385-409. Publicado por: The Johns Hopkins University Press

VEYNE, Paul. Império Romano In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil*. Org: VEYNE, Paul. Trad: Hildegard Feist. São Paulo: Editora Schwarz, 1992.

WALLACE-HADRILL, Andrew. CIVILIS PRINCEPS: BETWEEN CITIZEN AND KING. The Journal of Roman Studies 72 (1982) 32-48.

_____ The emperor and his virtues. *Historia*, v.30, p.298-323, 1991.

_____ *Suetonius*. Londres: Bristol Classical Press, 1995.

WINTERLING, Aloys. *Politics and society in Imperial Rome*. Wiley-Blackwell, 2009

WOODMAN, A.J. (ed). *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge University Press, 2009.

ZANKER, Paul. *The power of images in the Age of Augustus*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988.

ANEXOS

ANEXO 1

Figura 1: [Estátua de Cláudio representado como Júpiter *Optimus Maximus*]

LANUVIO. Estátua do Imperador Romano Cláudio, datada de 37/54 d.C. Exibida na Sala Rotonda do Museu Pio-Clementino no Museu do Vaticano. Foto de Giovanni Dall'Orto



ANEXO 2

Figura 2: [Moedas com a alcunha de Pater Patriae]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 81).



ANEXO 3

Figura 3: [Moedas de Cláudio com a alcunha EX S C OB CIVEM SERVATOS].
MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I.
London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 15).



ANEXO 4

Figura 4: [Moeda do Arco de Cláudio] MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 33).



ANEXO 5

Tabula de Lião. Philippe Fabia, La Table claudienne de Lyon, 1929

La Table claudienne

colonne 1

[sum] mae rerum no[strarum] sit
u[tile]...

Equidem primant omnium illam
cogitationem hominum, quam maxime
primam occursum mihi prouideo,
deprecor, ne quasi nouam istam rem
introduci exhorrescatis, sed illa potius
cogitetis, quam multa in hac ciuitate
nouata sint, et quidem statim ab origine
urbis nostrae, in quod formas statusque
res p[ublica] nostra diducta sit.

Quondam reges hanc tenuere
urbem, nec tamen domesticis
successoribus eam tradere contigit.
Superuenere alieni et quidam externi, ut
Numa Romulo successerit ex Sabinis
ueniens, uicinus quidem, sed tunc
externus ; ut Anco Marcio Priscus
Tarquinius. [Is] propter temeratum
sanguinem, quod patre Demaratho
C[o]rinthio natus erat et Tarquiniensi
matre generosa, sed inopi, ut quae tali
marito necesse habuerit succumbere,
cum domi repelleretur a gerendis
honoribus, postquam Romam migravit,
regnum adeptus est. Huic quoque et
filio nepotiae eius, nam et hoc inter
auctores discrepat, insertus Seruius
Tullius, si nostros sequimur, captiuus
natus Oeresia ; si Tuscos, Caeli
quondam Viuennae sodalis fidelissimus
omnisque eius casus comes, postquam

...soit utile à notre intérêt
général...

Pour moi, la première de toutes,
cette considération que, tout à fait la
première, je prévois qu'on m'opposera,
je vous prie de l'écartier, de
n'appréhender point comme une
nouauté l'introduction de la chose
dont il s'agit, mais de considérer plutôt
ceci, combien nombreuses dans cette
cité furent les innovations, et dès
l'origine même de notre ville, par
combien de formes et d'états notre
république passa successivement.

Jadis des rois possédèrent cette
ville, et cependant il ne leur fut pas
donné de la transmettre à des
successeurs de leur maison. Ceux qui
survinrent à leur place étaient d'une
autre famille, et certains d'un autre
pays, de sorte qu'à Romulus succéda
Numa, venant de chez les Sabins, un
voisin sans doute, mais alors d'un autre
pays ; de même à Ancus Marcius,
Tarquin l'Ancien. Celui-ci, comme par
l'impureté de son sang vu qu'il avait
pour père le Corinthien Démarathus et
pour mère une femme de Tarquines,
noble, mais pauvre, puisqu'elle fut
obligée de subir un tel mari -, il était
exclu chez lui de la gestion des
honneurs, après qu'il eut émigré à
Rome, y obtint la royauté. Entre lui
aussi et son fils ou petit-fils, car sur ce
point encore les auteurs sont en
désaccord, s'intercala Servius Tullius, si

uaria fortuna exactus cum omnibus reliquis Caeliani exercitus Etruria excessit, montem Caelium occupavit et a duce suo Caelio ita appellavit, mutato que nomine, nam Tusce Mastarna ei nomen erat, ita appellatus est, ut dixi, et regnum summa cum rei p[ublicae] utilitate optinuit. Deinde, postquam Tarquini Superbi mores inuisi ciuitati nostrae esse coeperunt, qua ipsius qua filiorum ei[us], nempe pertaesum est mentes regni, et ad consules, annos magistratus, administratio rei p[ublicae] translata est.

Quid nunc commemorem dictaturae hoc ipso consulari imperium ualentius, repertum apud maiores nostros, quo in a[s]terioribus bellis aut in ciuili motu difficiliore uterentur ? aut in auxilium plebis creatos tribunos plebei ? Quid a consulibus ad decemuiros translatum imperium, solutoque postea decemuirali regno ad consules rursus reditum ? Quid in [pl]uris distributum consulare imperium tribunosque mil[itu]m consulari imperio appellatos, qui seni et saepe octoni crearentur ? Quid communicatos postremo cum plebe honores, non imperi solum, sed sacerdotiorum quoque ? Iam si narrem bella, a quibus coeperint maiores nostri, et quo processerimus, uereor, ne nimio insolentior esse uidear et quae sisse iactationem gloriae prolati imperi ultra Oceanum. Sed illoc potius reuertar. Ciuitatem

nous suivons les nôtres, né de la captive Ocrésia. Si nous suivons les Toscans, jadis camarade très fidèle de Caelius Vivenna et compagnon de toute son aventure, après que, chassé par les vicissitudes de la fortune, avec tous les débris de l'armée de Caelius il eut quitté l'Étrurie, il occupa le mont Caelius, et de son chef Caelius il l'appela ainsi ; et ayant changé de nom, car en Toscan il avait nom Mastarna, il fut appelé comme je l'ai dit, et il exerça la royauté pour le plus grand bien de la république. Ensuite, après que le caractère de Tarquin le Superbe devint odieux à notre cité, tant le sien que celui de ses fils, apparemment les esprits se dégoûtèrent de la royauté, et à des consuls, magistrats annuels, le gouvernement de la république fut transféré.

Pourquoi maintenant rappellerais-je le pouvoir de la dictature, plus puissant que ce pouvoir consulaire lui-même, imaginé chez nos ancêtres afin d'en user dans les guerres plus dures ou les troubles civils plus difficiles ? ou bien les tribuns de la plèbe, créés pour venir en aide à cette plèbe ? Pourquoi, le pouvoir transféré des consuls aux décemvirs, et plus tard, la royauté décemvirale abolie, de nouveau le retour aux consuls ? Pourquoi, le pouvoir consulaire distribué entre plusieurs magistrats, qui, appelés tribuns des soldats à pouvoir consulaire, étaient créés par sixaines et souvent par huitaines ? Pourquoi, la participation finale de la plèbe aux honneurs, non du pouvoir seulement, mais des sacerdoce aussi ? A présent, si je racontais les guerres par lesquelles ont commencé nos ancêtres, et jusqu'à quel point nous avons progressé, je semblerais, je le

crains, être orgueilleux plus qu'à l'excès
et avoir cherché l'occasion d'étaler la
gloire d'une extension de l'Empire par
delà l'Océan. Mais plutôt je reviendrai à
mon propos. La cité...

ANEXO 6

Figura 5: *Sebasteion de Aphrodisias*: Cláudio e Agripina. New York University Excavation at Aphrodisias (Institute of Fine Arts, New York)



ANEXO 7

Figura 6: [Moedas de Cláudio e Agripina] MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 119).



ANEXO 8

Figura 7: [Nero como Princeps Iuventis]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 79 e 82)



ANEXO 9

Figura 8: [Letras de Cláudio]. [HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claudian-letters.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claudian-letters.jpg)

The image displays three large, black, stylized letters from the Claudian script. From left to right, they are 'C', 'F', and 'H'. The 'C' is a simple, rounded shape. The 'F' has a thick vertical stem and a horizontal top bar with a slight curve. The 'H' consists of two thick vertical stems connected by a horizontal top bar, with a slight curve to the top bar.

ANEXO 10

Figura 9: [Moedas de Cláudio com a alcunha Imperii Recept]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 20 e 23).



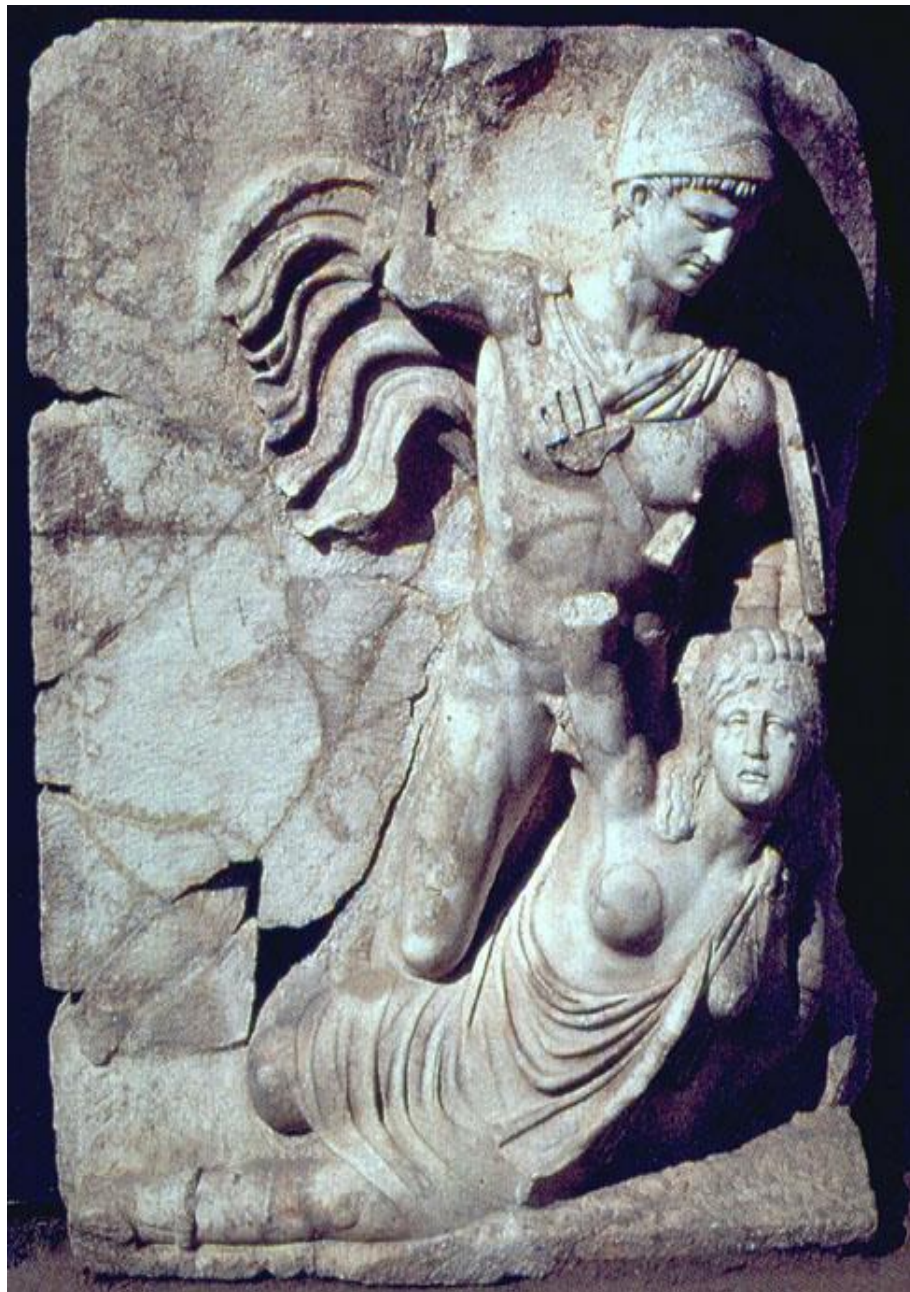
ANEXO 11

Figura 10: [Moedas com as virtudes do Principado de Cláudio]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 66, 99, 113)



ANEXO 12

Figura 11: *Sebasteion de Aphrodisias*: Cláudio conquistando a Bretanha. New York University Excavation at Aphrodisias (Institute of Fine Arts, New York)



ANEXO 13

Figura 12: [Aqueduto Acqua Claudia] Na foto: Porta Maggiore, parte integrante do aqueduto. Fonte: [HTTP: it.wikipedia.org/wiki/File:Porta_Maggiore_Roma.JPG](http://it.wikipedia.org/wiki/File:Porta_Maggiore_Roma.JPG).



ANEXO 14

Figura 13: [Moedas do Principado de Cláudio em louvor a Druso]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. *The Roman Imperial Coins*. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 70).



ANEXO 15

Figura 14: [Moedas do Principado de Cláudio em louvor a Antônia]. MATTINGLY, Harold & SYDENHAM, Edward A. The Roman Imperial Coins. Vol. I. London: Spink & son, 1948. (CLAUDIUS, 66).



ANEXO 16

Moedas do período de Cláudio sobre a Constantia Augusta. Roman Imperial Coins, Claudius. Vol.1, 95

